Convergência

508

JANEIRO/FEVEREIRO • 2018 • ANO LIII

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Marília da Silva Ferreira
Revisão: Agda Sá
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

FELIZ E ABENÇOADO 2018
Ir. Lauro Daros, marista 5

Mensagem do Papa

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2018 8

Santos/Mártires

ZILDA ARNS: O EXEMPLO QUE CONTINUA
Ligia Fumenari Rosa 13

Informes

IR. MARIA CELESTE FERREIRA, STS, MULHER DO AMOR, SEDUZIDA PELA SANTÍSSIMA TRINDADE
Ir. Helena T. Rech, STS 19

MISSÃO NA DIOCESE DE PEMBA, CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE
Ir. Maria de Fátima Kapp, SSPS 23

Artigos

FRATERNIDADE E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA UM CAMINHO DE JUSTIÇA E MISERICÓRDIA
Ir. Eurides Alves de Oliveira 33

A VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA, 50 ANOS DEPOIS DE MEDELLÍN
Víctor Codina, SJ 45

APARECIDA: HÁ 300 ANOS CONDUZINDO A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NO BRASIL
Ir. André Luiz Oliveira – CSSR 54

FRATERNIDADE MISTAGÓGICA, UMA ALTERNATIVA PARA A VITALIDADE DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA
José Sotero dos Santos Neto, FMS 63

A VIDA, COMO VAI?
Pe. Ademir Guedes Azevedo, C.P. 68

FRATERNIDADE CONSAGRADA: RUMO A UM NOVO MODO DE ESTAR JUNTOS
Pe. Amedeo Cencini 75

UMA ESPIRITUALIDADE PARA A REESTRUTURAÇÃO
Jorge Cela, S.J. 90

UM DIÁLOGO ENTRE O CRISTIANISMO E AS CULTURAS, A PARTIR DAS VÍTIMAS DO MUNDO
José Ricardo Zonta 102

FELIZ E ABENÇOADO 2018

Ir. Lauro Daros, marista

Em 14 de janeiro é celebrado o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. O Papa Francisco, em sua mensagem para este dia, expressa especial preocupação pela triste situação de tantos migrantes e refugiados que fogem das guerras, das perseguições, dos desastres naturais e da pobreza. A este respeito, nos lembra dos quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: "Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados".

A seção Mártires/Santos traz a biografia da médica pediatra e sanitarista Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, que faleceu no dia 12 de janeiro de 2010, em Porto Príncipe – Haiti, durante o terremoto que devastou o país e vitimou mais de 200 mil pessoas. Ela estava no Haiti ensinando voluntários e famílias a prepararem o soro caseiro, que salva as crianças da desidratação.

A seção Informe vem com dois textos. O primeiro é da Ir. Helena T. Rech, integrante do Conselho Editorial da CRB, sobre a Ir. Maria Celeste Ferreira, fundadora da Congregação das Servas da Santíssima. Trindade, Congregação Brasileira, fundada no Rio de Janeiro, em 15/06/1946. Irmã Maria Celeste é conhecida como a Mulher do AMOR, seduzida pela Santíssima Trindade.

O segundo texto é da Ir. Fátima, Assessora do Setor Missão da CRB. Trata-se de um relato da visita da Ir. Fátima à missão intercongragacional da CRB na diocese de Pemba, Moçambique, cujo bispo é o brasileiro Dom Luiz Fernando. Motivada pelo Ano da Vida Consagrada, em 2015, a

CRB ampliou o horizonte missionário e voltou o olhar para a diocese de Pemba, a convite especial de Dom Luiz Fernando.

A seção Artigo oferece oito textos. Inicia-se com o texto sobre a Campanha da Fraternidade 2018, da Ir. Eurides: "Fraternidade e a Superação da Violência – Um caminho de justiça e misericórdia". A campanha da fraternidade de 2018 tem como tema: "Fraternidade e a superação da violência", e como lema: "Em Cristo somos todos irmãos" (Mt 23,8).

Pe. Victor Codina fala sobre os 50 anos de Medellín, com o texto "A Vida Religiosa na América Latina, 50 anos depois de Medellín". O autor crê que a contribuição de Medellín para a VRC da América Latina de hoje continua sendo sua afirmação de que a missão da VRC na Igreja é profética. Ainda que a VRC não participe da estrutura hierárquica da Igreja, faz parte de sua vida e santidade e, concretamente, de seu profetismo.

O Ir. André Luiz, redentorista, reflete sobre os 300 anos de Aparecida. Com o texto "Aparecida: Há 300 anos conduzindo a Vida Religiosa Consagrada no Brasil", o autor escreve que os consagrados e consagradas têm um testemunho mariano muito belo a revelar à Igreja, no Brasil. Ele afirma que são muitas as experiências vivenciadas pelos Padres, Irmãos e Freiras que, ao longo de seu itinerário cotidiano, invocam Maria com orações e preces. Muitas vocações religiosas surgiram do amor mariano vivenciado nas famílias pela oração do terço.

Para o Ir. José Sotero, marista, a fraternidade mistagógica é uma alternativa para a vitalidade da Vida Religiosa Consagrada. Citando documentos maristas, o autor mostra que é na fraternidade que se aprende a acolher os outros como dom de Deus, aceitando as suas características positivas e, ao mesmo tempo, as suas diversidades e limitações. É na fraternidade que se aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos. É na fraternidade que se aprende a dimensão missionária da consagração.

A Vida, como vai? Pe. Ademir Guedes pensa que se perguntar sobre a vida significa estar atento às questões do cotidiano dos consagrados e das consagradas, se estão sendo cuidados e se cuidando, se a pastoral é mais afetiva e menos ativista, se estamos encontrando sentido no que fazemos ou estamos só dando continuidade a estruturas caducas. Significa ainda ser profeta, ou seja, ir além das ideologias do nosso tempo, ser consciente e saber deixar presenças e não ter medo de ir ao encontro do desconhecido, como Abraão.

Pe. Amedeo Cencini escreve sobre a fraternidade consagrada, rumo a um novo modo de estar juntos. "Se o homem é essencialmente relação, o

amor é a forma mais alta que pode assumir a relação; é a relação realizada e perfeitamente bem-sucedida, como aquela que o Criador quis estabelecer com a criatura, pensando-a, desejando-a, enfim, criando-a e, depois, redimindo-a com o sangue do Filho".

No texto "Uma Espiritualidade para a Reestruturação", Pe. Jorge Cela ensina que a reestruturação deve ser vivida como uma oportunidade de nos renovar espiritualmente e de reavivar o fogo da vocação que seja capaz de reavivar outros fogos. Para ele, a pergunta que devemos enfocar é: "Que estruturas de governo podem ajudar-nos hoje a revitalizar nossas vidas e nossa missão?".

Por fim, Pe. Ricardo Zonta oferece o artigo "Um diálogo entre o Cristianismo e as culturas, a partir das vítimas do mundo". O autor baseia-se na teoria mimética de Gigard que diz: "O seu modo de apresentar as culturas como um processo que surge de uma rivalidade mimética provocou em mim uma grande impressão. E, segundo a nossa concepção, o termo 'vítima' utilizado por ele, em uma perspectiva moderna e atual, serve para promover um verdadeiro diálogo com as culturas e nos ajudar na nossa escalada do amor".

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2018
(14 DE JANEIRO DE 2018)

"Acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e os refugiados".

Queridos irmãos e irmãs!

"O estrangeiro que mora convosco seja para vós como o nativo. Ama-o como a ti mesmo, ois vós também fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus" (Lv 19,34).

Repetidas vezes, durante estes meus primeiros anos de pontificado, expressei especial preocupação pela triste situação de tantos migrantes e refugiados que fogem das guerras, das perseguições, dos desastres naturais e da pobreza. Trata-se, sem dúvida, de um "sinal dos tempos" que, desde a minha visita a Lampedusa, em 08 de julho de 2013, tenho procurado ler à luz do Espírito Santo. Quando instituí o novo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral quis que houvesse nele uma Seção especial (colocada temporariamente sob a minha guia direta) que expressasse a solicitude da Igreja para com os migrantes, os desalojados, os refugiados e as vítimas de tráfico humano.

Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época (Mt 25,35.43). O Senhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a sua pátria à procura de um futuro melhor.[1] Esta solicitude deve se expressar, de maneira concreta, nas várias etapas da experiência migratória: desde a partida e a travessia até a chegada e o regresso. Trata-se de uma grande responsabilidade que a Igreja deseja partilhar com todos os crentes e os homens e mulheres de boa vontade, que são

1 FRANCISCO (1) Cf. Pio XII, Constituição apostólica *Exsul Familia*, *Titulus Primus*, I.

chamados a dar resposta aos numerosos desafios colocados pelas migrações contemporâneas com generosidade, prontidão, sabedoria e clarividência, cada qual segundo as suas possibilidades.

A este respeito, desejo reafirmar que "a nossa resposta comum poderia articular-se à volta de quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: acolher, proteger, promover e integrar".[2]

Considerando o cenário atual, acolher significa, antes de tudo, oferecer a migrantes e refugiados possibilidades mais amplas de entrada segura e legal nos países de destino. Neste sentido, é desejável um empenho concreto para se incrementar e simplificar a concessão de vistos humanitários e para a reunificação familiar. Ao mesmo tempo, espero que um número maior de países adote programas de patrocínio privado e comunitário e abra corredores humanitários para os refugiados mais vulneráveis. Além disso, seria conveniente prever vistos temporários especiais para as pessoas que, escapando dos conflitos, refugiam-se nos países vizinhos. As expulsões coletivas e arbitrárias de migrantes e refugiados não constituem uma solução idônea, sobretudo quando são feitas para países que não podem garantir o respeito da dignidade e dos direitos fundamentais.[3] Volto a sublinhar a importância de oferecer a migrantes e refugiados um primeiro alojamento adequado e decente. "Os programas de acolhimento difundido, já iniciados em várias partes, parecem facilitar o encontro pessoal, permitir uma melhor qualidade dos serviços e oferecer maiores garantias de bom êxito".[4] O princípio da centralidade da pessoa humana, sustentado com firmeza pelo meu amado predecessor Bento XVI,[5] obriga-nos a antepor sempre a segurança pessoal à nacional. Em consequência, é necessário formar adequadamente o pessoal responsável pelos controles de fronteira. A condição de migrantes, requerentes de asilo e refugiados exige que lhes sejam garantidos a segurança pessoal e o acesso aos serviços básicos. Em nome da dignidade fundamental de cada pessoa, esforcemo-nos por preferir outras alternativas à detenção para quantos entrem no território nacional sem estar autorizados.[6]

O segundo verbo, proteger, conjuga-se em uma ampla série de ações em defesa dos direitos e da dignidade dos migrantes e refugiados, independentemente da sua situação migratória.[7] Esta proteção começa na própria pátria,

---

2 FRANCISCO. Discurso aos participantes no Fórum Internacional "Migrações e Paz" (21 de fevereiro de 2017).

3 Intervenção do Representante Permanente da Santa Sé na CIII Sessão do Conselho da OIM (26 de novembro de 2013).

4 FRANCISCO. Discurso aos participantes no Fórum Internacional "Migrações e Paz".

5 BENTO XVI. Carta encíclica *Caritas in Veritate* (CV). Brasília: Edições CNBB, 2009, n. 47.

6 Intervenção do Observador Permanente da Santa Sé na XX Sessão do Conselho dos Direitos Humanos (22 de junho de 2012).

7 CV, n. 62.

consistindo na oferta de informações certas e verificadas antes da partida e na sua salvaguarda das práticas de recrutamento ilegal.[8] Tal proteção deveria continuar, na medida do possível, na terra de imigração, assegurando aos migrantes uma assistência consular adequada, o direito de manter sempre consigo os documentos de identidade pessoal, um acesso equitativo à justiça, a possibilidade de abrir contas bancárias pessoais e a garantia de uma subsistência vital mínima. Se as capacidades e competências dos migrantes, requerentes de asilo e refugiados forem devidamente reconhecidas e valorizadas, constituem verdadeiramente uma mais-valia para as comunidades que os recebem.[9] Por isso, espero que, no respeito a sua dignidade, lhes seja concedida a liberdade de movimento no país de acolhimento, a possibilidade de trabalhar e o acesso aos meios de telecomunicações. Para as pessoas que decidam regressar ao seu país, sublinho a conveniência de desenvolver programas de reintegração laboral e social. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança oferece uma base jurídica universal para a proteção dos menores migrantes. É necessário evitar-lhes qualquer forma de detenção por motivo da sua situação migratória, ao mesmo tempo que lhes deve ser assegurado o acesso regular à instrução primária e secundária. Da mesma forma, é preciso garantir-lhes a permanência regular ao chegarem à maioridade e a possibilidade de continuarem os seus estudos. Para os menores não acompanhados ou separados da sua família, é importante prever programas de custódia temporária ou acolhimento.[10] No respeito pelo direito universal a uma nacionalidade, esta deve ser reconhecida e devidamente certificada a todos os meninos e meninas no momento de seu nascimento. A situação de apátrida, em que às vezes acabam por se encontrar migrantes e refugiados, pode ser facilmente evitada através de uma "legislação sobre a cidadania que esteja em conformidade com os princípios fundamentais do direito internacional".[11] A situação migratória não deveria limitar o acesso aos sistemas de assistência sanitária nacional e de previdência social, nem à transferência das respectivas contribuições em caso de repatriamento.

Promover significa, essencialmente, empenhar-se para que todos os migrantes e refugiados, bem como as comunidades que os acolhem, tenham condições para se realizar como pessoas em todas as dimensões que compõem a humanidade

---

8 Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes, Instrução *Erga migrantes caritas Christi*, 6.

9 BENTO XVI. Discurso aos participantes no VI Congresso Mundial para a Pastoral dos Migrantes e dos Refugiados (09 de novembro de 2009).

10 BENTO XVI. Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e Refugiado (2010); TOMASI, S. Intervenção na XXVI Sessão Extraordinária do Conselho para os Direitos do Homem sobre os direitos humanos dos migrantes (13 de junho de 2014).

11 Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes e Pontifício Conselho *Cor Unum*, Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas forçadamente desenraizadas (2013), 70.

querida pelo Criador.[12] Dentre tais dimensões, seja reconhecido o justo valor à dimensão religiosa, garantindo a todos os estrangeiros presentes no território a liberdade de profissão e prática da religião. Muitos migrantes e refugiados possuem competências que devem ser devidamente certificadas e avaliadas. Visto "o trabalho humano, pela sua natureza, estar destinado a unir os povos",[13] encorajo a que se faça tudo o possível para se promover a integração socio-laboral dos migrantes e refugiados, garantindo a todos – incluindo os requerentes de asilo – a possibilidade de trabalhar, percursos de formação linguística e de cidadania ativa e uma informação adequada nas suas línguas originais. No caso de menores migrantes, o seu envolvimento em atividades laborais precisa ser regulamentado de modo que se evitem abusos e ameaças ao seu crescimento normal. Em 2006, Bento XVI sublinhava que a família, no contexto migratório, é "lugar e recurso da cultura da vida e fator de integração de valores".[14] A sua integridade deve ser sempre promovida, favorecendo a reunificação familiar – incluindo avós, irmãos e netos – sem nunca o fazer depender de requisitos econômicos. No caso de migrantes, requerentes de asilo e refugiados portadores de deficiência, deve ser assegurada maior atenção e apoio. Embora considerando dignos de louvor os esforços feitos até agora por muitos países em termos de cooperação internacional e assistência humanitária, espero que, na distribuição das respectivas ajudas, sejam consideradas as necessidades (como, por exemplo, de assistência médica e social e de educação) dos países em vias de desenvolvimento que acolhem fluxos enormes de refugiados e migrantes e de igual modo se incluam, entre os beneficiários, as comunidades locais em situação de privação material e vulnerabilidade.[15]

O último verbo, integrar, situa-se no plano das oportunidades de enriquecimento intercultural geradas pela presença de migrantes e refugiados. A integração não é

> uma assimilação, que leva a suprimir ou a esquecer a própria identidade cultural. O contato com o outro leva sobretudo a descobrir o seu "segredo", a abrir-se para ele, a fim de acolher os seus aspectos válidos e contribuir assim para um maior conhecimento de cada um. Trata-se de um processo prolongado que tem em vista formar sociedades e culturas, tornando-as cada vez mais um reflexo das dádivas multiformes de Deus aos homens.[16]

Este processo pode ser acelerado pela oferta de cidadania, independentemente de requisitos econômicos e linguísticos, e por percursos de regularização

---

12 PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio* (PP), n. 14.

13 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Centesimus Annus* (CA), n. 27.

14 Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2007).

15 Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes e Pontifício Conselho 5 *Cor Unum*, Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas forçadamente desenraizadas (2013), 30-31.

16 JOÃO PAULO II. Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado em 2005 (24 de novembro de 2004).

extraordinária para migrantes que possuam uma longa permanência no país. Insisto, mais uma vez, na necessidade de favorecer em todos os sentidos a cultura do encontro, multiplicando as oportunidades de intercâmbio cultural, documentando e difundindo as "boas práticas" de integração e desenvolvendo programas tendentes a preparar as comunidades locais para os processos de integração. Tenho como objetivo frisar o caso especial dos estrangeiros forçados a deixar o país de imigração por causa de crises humanitárias. Estas pessoas necessitam que lhes seja assegurada uma assistência adequada para o repatriamento e programas de reintegração laboral na sua pátria.

De acordo com a sua tradição pastoral, a Igreja está disponível para se comprometer, em primeira pessoa, na realização de todas as iniciativas propostas acima, mas, para se obter os resultados esperados, é indispensável a contribuição da comunidade política e da sociedade civil, cada qual segundo as próprias responsabilidades.

Durante a Conferência das Nações Unidas, realizada em Nova Iorque em 19 de setembro de 2016, os líderes mundiais expressaram claramente a vontade de se empenhar a favor dos migrantes e refugiados para salvar as suas vidas e proteger os seus direitos, compartilhando tal responsabilidade em nível global. Com este objetivo, os países se comprometeram a redigir e aprovar até ao final de 2018 dois acordos globais (*Global Compacts*), um dedicado aos refugiados e outro referente aos migrantes.

Queridos irmãos e irmãs, à luz destes processos já iniciados, os próximos meses constituem uma oportunidade privilegiada para apresentar e apoiar as ações concretas nas quais quis conjugar os quatro verbos. Por isso, convido-vos a aproveitar as várias ocasiões possíveis para partilhar esta mensagem com todos os atores políticos e sociais envolvidos – ou interessados em participar – no processo que levará à aprovação dos dois acordos globais.

Em 15 de agosto, celebramos a solenidade da Assunção de Maria Santíssima ao Céu. A Mãe de Deus experimentou pessoalmente a dureza do exílio (Mt 2,13-15), acompanhou amorosamente o caminho do Filho até ao calvário e agora partilha eternamente da sua glória. À sua materna intercessão, confiamos as esperanças de todos os migrantes e refugiados do mundo e as aspirações das comunidades que os acolhem para que todos, no cumprimento do supremo mandamento divino, aprendamos a amar o outro, o estrangeiro, como a nós mesmos.

Vaticano, 15 de agosto de 2017.
Solenidade da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria

ZILDA ARNS: O EXEMPLO QUE CONTINUA

Ligia Fumenari Rosa

"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância".
(Jo 10,10)

Toda grande história precisa de um bom começo. Esta se inicia em 25 de agosto de 1934, na cidade de Forquilhinha, no sul do estado de Santa Catarina, com o nascimento de Zilda Arns, a 12ª dos 13 filhos de Gabriel Arns e Helena Steiner.

Família

A família Arns chegou ao Brasil em 1846, quando Nikolas Arns e Anna Margaretha Simonis, junto de seus quatro filhos, migraram da Alemanha para Santa Isabel, Santa Catarina.

Três gerações depois, Gabriel Arns, pai de Zilda, junto a alguns outros colonos, fundaria a comunidade de Forquilhinha (SC), em 1912.

Em 1913, Gabriel retorna a Capivari e se casa, em maio do mesmo ano, com Helena Steiner. Após três dias de viagem a cavalo, os recém-casados chegam a sua primeira morada em Forquilhinha.

Em 1922, Gabriel compra, de Frederico Oderding, a rústica casa de comércio, conhecida como a "Venda" e se instala com sua esposa e seus quatro primeiros filhos (Heriberto, Osvaldo, Olívia e Paulo). Lá também nasceriam: Otília, Laura e Hilda.

Com o intuito de prover condições para a comercialização de seus produtos, Gabriel melhorou a fábrica de banha que havia criado e construiu

uma casa de grande porte para moradia e comércio. Foi nesse casarão que nasceram os últimos filhos do casal: Felippe, Max José, Ida, Bertoldo, Zilda e Zélia.

Helena, a mãe de Zilda, lia muitos livros de medicina caseira que recebia da Alemanha e procurava aplicar as recomendações para ajudar os membros da comunidade. Desde pequena, Zilda acompanhava sua mãe enquanto ela recebia as crianças doentes e estava sempre ao seu lado, ouvindo os conselhos, buscando os remédios caseiros e os materiais para os curativos. Helena foi uma grande inspiração para a Pastoral da Criança.

A família Arns preservava muito a cultura de seus antepassados no dia a dia; a religiosidade, a educação e a música sempre foram muito presentes. Dos 13 filhos, 9 se tornaram professores (quatro com doutorado), sendo três religiosas da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora e dois freis franciscanos, dois engenheiros e Zilda, médica.

O ideal de educação do casal era altíssimo. Razão pela qual o futuro dos filhos de Gabriel e Helena não era no casarão ou em Forquilhinha.

Infância

Grandes olhos azuis, tranças loiras e uma covinha na bochecha esquerda, renderam à Zilda o apelido de "Tispi, a bonequinha", que a acompanharia durante toda a sua infância.

Aos 10 anos, Zilda foi com seus irmãos para Curitiba (PR) para continuar os estudos, visto que Forquilhinha só tinha até o primário, a 5ª série do Ensino Fundamental.

Os irmãos moravam em um sobrado construído por seus pais no bairro Água Verde. Os mais velhos estudavam e trabalhavam para ajudar na manutenção da casa. Zilda e sua irmã caçula, Zélia, eram responsáveis por fazer o almoço durante a semana. Zilda concluiu o Ensino Fundamental no Colégio da Divina Providência, dirigido por freiras alemãs, e participava do time de vôlei oficial do colégio, com o qual foi campeã paranaense por dois anos consecutivos. No Ensino Médio, estudou no colégio Sagrado Coração de Jesus e foi campeã de vôlei pela terceira vez. Durante a adolescência, dedicou-se por sete anos à catequese. Lia muitos livros e frequentava nos finais de semana a Congregação Mariana onde seu irmão Felippe era líder.

Escolha da profissão

Aos 16 anos, inspirada pelo exemplo de sua mãe e pelos filmes da Congregação Mariana do Bom Jesus sobre as missões às margens do rio Amazonas e de seus afluentes, e mais tarde sobre a miséria das favelas do Rio de Janeiro, Zilda decidiu que seria médica.

Helena sempre a apoiou, mas o pai, Gabriel, acreditava que ser professora era a vocação da família e que medicina era um curso para homens. Após conversar com seus filhos – Frei João Crisóstomo e Dom Paulo, na época Frei Evaristo – o pai permitiu que a filha seguisse com o curso que achasse melhor para o seu futuro.

Em 1953, Zilda prestou o vestibular na Universidade Federal do Paraná. Eram 960 candidatos para 120 vagas em medicina. Zilda passou junto com 114 homens e mais 5 mulheres.

Durante a faculdade, Zilda estagiou voluntariamente no Hospital Nossa Senhora das Graças e, posteriormente, no Hospital de Crianças César Pernetta.

Casamento

Zilda conheceu seu futuro marido, Aloysio Bruno Neumann, na porta da Igreja do Coração de Maria, que frequentava quase diariamente.

Zilda e Aloysio começaram a namorar firme quando ela estava no 5º ano de medicina e se casaram em 26 de dezembro de 1959, uma semana após a sua formatura. O casal viveu junto por dezoito anos, quando Aloysio teve um enfarto e se afogou aos 46 anos, em Betaras, litoral do Paraná. Juntos tiveram seis filhos: Rubens, Nelson, Heloísa, Rogério e Sílvia, sendo que o primeiro faleceu por trauma no parto.

Carreira

Em 19 de março de 1960, Zilda Arns foi nomeada médica da Secretaria de Saúde do Estado. Trabalhou por 6 anos como médica do Hospital de Crianças, além dos 5 anos como estudante voluntária.

Em 1965, Zilda foi chamada para assumir a direção da rede de Postos de Saúde Materno-Infantis da periferia de Curitiba, coordenados pela APMI Saza Lattes. Foram 13 anos na direção do conselho, que ensinaram a Zilda que equipes capacitadas e motivadas para a missão, assim como a periodicidade dos atendimentos e a amizade, estimulam a qualidade e a

humanização dos serviços. No mesmo período (1967 a 1974), foi diretora da Divisão de Proteção Social do Departamento Estadual da Criança.

Em 1979, destacou-se por operacionalizar um plano intersetorial em benefício da Criança na Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, que unia as Secretarias de Saúde, Educação, Agricultura, Prefeituras e Igreja, e definia as quatros prioridades do trabalho em conjunto: aleitamento materno, vacinação, saneamento básico e a utilização da soja na merenda escolar e pelas famílias.

Em 1980, rompeu, em União da Vitória (PR), uma epidemia de poliomielite. O então secretário de saúde, Dr. Oscar Alves, a nomeou para coordenar a Campanha de Vacinação Sabin. O grande sucesso da campanha fez com que Zilda fosse chamada ao Ministério da Saúde para apresentar a metodologia utilizada e os resultados aos demais secretários de saúde, responsáveis pela vigilância sanitária dos Estados, uma vez que a epidemia se alastrava.

Em seguida, foi convidada a dirigir o Departamento de Saúde Materno-Infantil do Estado do Paraná. Destacando-se por reorganizar os Postos de Saúde do Estado, priorizando ações básicas de saúde materno-infantil. Junto à Secretaria de Educação, iniciou o programa de Saúde Escolar.

Pastoral da Criança

Em 1982, em uma reunião sobre a paz mundial, da Organização das Nações Unidas (ONU), o então diretor executivo do Unicef, Sr. James Grant, convenceu Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, de que a Igreja poderia ajudar a salvar milhares de vidas se ensinasse as famílias a preparar o soro caseiro e, assim, evitar a desidratação.

Depois de voltar ao Brasil, Dom Paulo perguntou a sua irmã, Zilda Arns, se ela teria interesse em tornar esse projeto realidade. Zilda, que à época era viúva há cinco anos, aceitou planejar o trabalho e desde o início tinha certeza de que ele deveria ser altamente replicável, barato, atraente e impulsionado pelo amor fraterno.

Inspirada pelo exemplo de sua mãe e pelo trabalho como pediatra e diretora de postos de saúde, Zilda se baseou na metodologia que Jesus aplicou no episódio narrado pelo Evangelho de João do milagre da multiplicação de cinco pães e dois peixes, que saciaram a fome de mais de 5 mil homens, e a adaptou para a realidade das comunidades, por meio de líderes (voluntários) capacitados e que, com o espírito da fraternidade cristã, multiplicassem o saber nas famílias vizinhas.

Dom Geraldo Majella Agnelo, à época arcebispo de Londrina (PR), foi indicado pela CNBB, em 1983, para acompanhar o trabalho. Dom Geraldo acompanhou o trabalho da Pastoral da Criança por oito anos seguidos, ajudando a abrir caminhos e superar dificuldades.

Junto à Unicef, optou-se por iniciar o trabalho em uma única paróquia para testar a metodologia, antes de expandi-la para o Brasil.

À época, o município com maior índice de mortalidade infantil no Paraná era Florestópolis, pertencente à arquidiocese de Londrina, com 127 mortes por mil crianças nascidas vivas. Em setembro de 1983, Zilda Arns realizou a primeira capacitação de líderes na cidade.

Em um ano, os índices de mortalidade infantil caíram de 127 para 28 mortes por mil crianças nascidas vivas. As crianças e gestantes eram acompanhadas com muito amor e carinho e cada líder capacitado multiplicava seu saber para 10 a 20 famílias.

Ao saber do sucesso da Pastoral da Criança, Dom Luciano Mendes de Almeida pediu que Zilda apresentasse a iniciativa na Assembleia Geral dos Bispos em Itaici, São Paulo, em 1984.

Muitos obstáculos e críticas surgiram no processo de expansão da Pastoral da Criança. Algumas pessoas achavam que pesar as crianças e ensinar às mães a fazer o soro caseiro era papel do governo. Mas, por meio de bispos, irmãs e amigos, Zilda Arns e Dom Geraldo conseguiram levar a metodologia para novas cidades.

Hoje, a Pastoral da Criança está presente em todos os Estados brasileiros, atua em mais de 30 mil comunidades, acompanhando cerca de um milhão de crianças e 56 mil gestantes em 808 mil famílias cadastradas, e conta com o apoio de mais de 160 mil voluntários, dos quais 90 mil são líderes capacitados nas ações da Pastoral da Criança.

Além do Brasil, a organização está presente em mais 11 países da África, Ásia, América Latina e Caribe.

Deus me plasmou e hoje sou o que na minha adolescência imaginei ser: a missionária médica para milhares de crianças e famílias pobres. Cuido da Vida em Abundância, isto é, como papai dizia: "O médico deve ter compreensão do contexto e de suas influências sobre a saúde humana".[1]

---

1 NEUMANN, Zilda Arns. *A família de Gabriel Arns e Helena Steiner e seus descendentes até 2012*. Otília Arns, 2012, p. 50.

Falecimento

A Drª. Zilda faleceu em12 de janeiro de 2010, em Porto Príncipe – Haiti, durante o terremoto que devastou o país e vitimou mais de 200 mil pessoas, entre elas a médica pediatra e sanitarista fundadora da Pastoral da Criança. Zilda estava no complexo ao lado da Igreja Sacré Coeur de Tugeau, ensinando os voluntários e as famílias a prepararem o soro caseiro.

Premiações

Drª. Zilda Arns Neumann recebeu o título de Cidadã Honorária de 11 Estados e 37 municípios brasileiros, 19 prêmios (nacionais e internacionais) e dezenas de homenagens de governos, empresas, universidades e outras instituições pelo trabalho realizado na Pastoral da Criança.

Pelo seu trabalho na área social, recebeu diversas condecorações, tais como: Woodrow Wilson, da *Woodrow Wilson Fundation* (EUA), em 2007; o Opus Prize, da *Opus Prize Foundation* (EUA), pelo inovador programa de saúde pública que ajuda milhares de famílias carentes, em 2006; Heroína da Saúde Pública das Américas (OPAS/2002); 1º Prêmio Direitos Humanos (USP/2000); Personalidade Brasileira de Destaque no Trabalho em Prol da Saúde da Criança (Unicef/1988); Prêmio Humanitário (Lions Club Internacional/1997); Prêmio Internacional em Administração Sanitária (OPAS/ 1994); títulos de Doutor *Honoris Causa* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Universidade do Extremo-Sul Catarinense de Criciúma, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Sul de Santa Catarina.

Museu da vida

Criado em 2014, o Museu da Vida é espaço de aprendizado, cultural, interativo, de encontros e de produção de saberes e tem como objetivo promover informação e reflexão através de exposições e ações educativas sobre saúde, nutrição, educação e cidadania no cuidado com a criança na família, bem como preservar a memória da missão da Drª. Zilda Arns Neumann.[2]

2 Memorial Drª. Zilda: https://www.pastoraldacrianca.org.br/museudavida/exposicoes/permanentes/memorial-dra-zilda.

IR. MARIA CELESTE FERREIRA, STS, MULHER DO AMOR, SEDUZIDA PELA SANTÍSSIMA TRINDADE[1]

Ir. Helena T. Rech, STS[2]

Ir. Maria Celeste Ferreira nasceu na cidade de São Paulo em 08 de janeiro de 1915, em uma família de dez irmãos, sendo sete mulheres e três homens. Seus pais eram Luis e Zulmira Leme Ferreira. Família profundamente religiosa e praticante da Fé cristã. Desde o berço, Celeste é envolvida pelo amor, carinho e o testemunho de retidão e solidariedade de seus pais, avós e familiares. Viveu sua infância e início da juventude em um ambiente familiar cristão e socialmente abastado, o que lhe possibilitou dedicar-se aos estudos e à música, um de seus muitos dons. Tocava piano desde os clássicos até os contemporâneos. Mais tarde, Maria Celeste teve possibilidade de estudar em Louvain, na Bélgica, onde fez o doutorado de Letras e Línguas Neolatinas.

No período de férias do colégio gostava de passear com suas irmãs e primas, Afonso Ferreira e Maria Salomé Leme Ferreira, na fazenda dos avós, em Bragança Paulista, onde dedicava seu tempo à evangelização dos colonos dos cafezais. Esta "missão" junto aos trabalhadores simples, muitos descendentes de escravos, culminava com missa, confissões, batizados e

---

1 Fundadora da Congregação das Servas da Santíssima Trindade, Congregação Brasileira, fundada no Rio de Janeiro, em 15/06/1946. Ir. Maria Celeste faleceu em SP, em 05/09/2004. No local onde ela viveu está o seu Memorial, tem seu quarto, objetos pessoais e escritos.

2 Membro do Conselho Editorial da CRB.

casamentos. Experiência que aquecia seu coração jovem e a confirmava em seu desejo de ser "toda da Santíssima Trindade".

Em sua busca constante de ser inteiramente da Santíssima Trindade e de anunciar a todas as pessoas o mistério da Inabitação, descobre-se vocacionada aos 15 anos após ler com grande interesse o livro: *Memórias de Isabel da Trindade*, Carmelita de Dijon. Após esta leitura escreveu em seu diário: "Compreendi que só Deus poderia saciar minha sede de um amor absoluto". Seu amor e intimidade com a Santíssima Trindade começou muito cedo: "a Santíssima Trindade foi o grande amor de toda minha vida, embora não me lembre exatamente em que época fui despertada pelas Pessoas Divinas". Seu pai não gostou da ideia de que Maria Celeste fosse para a Vida Religiosa, pois a achava muito jovem para tal decisão. Finalmente consentiu quando ela estava com 18 anos.

A Espiritualidade Trinitária e o Mistério da Inabitação sempre foram sua paixão e sua vocação. Ao ler a vida de Santa Elizabete da Trindade, aos 15 anos, declarou-se "seduzida pela Santíssima Trindade" e escreve no seu diário espiritual: "minha vocação é Amar!". Registra também sua firme decisão: "Eu estava já decidida a deixar o mundo e suas vaidades o mais depressa possível, pois via claramente que só o absoluto de Deus podia preencher minha vida. E, de outro lado, tendo visitado outras congregações, convenci-me de que o ideal trinitário com o qual eu sonhava não existia em nenhum lugar".

Mulher "seduzida" por seu grande AMOR, Deus Uno e Trino, fez de toda sua vida, sonhos, alegrias, desafios, sofrimentos e purificações, a busca constante do "Amor e Glória da Trindade".

A vida de oração e contemplação das pessoas divinas a tornaram uma mulher apaixonada e destemida, a tal ponto de oferecer-se como vítima a ser "consumida" por amor à Santíssima Trindade.

"Amar, deixar-se amar e fazer amar a Trindade" é a vocação fundante de Maria Celeste. Vocação do amor, da interioridade, da contemplação, em favor da vida e da dignidade humana. Sempre envolvida com "seu Hóspede Divino" e com o olhar voltado para o horizonte, para a realidade, para a missão trinitária que os "sinais dos tempos" lhe apontavam.

Ir. Maria Celeste, uma mulher sempre aberta aos toques da Graça em seu coração, igualmente aos "sinais dos tempos". Fundou a Congregação das Servas da Santíssima Trindade, em 15/06/1946. Na época todas as Congregações usavam hábito. Mas, em 1956, muito antes do Concílio Vaticano II (inaugurado em 11/10/1962), Ir. Maria Celeste inicia, com as irmãs, o

processo de simplificação do hábito Religioso. Pouco mais tarde, em 1957 as irmãs saem para trabalhar sem hábito e só o usam em casa. Pouco tempo depois o hábito foi abolido devido ao trabalho profissional e às viagens missionárias em vários Estados e Dioceses o Brasil.

Este é um aspecto de sua abertura. O mais importante foi a preocupação de que todas as Religiosas se beneficiassem e aprofundassem os documentos conciliares. Para isso, promovia cursos e encontros com as irmãs, adquiriam os documentos e os estudavam nas comunidades. Possibilitava às Irmãs cursos como: Catequese, Liturgia, Pastoral, para que estivessem preparadas para a missão.

Ir. Maria Celeste participou também da Fundação da UISG[3] e, em sua primeira Assembleia Eletiva, foi escolhida como Conselheira. Neste período em que participava da Diretoria da UISG, encontrou-se mais de uma vez com Madre Teresa de Calcutá em Roma, e visitou uma das suas casas onde abrigava os mais pobres.

No ano seguinte, é fundada a CRB no Brasil. Ir Maria Celeste participa ativamente desta Fundação, bem como da fundação da USGCB[4] da qual foi secretária e sempre presença ativa em suas assembleias.

Mulher investidora, inovadora, atualizada sobre assuntos Eclesiais, Vida Consagrada, Política, Sociedade e mundo. Tudo isso permeado de profunda oração e contemplação; abertura ao novo e discernimento amadurecido na intimidade com a Trindade a quem amava e adorava em seu coração.

Consciente de que a vivência da Inabitação Trinitária seria entrada pelo "caminho estreito" da ascese, das noites escuras, do esvaziamento e solidão: "Quando se tem por única missão amar Deus e fazê-lo amado, é preciso enfrentar desapegos bem penosos à natureza e ao coração humano". Porém, não temia se entregar por inteiro, mas tantas vezes se sentia impotente, frágil e limitada diante da violência, dos assassinatos, da droga, do tráfico de seres humanos, especialmente de crianças e mulheres, da pobreza e exclusão humana e escreve: "Nos momentos de desânimo, de impotência (...) mergulharei nesse oceano de Amor que, no fundo de minha alma, jorra do Pai ao Filho e do Filho ao Pai".

Mulher da ternura, do despojamento, da interioridade, da intelectualidade, da música e da poesia, da comunhão e solidariedade, que sabia conjugar com simplicidade, alegria, acolhida e sociabilidade. "A Santíssima Trindade foi o grande amor que dominou toda minha vida!".

3 União Internacional das Superioras Gerais.

4 União de Superioras Gerais de Congregações Brasileiras.

Conhecer esta "mulher apaixonada" pela Santíssima Trindade é convite a ser uma pessoa enamorada por Deus Uno e Trino, único capaz de preencher nosso coração sedento de AMOR.

Amar é tornar-se uma pessoa de paz, de unidade, de silêncio, de solidariedade, para que surja uma nova humanidade, um mundo justo para todos – habitando nossa "Casa comum" e "Comunidade de Vida" irmanada no amor do Pai, do Filho, do Santo Espírito.

> Maria Celeste deixou nas pegadas de seu caminho o que é chamado a amar indivisivelmente Deus e o próximo (...). Quanto ao amor de Deus, talvez tenhamos aqui a maior surpresa: desde adolescente, ajudada pela leitura da mística francesa, Santa Elisabeth da Trindade, carmelita em Dijon, a Ir. Maria Celeste contradiz o senso comum e até especialistas da grandeza do teólogo Karl Rahner, um dos mais marcantes do século XX. Rahner observou que o fato de Deus ser Trindade era tão pouco sentido na vida dos cristãos a ponto de que se algum dia se anunciasse que não, que Deus não é Trindade, isso praticamente nada mudaria na espiritualidade cristã. E, no entanto, aqui está alguém que testemunha exatamente o contrário: Ir. Maria Celeste não se compreenderia sem a inabitação trinitária, sem este sol que iluminou dia e noite sua alma, e este oceano no qual cotidianamente se sentiu imersa. A experiência trinitária de Deus foi seu tesouro, sua pérola interior, pela qual tudo deixou e viveu, e que ela deu em herança à sua Congregação e a todos os cristãos que quiserem provar destes raios luminosos e desta água cristalina: Deus é Trindade porque é Amor irradiante, e Deus é Amor porque é Trindade hospitaleira. Esta herança preciosa nunca vai se esgotar em quem se puser no mesmo caminho. E nunca se vai agradecer bastante Ir. Maria Celeste por ter deixado este testemunho em herança.[5]

Esta linda e profunda herança deixada às suas filhas, como "pérola preciosa" pertence à Igreja e a todo o povo de Deus. A Congregação das Servas está presente em quatro regiões do Brasil. A missão de anunciar o Amor da Trindade e tornar o mistério da Inabitação conhecido, amado e vivenciado, acontece preferencialmente nos espaços de missão inserida nos meios populares, nas comunidades Ribeirinhas da Amazônia, em uma Casa de Retiros, através de assessorias em diferentes níveis, presença junto aos cursos e equipes da CRB, junto à juventude e outros. As Servas buscam, como sua Fundadora, tornar a Santíssima Trindade conhecida e amada, resgatar a pessoa humana e sua dignidade de "Templo vivo" da Santíssima Trindade e vivenciar o Lema: "Tudo para a glória da Trindade". Formamos a "Comunidade de vida" e habitamos nossa "Casa Comum" irmanadas(os) no Amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, presente e atuante em cada coração e no coração da humanidade.

---

5 Fr. Luiz Carlos Susin, Texto de Apresentação do livro: *O segredo de um grande amor* – Diário Espiritual de Ir. Maria Celeste, organizado pela Ir. Helena Rech, Paulinas, outubro/2017.

MISSÃO NA DIOCESE DE PEMBA, CABO DELGADO, MOÇAMBIQUE

Ir. Maria de Fátima Kapp, SSPS
Assessora do Setor Missão da CRB Nacional
Brasília, 08 de agosto de 2017

Interpeladas(os) por esta prioridade: "Missão, Profecia e Juventudes: Intensificar a presença missionária e a atuação profética nas situações de fronteiras: humanas, geográficas, sociais, culturais e periferias com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada", e motivadas(os) pelo ano dedicado à da Vida Religiosa Consagrada, em 2015, ampliamos o nosso horizonte missionário e voltamos nosso olhar para a diocese de Pemba, situada na Província de Cabo Delgado, em Moçambique.

Breves dados da realidade

Moçambique está classificado entre os cinco países mais pobres do mundo. O Estado de Cabo Delgado, situado na região norte do país, é o segundo mais pobre do país. Cerca de 40% da população têm menos de 15 anos de idade; o índice de nascimentos é alto, mas a mortalidade infantil é também uma realidade constante na vida das famílias moçambicanas, devido às precárias condições de subsistência, higiene e saúde. Pemba é a capital do Estado de Cabo Delgado. A cidade está ladeada pelo mar, pois se trata de uma baía. É a terceira maior baía do mundo. A beleza geográfica é exuberante em Moçambique. As praias são belíssimas, desfrutadas por turistas nacionais e estrangeiros. Muitos estrangeiros adquirem terras e

constroem casas e hotéis para aluguel e hospedagem de turistas do mundo todo. O povo, em sua grande maioria, não tem condições de desfrutar dessa beleza que a natureza lhe oferece. A maior parte das pessoas que residem nas aldeias nunca viu o mar.

A vida urbana tem se desenvolvido muito nos últimos anos. Há comércio, lojas e até *shopping*. Em Pemba, o transporte público é feito em vans particulares. Sempre muito lotadas. O dia a dia nas aldeias consiste em uma rotina básica, ou seja, de subsistência e, por que não dizer, de sobrevivência. O dia inicia-se bem cedo; cerca de 4h30 começa o despertar da aurora. As mulheres e as crianças começam a se movimentar. As mães varrem em torno das casas em homenagem aos antepassados das famílias, vão buscar água nas fontes, "furos" ou barragens, pilam arroz, mandioca ou outro alimento e se dirigem para as "machambas" (lavouras). Elas são as principais responsáveis em alimentar os filhos e, normalmente, as famílias são numerosas. Às mulheres cabe a carga mais pesada dos serviços; além desses mencionados, a elas correspondem cortar o capim e carregá-lo na cabeça, geralmente a uma longa distância até a casa. O marido o coloca na cobertura da casa. Ainda é a mulher que carrega lenha para cozinhar. Leva a lenha na cabeça e uma criança na capolana, às costas. No mês em que passei em Moçambique, não vi nenhum homem carregar criança, baldes de água ou feixes de capim. Madeira e varas de bambu, vi algumas vezes, mas lenha quem carrega é a mulher. As crianças são muitas. Um grande número fora das escolas. Brincam o dia inteiro, antes das 6h da manhã já se ouvem as suas vozes. São alegres, correm, inventam brinquedos e sempre que saíamos de casa, em Silva Macua, surgiam muitos, "brotavam do nada", em poucos minutos estávamos rodadas de meninos, em sua maioria, e nos acompanhavam, rindo e olhando para nós.

Diocese de Pemba

A diocese abrange todo o Estado de Cabo Delgado. Possui vinte e quatro padres, Congregações Religiosas Femininas e três Leigas Consagradas. A diocese de Pemba, geograficamente, é quase do tamanho de Portugal, sendo que este tem 18 dioceses e quase quinhentos sacerdotes, além de lideranças leigas. A dinamicidade, o amor missionário e o incansável trabalho do bispo, dom Luiz Fernando Lisboa, têm levado à Pemba missionárias e missionários de várias nacionalidades, sobretudo do Brasil. O bispo tem lançado apelo às congregações e dioceses e muitas têm acolhido o seu pedido por "trabalhadores(as)" para esta messe do Senhor.

Além da atuação Pastoral-evangelizadora, há envolvimento profético nas Pastorais Sociais, pois há situações gritantes que desrespeitam os direitos inalienáveis das pessoas. Nessas circunstâncias, a voz profética e defensora da vida que ecoa nessas terras sem Lei é a voz da Igreja Católica. As autoridades, que deveriam cuidar, proteger e planejar melhores condições de vida à população, nem sempre o fazem. Muito pelo contrário, há interesses particulares, corrupção e contratos com empresas estrangeiras que levam embora as riquezas naturais do país, como minérios, enquanto a população fica cada vez mais empobrecida. O sistema educacional deixa muito a desejar. Crianças e adolescentes que conseguem frequentar a escola são privilegiados. Mas, mesmo assim, aprendem pouco. O estudo é fraco. Os educadores não recebem incentivos por parte dos órgãos e autoridades, e muitos desses professores subornam os pais para que os alunos sejam passados para a classe seguinte, mesmo sem o conhecimento correspondente.

Comunidade INTER Salawe

Desde 2014, atua nessa diocese Dom Luiz Fernando, passionista, brasileiro. Anteriormente, ele atuou oito anos como missionário. Respondendo ao veemente apelo de dDm Luiz, a Conferência dos Religiosos do Brasil enviou para Pemba, em setembro de 2016, um grupo de quatro missionárias religiosas, de congregações diferentes.

Ir. Ana Da Glória Alves Rolim – Irmãs Franciscanas P. Recoletinas de Oirschot.

Ir. Francisca Da Silva Maia – Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Ir. Neuza Aparecida Bernardo – Irmãs Franciscanas da Penitência.

Ir. Telma Silva De Oliveira – Irmãs da Purificação de Maria Santíssima.

Após um período de preparação pelas congregações, de acompanhamento pelo Setor Missão da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB Nacional e de participação do Curso *Ad Gentes* (AG), as Irmãs foram enviadas para essa Missão.

As Irmãs residem e atuam em Silva Macua, aldeia que fica a 10km da Paróquia de Metoro e 80km da cidade de Pemba. Estão iniciando as suas atividades nas pastorais em geral: visitas às comunidades, Pastoral da Criança e da Mulher, Nutrição, Catequese, assistência às pessoas e suas famílias que trabalham no garimpo. Uma das Irmãs assumiu a coordenação da Escola Comunitária de Educação Infantil Silva Macua e outra Irmã colabora com outras religiosas na educação em Metoro.

A ampliação da casa onde as Irmãs residem ficou pronta no final de fevereiro. As Irmãs mudaram-se para lá em 26 de fevereiro, porém falta quase tudo na missão, não há água instalada, nem luz elétrica. Faltam alimentos para a população, material escolar, carro para locomoção, livros para catequese, liturgia e aprendizagem nas escolas. A população busca água manualmente nas proximidades em uma barragem construída pela Caritas diocesana. No período de seca, as Irmãs compram água para colocar na cisterna e a trancam para que não seja roubada. Em agosto, compraram cinco caminhões de água para o consumo da casa. Para ingerir e cozinhar, pegam água na casa paroquial, quando vão lá por algum motivo.

Viagem Missionária a Moçambique

Para conhecer um pouco a realidade e acompanhar a equipe missionária da comunidade INTER Salawe, orientar o seu retiro, fazer reuniões de avaliação e perspectivas, viajei à diocese Pemba, Cabo Delgado, Moçambique, o período da visita missionária foi de 07 de julho a 07 de agosto de 2017. Partilho aspectos relevantes dessa viagem e experiência missionárias.

a. Alegria da chegada em Pemba. A lua cheia iluminava o céu de Pemba, no início da noite de 08 de agosto de 2017, quando o avião pousou em Pemba. Havia viajado 25horas, com cinco paradas e conexões, desde Brasília. Pensei: "a lua testemunha a minha alegria de chegar a este solo sagrado, do continente africano, de onde partiram tantas pessoas para o nosso Brasil e para onde vêm muitos missionários e missionárias". Fui acolhida, de forma carinhosa, pelo bispo Dom Luiz Fernando, a comunidade Inter Salawe e outros(as) missionários(as).

Seguimos logo para a Aldeia de Silva Macua. A lua cheia iluminava o nosso caminho. Chegamos em casa com a escuridão da noite. Apesar do escuro, consegui olhar a casa que havia visto somente em fotos. Jantamos à luz de velas, conversando, animadamente, a respeito das novidades.

No dia seguinte, domingo, foi indescritível a alegria ao entrar na capela Santa Catarina de Sena, ao som das vozes das crianças e adolescentes que cantavam animadamente hinos religiosos, na língua Makua. Em seguida, participamos da celebração dominical em três idiomas: Makua, Makonde e Português. No final da celebração, com duração de 2 horas, apresentei-me à comunidade e novamente cantos e discursos de acolhida. Participei do encontro da Infância e Adolescência Missionária, reunindo crianças de várias idades, com muita animação.

À tarde, a comunidade acolheu missionárias e missionários para o encontro setorial. Houve reflexão, oração e confraternização. Esse primeiro dia de minha estada em Moçambique, domingo, foi repleto de alegria e bênçãos.

b. Paróquia de Metoro: é a Paróquia a qual a comunidade INTER Salawe pertence. Em 10 de julho fomos convidadas a jantar com os padres Daniel Nhangoia, natural do Quênia, pároco, e Élcio, brasileiro. Participamos da celebração eucarística com os catequistas que faziam um curso no salão paroquial. A nossa comunidade levou massa de pastel e lá preparamos os pastéis e juntos comemoramos o aniversário do Pe. Élcio.

c. Irmãs Filhas de Jesus: residem em Metoro, bem próximo da Igreja, e administram a Escola de Educação Infantil e Ensino fundamental. Essas Irmãs acolheram a nossa equipe por quase seis meses, enquanto a casa destinada à sua residência, em Silva Macua, estava em ampliação. Naquele período, as nossas quatro missionárias colaboraram na escola, com reforço escolar, no centro de Saúde Alternativa, na costura e outros serviços. Irmã Telma ainda ajuda três dias por semana no reforço escolar. Em 11 de julho, Irmã Francisca, gentilmente, levou-me para conhecer essa missão onde as Irmãs Filhas de Jesus trabalham. O contato com as crianças, mesmo sem saber o idioma, foi muito gratificante. Elas logo aprenderam o meu nome e competiam para segurar em nossas mãos, enquanto andávamos pelo pátio, na hora do recreio, e gritavam meu nome "Irmã Fátima"!

d. Encontro Formativo das Mulheres: tive a oportunidade de acompanhar as Irmãs Francisca e Ana da Glória a um encontro de mulheres no interior, reunindo representantes de quatro comunidades. Esse encontro realizou-se em 12 de julho. As mulheres chegaram, algumas trazendo lenha na cabeça, outras baldes de água e crianças na capolana e mais uma ou duas puxando pelas mãos. O idioma constitui uma barreira. Sempre se precisa de tradução. As próprias mulheres, mesmo que entendam o português, sentem-se intimidadas em fazer a tradução, sobretudo quando há homens presentes. As Irmãs estão, aos poucos, encorajando-as para se disporem a fazer a tradução nos encontros. O tema e o conteúdo do estudo daquele dia foram a profecia das mulheres na Igreja e na Sociedade, com destaques para algumas personagens femininas da Bíblia.

A interação e participação das mulheres no encontro foram muito positivas e alegres. Os momentos de dinâmicas eram uma verdadeira festa, com risos, cantos e danças. As Irmãs providenciaram um gostoso almoço para as participantes e crianças. Chamou-me atenção vê-las sentadas em esteiras no chão, comendo com as próprias mãos. Na parte da tarde visitamos pessoas doentes, sendo que duas senhoras precisaram ser buscadas pelas Irmãs no dia seguinte para serem levadas ao hospital.

e. Visita às escolas em Silva Macua e Projeto VIDA: pela manhã de 13 de julho, Irmã Neuza acompanhou-me para conhecer a Escola de Educação Infantil que ela coordena. Trata-se de uma Escola Comunitária administrada pela diocese, por meio da Cáritas. São três turmas. Fui recebida com cantos de boas-vindas em português e makua. Também conheci a Escola do Ensino Fundamental I. Pude ver como se constrói as casas de barro, pois um dos pequenos pavilhões estava em reforma, feito em mutirão pelos alunos e alunas.

f. O Projeto VIDA é uma iniciativa de Irmã Neuza e comunidade INTER Salawe. Movidas pela compaixão por verem a precariedade em que vivem as crianças da aldeia, desnutridas, doentes e sem perspectiva de vida saudável, lançaram um apelo no *facebook*, solicitando auxílio. O atendimento se dá três vezes na semana – às terças, às quartas e às quintas-feiras. Às 15h é servida uma refeição substanciosa e são dadas orientações às mães. O projeto atende quinze crianças de até três anos. Está funcionando há dois meses e é notável a melhora das crianças. As mães manifestaram a alegria em seus depoimentos. Acompanhei uma refeição das crianças e pude interagir com as mães e a Irmã Neuza.

g. Momento de encontro com Dom Luiz Fernando: no mesmo dia, 13 de julho, Dom Luiz Fernando veio nos visitar em nossa comunidade, em Silva Macua, e pudemos conversar longamente, em um clima alegre e sereno. Partilhamos alegrias da missão, como desafios, dificuldades e sonhos. Fazia muitos anos que não o encontrava. Ele integrou, por duas vezes, a ERM (Equipe de Reflexão Missionária da CRB Nacional), nos anos de 1995 a 1997, quando fui assessora dessa equipe e depois que ele retornou de Moçambique. Quando eu soube que ele havia sido nomeado bispo da diocese de Pemba, senti insistente apelo para colaborar nessa missão, ajudando-o, de alguma forma. Mas nessa época nem sabia de que maneira poderia fazê-lo. No ano seguinte, em 2015, fui convidada para assessorar, novamente, o setor Missão da CRB Nacional e, por consequência, coube a mim organizar e acompanhar a primeira comunidade INTER, em Pemba. Deus acolheu minha oferta e cuidou das mediações para concretizar meu anseio de colaborar nessa missão de Pemba. Em tudo dou graças ao Senhor, Deus Uno e Trino.

h. Visita ao seminário em Montepuez: a convite de Dom Luiz Fernando, em 14 de julho, acompanhei-o ao santuário de Nossa Senhora de Fátima, a 110km, onde ao lado se situa o seminário, nível do propedêutico. Nesse dia, realizou-se a celebração eucarística, seguida do almoço de encerramento do semestre letivo do grupo do propedêutico. Todos os estudantes se mostraram alegres, com cantos ao som de tambores.

i. Encerramento do curso de catequistas: no sábado, 15 de julho, participamos do encerramento do curso para catequistas, que teve a duração de trinta dias. O grupo era constituído de quarenta e seis catequistas, sendo somente duas jovens, uma religiosa e outra catequista. O curso realizou-se na Paróquia de Metoro, mas foi em nível diocesano.

j. Retiro das Missionárias: dos dias 16 a 22 de julho orientei o retiro anual para as Irmãs da comunidade INTER Salawe, com o tema "relações humanizadoras e solidarias". O local que nos acolheu foi a casa das Irmãs Mercedárias. Foi um período de bênçãos, oração, contemplação e descanso. Sentimo-nos iluminadas e fortalecidas pela Palavra de Deus para retornarmos à missão que o Senhor nos confia. Foi uma experiência de Deus e convivência comunitária, a partir de nossa partilha de fé e vida.

k. Encontro dos Religiosos em Nampula. Viajei, nos dias 24 a 26 de julho, com Dom Luiz Fernando e o Pe. Daniel, para Nampula, onde tive a graça de participar da assembleia eletiva das religiosas e religiosos, em Nampula. Dom Luiz Fernando refletiu com o grupo sobre a temática "a que profecia somos chamadas(os)". A partir de pessoas de nossa atualidade e personagens bíblicos que deram respostas proféticas na história da salvação, refletimos, buscando luzes para iluminar a atual conjuntura da Igreja e da Sociedade. Sentimo-nos interpeladas(os) mediante os inúmeros desafios do país de Moçambique, como violência, corrupção, violação das jovens e mulheres, sistema educacional que não considera o educando, alto índice de analfabetismo, mortalidade Infantil, HIV, pobreza crescente, trabalhos nos garimpos, violência, entre outros. Houve a eleição para a nova coordenação da Conferência dos Religiosos da Província de Nampula. Naqueles dois dias hospedei-me na casa das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Na volta, tivemos várias paradas para entregar a "Revista Vida Nova", nas Paróquias que se localizam pelo caminho para Pemba. Chegamos em nossa casa, Silva Macua, para o almoço.

l. Celebração na Comunidade Namacuile: com Pe. Daniel, Ir. Neuza e Ir. Francisca, em 28 de julho, fomos celebrar com o povo desse local. Saímos cedo de casa, às 6h15, e chegamos à comunidade às 8h. A estrada nem traçado tinha visto que passam poucos carros. Tínhamos de seguir procurando o caminho por entre buracos, capins, casas, passando por entre pedras de córregos secos. Chamou-me atenção a pobreza expressa na maneira de se vestir das pessoas e no olhar triste das crianças. A celebração eucarística foi bem participada. Irmã Neuza ensinou cantos em Português às crianças e adolescentes. O Pe Daniel, no final da missa, retomou questões sobre a catequese e avaliação para os sacramentos do Batismo e da Primeira Eucaristia. Almoçamos em umadas famílias e, novamente, eles sentaram-se no chão e comeram sem talhares.

m. Dia de lazer e convivência comunitária: planejamos o dia 29 de julho, aniversário de Ir. Ana da Glória, para fazer um passeio em uma praia, em Pemba. Além da comunidade, convidamos Dom Luiz Fernando e o Pe. Salvador Brito. Foi um dia bem descontraído, alegre, propício para desfrutar a exuberância das águas transparentes e mornas daquela praia. Pudemos conversar, rir e, descontraidamente, partilhar fatos de nossas andanças missionárias e de nossas vidas.

n. Celebramos votos perpétuos: Ir. Sandra Vilela Eleutério, da Congregação das Irmãs de São José de Chambery, brasileira, professou seus votos perpétuos, na Paróquia Imaculada Conceição, em Mocímboa da Praia, em 30 de julho. Ir. Neuza e eu fomos de carona com Dom Luiz Fernando e Pe. Salvador. Foram 3horas de viagem por uma estrada bastante esburacada, mas toda asfaltada. A celebração sucedeu-se no santuário ecológico, à sombra de mangueiras centenárias, ornamentadas festivamente. Os cantos foram entoados pelo coral, com músicas em português e na língua makonde. A missa teve 4h30min de duração. Houve danças litúrgicas efetuadas por jovens, adolescentes e crianças. Depois da celebração, sucederam-se os cumprimentos à Ir. Sandra e homenagens da comunidade eclesial e dos distintos grupos: jovens, senhoras, crianças, avós.

Interessante que quase todos vestiam as roupas confeccionadas com o mesmo tecido (capolana) da festejanda. Informando-me a respeito desse costume, fiquei sabendo que a festejanda adquire a peça de tecido, com antecedência, e vende para as pessoas que confeccionam a sua roupa com os detalhes desejados; as mulheres moçambicanas normalmente usam as capolanas. Havia uma multidão participando da celebração. Em sequência à missa, cumprimentos e homenagens, às 15h serviu-se um lanche para todos os participantes e almoço aos/às religiosos(as), familiares e alguns convidados, na casa das Irmãs em outro local.

o. Almoço no Paço Episcopal: finalizando o mês, na segunda-feira, 31 de julho, aproveitando que estava agendado almoço com o bispo, unimos outros compromissos em Pemba. Fizemos reunião com a Ir. Morena (Mercedárias), Ir. Andrea (Servas da Anunciação), Ir. Neuza e eu. As duas irmãs atuam na Cáritas e administram as Escolas Comunitárias da Diocese. O assunto da reunião foi sobre a Escolinha de Silva Macua, acompanhada pela Ir. Neuza, que a partir do reinício das aulas, em agosto, assumirá a coordenação geral.

Na casa do bispo havia vários padres que chegaram para o dia de retiro e convivência, na terça-feira. Em um clima descontraído e fraterno, pudemos ter contato com missionários de outras localidades. Dom Luiz Fernando acolheu-nos com muita gentileza, demonstrando seu carinho e atenção para com todos, mesmo estando ocupado com a reunião do conselho.

Chamou-me a atenção, na cidade de Pemba, a sua beleza. Trata-se de uma baía, e o espaço episcopal situa-se em frente do mar. Uma vista belíssima. Ainda visitamos as irmãs discípulas. Fomos recebidas pela Ir. Carmem, também brasileira, que demonstrou grande alegria pela nossa visita. Retornamos à noite para casa.

p. Visita das Vocacionadas das Irmãs Pastorelas de Pemba em Silva Macua. O mês de agosto, dedicado às vocações, iniciou-se com a alegria de acolhermos, em nossa casa, Ir. Raquel e um grupo de onze formandas moçambicanas da Congregação das Irmãs Pastorelas. Foi um dia de alegre convivência e partilha. Há um vínculo estreito entre as irmãs da comunidade INTER Salawe e a referida comunidade. Na chegada de nossas quatro missionárias à Pemba, com Ir. Inês, foram acolhidas por essas irmãs por quinze dias.

q. Encontro com as Servas do Espírito Santo, Verbitas e a comunidade INTER: desde que cheguei em Moçambique procurei uma maneira de me comunicar com os membros de minha família religiosa. Por fim, conseguimos agendar um encontro. Acolhemos a sugestão do pároco de Metoro e organizamos um encontro com os(as) brasileiros(as): SSpS, SVD, a comunidade INTER e Pe Daniel, na Ilha de Moçambique e almoçarmos juntos. À tarde, fomos para a casa das Servas e Verbitas em Monapo. Lá conhecemos mais três verbitas e duas irmãs. Foi um momento intercongregacional e internacional de grande alegria e enriquecimento mútuo. Viajamos na madrugada do dia 02 de agosto e retornamos a Silva Macua na tarde do dia 03 de agosto. Na viagem de ida, passamos pela comunidade das Irmãs Salesianas, que solicitaram ao Pe. Daniel que presidisse a celebração eucarística. Convidaram-nos para participar e tomarmos juntos o café da manhã, celebrando o aniversário da coordenadora da casa. Na volta, passamos no santuário de Nossa Senhora Mãe, santuário "Alua"

r. Visita às Irmãs Servas da Anunciação: trata-se de uma comunidade constituída de três Irmãs brasileiras que assumiram a Paróquia de Mieze, a 30km de Pemba. Também assumiram outros trabalhos na diocese. Essas Irmãs convidaram-nos para um almoço, em 04 de agosto. Além da "feijoada" típica brasileira, foi um momento de conhecer mais a realidade desse povo e dessa missão desafiadora. As Irmãs atuam há três anos. Partilharam os desafios e obstáculos enfrentados e superados quando chegaram a Pemba, os sofrimentos com a malária e as tentativas de prevenção.

s. Despedida da Comunidade Salawe, com danças: no domingo, 06 de agosto, na festa da transfiguração do Senhor, na celebração, as crianças da Infância e Adolescência Missionária expressaram sua gratidão pela minha presença nesse período, por meio de uma dança de oferta e agradecimento. Cada uma trouxe um punhado de amendoim descascado, juntaram e me presentearam.

Também fui convidada para fazer a reflexão da Palavra. Foi uma linda experiência do Espírito de Deus, visto ser um tema profundamente teológico e um desafio à tradução. Porém, senti-me iluminada pelo Espírito Divino, que conduziu para que se concretizasse esse tema para a nossa vivência. À tarde, recebemos a visita simpática e alegre do Pe. Salvador.

t. Despedida: na noite de 06 de agosto, Dom Luiz Fernando telefonou convidando-nos para almoçar no paço episcopal na segunda-feira, antes de irmos ao aeroporto.

u. Oração de celebração de Ação de Graças: 07 de agosto amanheceu nublado, mas o céu clareou logo e o sol veio forte e radiante. No louvor da manhã, fizemos memória do mês intenso vivido e o amor de Deus que nos acompanhou e perpassou nossos corações. Foi uma oração vivencial e de Ação de Graças. Depois viajamos para Pemba. Almoçamos na casa do bispo, com outros missionários e missionárias. O grupo das missionárias, Pe. Salvador e Pe. Daniel acompanharam-me ao aeroporto. Havia outra irmã missionária que viajou no mesmo voo comigo até o Brasil, seguindo para a Colômbia. E um grupo de cinco voluntárias de Portugal chegou para um mês de atuação na Paróquia de Metoro. Assim fechamos, com chave de ouro, a programação de minha estada na diocese de Pemba e visita missionária.

v. Viagem a Johannesburg e Brasil: o voo foi tranquilo. Fazia muito calor em Pemba e muito frio em Johannesburg, com lareiras acesas. Como precisei pernoitar em Johannesburg, hospedei-me em uma pousada de uma senhora portuguesa, nas proximidades do aeroporto. Segui para São Paulo e Brasília no dia seguinte. Tudo foi tranquilo com a graça de Deus.

w. Chegada ao Brasil – São Paulo/SP: longa viagem, 11horas seguidas de voo. Rezei, descansei, assisti a filmes e meditei a respeito da vida e da experiência vivenciada ao longo do mês.

x. Em Brasília, novamente: "Senhor, que minha vida seja amor e gratidão!".

FRATERNIDADE E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA UM CAMINHO DE JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

Ir. Eurides Alves de Oliveira

A campanha da fraternidade de 2018 tem como tema "Fraternidade e a superação da violência", e como lema "Em Cristo somos todos irmãos" (Mt 23,8). Em sintonia com este tema/realidade, que nos desafia a construir a cultura da paz, o presente artigo discorre sobre as múltiplas faces e cenários e causas das violências que desfiguram a face de Deus e degradam a vida e a dignidade humana, sobretudo das populações empobrecidas, e as interpelações que estes cenários apresentam para a vocação/missão da Vida Religiosa Consagrada, hoje.

Inicio com esta poesia escrita por Irmã Manuela Rodríguez Piñeres da congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, a partir da experiência de acompanhamento a mulheres em situação de prostituição e tráfico humano.

SE SOUBESSES...

"Se soubesses, irmã, quantas lágrimas temos derramado... se soubesses...".

Ó... que saberemos nós na própria pele da violação desmedida a seus direitos, do excesso planejado de maldade?

Sabemos por que seu coração se abre confiante, por que seus olhos deixam cair lágrimas de dor e de medo...

Hoje te vi, mulher de pele negra,
com teu rosto tenso, encoberto pela tristeza, presa do terror.
Teus olhos avermelhados derramando lágrimas para dentro
e tua voz como um gemido sussurrando: "Tenho medo, muito medo".

De fato, teu medo é muito real, vem à tua memória imagens de companheiras assassinadas pelo despotismo e inumanidade de quem as explorou.

E sentes as saudades de tua pátria distante,da paisagem, de teus filhos e filhas e de algum outro parente...
Lembras-te com angústia das dívidas impostas por mãos opressoras.

Sente-te e é verdade que tens sido explorada, enganada,
sem esperança do retorno ao sonho que te lançou à "aventura".
E te perguntas: será realmente uma aventura?

Tuas aspirações mais legítimas de melhorar a vida
lançaram-te sem rumo ou talvez ao rumo dos que negociaram
com tua credibilidade, com tua fé simples e singela,
com o jeito próprio de tua terra natal.

E chegas ao país de teus sonhos atravessando mares,
debruçando-te sobre obstáculos e removendo escombros,
acreditando na promessa de um futuro melhor para ti e teus filhos,
para acabar com a dor e a crescente exclusão.

Antes de prosseguir conceituando e descrevendo sobre os conceitos, faces e cenários e as causas das violências, convido você, querida irmã, querido irmão, a silenciar, a colocar-se no lugar desta MULHER, e a partir de sua dor, auscultar no mais profundo de você mesma(o) o clamor que brota das multidões de pessoas que sofrem violências em nossos dias, (...) deixe que seus gritos, seus medos e seu clamor por compaixão e justiça o(a) mova, comova e mobilize na busca de uma compreensão lúcida e critica, uma intervenção solidária e profética pelos caminhos de superação das violências e a construção da Fraternidade e da Paz, que é fruto da Justiça (Is 32.17).

Conceituando violência

Etimologicamente, a palavra violência origina-se do latim *violentia*, que significa "veemência, impetuosidade", de *violentus*, o que age pela força, relacionada ao verbo *violare*, tratar com brutalidade, desonrar, ultrajar.

No dicionário *Aurélio* encontramos os seguintes elementos:

- Ação, ato ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra alguém – exercício injusto ou arbitrário de força ou de poder.
- Força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência.
- Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação.
- Cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no relatório mundial sobre violência e saúde, em 2002, conceitua violência como "o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação".[1]

Minayo concebe a violência como um fato humano, social, histórico e institucional que consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros indivíduos, grupos e coletividades. Seguindo e ampliando está visão conceitual e analítica, Marilena Chauí afirma que "a violência representa a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior (...). A ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência".[2]

A Violência é, portanto, um fenômeno complexo e multicausal. É uma ação determinada através das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Entende-se por violência qualquer situação em que uma pessoa perde o reconhecimento do seu papel de sujeito e é rebaixada à condição de objeto, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer outra forma de coerção.

A partir destes preâmbulos, muitos outros autores e autoras têm abordado o tema da violência, com diferentes matizes teóricos, com enfoques gerais e/ou específicos. Salvo as diferenças nas conceituações, todos são coesos em afirmar que a categoria violência comporta múltiplos significados. Portanto, não podemos utilizar o termo no singular, pois "(...) não existe violência, mas violências, múltiplas, plurais, em diferentes graus de visibilidade, de abstração

---

1 Krug EG et al., eds (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization.

2 CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. Em Perspectivas Antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro: Zahar,1985, p. 25-62.

e de definição de suas alteridades".[3] Isso evidencia que a realidade da violência necessita ser interpretada em suas várias faces, de forma interligada.

Violência(s): conceito e realidade complexa com múltiplas faces e cenários.

A tal da violência que parece agir como um espectro ou fantasma, esconde-se ou dissemina-se, é tratada como uma epidemia, um vírus, um Micróbio, ou como um Sujeito onipresente, onisciente, onipotente. Que diabo é esse? O que unifica nesse nome conflitos, crimes e comportamentos tão diferentes? O que nos faz pensarque tudo isso tem um nome só?[4]

A violência tornou-se, nos últimos anos, um dos temas mais debatidos na sociedade brasileira em função de seu agravamento em termos quantitativos e qualitativos. Junto com a chaga do desemprego, é elencada como uma das realidades que mais afligem, preocupam, ferem e destroem a vida das pessoas, das famílias e comunidades em todo território nacional.

Na verdade, estes são tempos de muitas injustiças e violência, sobretudo em relação aos mais pobres e vulneráveis (...) as violências antigas e estruturais vieram se somar a outras mais recentes, como a da guerra no trânsito nas cidades e das estradas, com mais de cinquenta mil vítimas neste último ano, a da exploração e opressão do sistema financeiro e da mídia, que faz da violência um espetáculo rentável.

Chovem ademais as denúncias de violência doméstica contra crianças, adolescentes e mulheres, de violência urbana contra jovens pobres e negros, moradores de rua ou simples passantes, de violação dos territórios indígenas e quilombolas, com constante ameaça a seus direitos; de exploração de operários(as) e trabalhadores(as) rurais; de surtos de intolerância política, religiosa e racial e de gênero, de persistência do trabalho escravo e das mazelas dos sistemas de saúde e do sistema prisional. Acrescente-se a violência crescente do desemprego, do tráfico de drogas e de pessoas; dos grupos de extermínio e da truculência policial contra os movimentos reivindicatórios.[5]

---

3 MISSE, M. *Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), Rio de Janeiro, 1999.

4 Idem.

5 BEOZZO, José Oscar e FRANCO, Cecília Bernardete (orgs.). Curso de verão: ano XXX: educar para a paz em tempos de injustiças e violência. São Paulo: Paulus, 2016. Vários autores.

Estas múltiplas faces de violências revelam um drama humano, social, cultural e político que nos causa espanto, dor, insegurança, medo e indignação. Que se impõe como uma realidade contrária ao projeto de Deus e ao direito inalienável da vida em sociedade.

Para uma melhor compreensão das expressões, causas e efeitos nocivos desta triste e degradante realidade, apresentamos uma simples classificação que, cremos, nos ajudará a adentrar e intervir com maior embasamento no enfrentamento desta rede de violências que queremos substituir por redes de fraternidade e paz.

- **Violência criminal:** praticada por meio de agressão grave às pessoas, por atentado à sua vida e aos seus bens. Hoje, no Brasil, dentre os gravíssimos problemas criminais estão as gangues e as redes de exploração sexual que atuam vitimando crianças e adolescentes por todo o país; a exploração do trabalho escravo, a exploração do trabalho infantil e juvenil; o tráfico de pessoas, de drogas e de armas.
- **Violência estrutural/sistêmica:** gerada pela estrutura social injusta e desigual. Refere-se às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas, que produzem a miséria, a fome e as várias formas de submissão, exploração e repressão. É produzida pela organização econômica e política baseada na distribuição desigual do poder, dos recursos e das oportunidades.
- **Violência institucional:** realizada dentro das instituições, sobretudo por meio de suas regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas, reproduzindo as estruturas sociais injustas.
- **Violência interpessoal:** trata-se de relação violenta na resolução dos conflitos. A violência é, principalmente, uma forma de relação e de comunicação. Quando essa interação ocorre com prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costuma produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive morte. Vivenciamos na atualidade um processo de exacerbação das relações sociais de ódio, intolerância entre as pessoas. Grande parte das mortes por agressões corpo a corpo, por armas brancas e armas de fogo, ou por uso de outros objetos contundentes, se deve à violência interpessoal. Esse processo está associado ao aumento das desigualdades, ao efeito do desemprego crescente, à falta de perspectiva no mercado de trabalho, à facilidade de acesso a armas, à impunidade, à arbitrariedade policial, à ausência ou à omissão das políticas públicas e espetacularização midiática da violência.

- **Violência psicológica:** acontece por meio de ameaça, insulto, chantagem, constrangimento, humilhação, manipulação, vigilância permanente, ridicularização, perseguição (...) causando danos e doenças emocionais e psíquicas.
- **Violência doméstica e intrafamiliar.** Acontece dentro dos lares, por membros da família ou pessoas que residem neste espaço: trata-se das relações e/ou conflitos familiares transformados em intolerância, abusos, agressão e dominação. Esta forma de violência tem séculos de história e perpassa todos os contextos geográficos, sociais formando uma cultura que se expressa em usos, costumes, atitudes, negligências e atos violentos contra mulher, criança, jovens, idosos (...).
- **Violência auto infligida**: refere-se aos atos suicidas e automutilações. Práticas que têm crescido na última década, sobretudo entre as juventudes.
- **Violência cultural:** expressa-se por meio de valores, crenças, mitos, práticas, reproduzidos e naturalizados. Nessa categoria podem ser classificadas todas as formas de violência que são naturalizadas na cultura de um povo, de um grupo ou de uma sociedade. Manifesta-se sob a forma de discriminações e preconceitos prejudicando, oprimindo ou às vezes até eliminando os diferentes: mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiências, populações LGBT (...).
- **Violência de gênero:** constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações desiguais estruturalmente construídas e reproduzidas socioculturalmente, através da violência contra alguém por ser mulher, homem ou de outra orientação sexual.
- **Violência étnico-racial:** é uma das mais insidiosas formas de violência cultural. São violências étnicos-raciais, práticas racistas e discriminatórias contra pessoas negras, indígenas, migrantes, refugiados (...).
- **Violência sexual:** é aquela que leva alguém a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada por meio de intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que promove comercialização ou utilização de qualquer modo, da sexualidade de alguém. Aqui se insere as práticas criminosas do assédio sexual, estupro, prostituição forçada, tráfico de pessoas para fins de exploração sexual (...).
- **Violência religiosa:** é motivada por intolerância religiosa.
- **Violência simbólica:** acontece via linguagem, arte, religião, mídia e outros sistemas simbólicos, que reforçam relações assimétricas e hegemônicas, desqualificações, preconceitos e violências de todas as formas.

Diante desta classificação simples e limitada, mas, ao mesmo tempo, ampla e complexa das múltiplas categorias das violências que rasgam o tecido humano-social dos corpos e territórios de nossa gente, cabe a nós afirmar que, antes de ser um problema intelectual, as violências são, na cotidianidade, práxis sociopolíticas desumanizadoras. Uma forma arbitrária de poder que ceifa a vida e a dignidade dos indivíduos, famílias, comunidades e populações inteiras. A poesia de Cintia Machado evidencia de forma contundente este cenário cotidiano.

Onde está a humanidade?
Corações petrificados
Que matam sem piedade.
Famílias que deixaram de existir
Crianças que brincam no céu
Mais um caso,
e mais um
e outro...

Sem palavras
Sem segurança
Sem ao menos esperança.

Culpa da corrupção?
Guerra entre polícia e ladrão...
Quem é quem?
Em terra de ninguém.
Lágrimas que rolam nas faces,
são lágrimas de sangue.
De alguém que não se sabe quem
morreu em vão...

Cintia Machado dos Santos

As causas raízes das violências em nossa contemporaneidade

Esse cenário violento marcado pela insegurança, medo e dor se expande bruscamente por toda parte. Seu enfrentamento exige de toda a sociedade novas reflexões, posturas e esforços conjuntos que incidam em ações e

processos transformadores eficientes e eficazes na prevenção e superação. Urge neste intento superar as visões simplistas e estigmatizantes sobre as violências, que normalmente culpabilizam as vítimas, estigmatizam pessoas e espaços, principalmente as populações pobres das periferias, acirram o ódio e os conflitos e criminalizam os movimentos e organizações populares. Faz-se necessário pensar as violências em suas causas estruturais a partir de uma análise crítica e sistêmica.

A análise das questões sociais, e aqui especificamente das violências, deve ser norteada pela criticidade que busca desvelar as razões, a construção histórica e as disputas de interesses entre classes sociais que resultam em instituições, em modelos econômicos e em mecanismos de controle sobre determinadas camadas da população.

A causa raiz destes contextos e expressões de violências está no sistema social, econômico e político (capitalista neoliberal) que é injusto e excludente. Que violenta e mata milhares pessoas das mais variadas formas. Um sistema insuportável, como afirmou o Papa Francisco aos movimentos sociais na Bolívia em 2015: "Este sistema é insuportável. Não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos (…)". Todos os dias somos testemunhas oculares ou por meio dos noticiários e das cifras diversas que atestam o crescimento em larga escala do extermínio das juventudes, do feminicídio, do abuso sexual e a exploração das crianças e adolescentes, do tráfico de pessoas para as diversas modalidades de exploração: exploração sexual, trabalho escravo, servidão doméstica, venda de órgãos, mendicância; do genocídio dos povos indígenas, da repressão e assassinatos das lideranças dos movimentos sociais do campo e da cidade. Como afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG), "(...) enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigar a violência".[6]

Esta visão não exclui a necessidade de pensar também outros fatores e dimensões que incidem em práticas de violências, como questões antropológicas, educacionais, culturais, religiosas e outras. Podemos afirmar que estruturalmente a violência é uma prática sócio-política decorrente do sistema capitalista, hoje globalizado. Um mecanismo de sua reprodução e sustentação, através do comércio e uso de armas, drogas e pessoas, da incitação midiática ao consumo, aos padrões de beleza, ao sexo livre e à pornografia, ao uso do poder e da força como canais de sucesso e fama.

---

6 FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 59.

Com esta visão, o caminho de superação das violências, proposto pela Campanha da Fraternidade 2018, nos coloca diante de dois grandes desafios. O primeiro, de intensificarmos nossa compaixão, misericórdia e promoção das pessoas vitimadas pelas violências, sendo presença humana e solidária; outro, de um agir evangélico-político-profético em prol da ruptura deste sistema de exclusão e morte e o estabelecimento da justiça e da paz.

Vida Religiosa Consagrada compassiva, misericordiosa e profética – uma resposta de amor ao drama das pessoas que sofrem violência

Seguir Jesus amando e servindo os pobres e sofredores é marca característica da missão da Vida Religiosa Consagrada desde suas origens. Todos os carismas das congregações, salvo suas peculiaridades, surgiram a partir de um clamor e um desejo de dedicar-se a Deus no compromisso com os sofredores da história. Cuidar, defender e promover a vida ameaçada é imperativo bíblico-profético de todos os tempos. A partir do Concilio Vaticano II, a VRC respondeu a este mandato com mais ousadia e vigor missionário, assumindo estar com entranhas de misericórdia junto aos pobres e injustiçados, nas periferias e fronteiras, ouvindo seus clamores, consolando suas dores, curando as feridas e traumas, fomentando processos de solidariedade e cidadania.

Agir com misericórdia e compaixão foi sempre uma eloquente interpelação e horizonte missionário para a VRC, e muito mais o é em nossos dias diante destes cenários de tantas violências e injustiças.

> "Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador e da trabalhadora excluídos, do indígena oprimido, da família sem teto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho em um tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes "rostos e nomes" estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e nos comovemos. Porque "vimos e ouvimos", não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne".[7]

Aguçar nossa sensibilidade, sentir a dor do outro e da outra como nossa própria dor e colocar-se ao seu lado como irmão e irmã é a condição primeira para agir com misericórdia e compaixão diante das pessoas vitimadas pelas múltiplas violências. Só um coração sensível e solidário é capaz de

---

7 FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Coleção Sendas. Volume 4. Brasília: Edições CNBB, 2015.

romper com a razão instrumental, a indiferença, a frieza, o silêncio social e as justificativas simplistas e superficiais para o drama das pessoas excluídas e violentadas.

A VRC, em particular a vida religiosa inserida em meios populares, desde a renovação pós-conciliar vem tecendo muitas e significativas iniciativas de presença solidária, misericordiosa e compassiva junto aos pobres e excluídos, com especial atenção aos sujeitos mais vulneráveis às violências e violações de direitos: mulheres, crianças e adolescentes, juventudes, migrantes, vítimas do tráfico humano, povos indígenas, trabalhadores(as) rurais, populações de rua, presidiários(as), entre outros, com práticas de acolhida, escuta, visitação, formação, organização e mobilização.

No entanto, os clamores seguem eloquentes, urgentes e desafiadores. E mais do que nunca o brado de Deus nos chega através do grito das pessoas violentadas em sua dignidade, corpos e direitos. Ouvir e acolher o grito destas pessoas é para a VRC uma incisiva convocação evangélica, uma causa que brada aos céus, provoca indignação, pede compaixão samaritana e ousadia profética.

Ser presença samaritana e profética junto às pessoas que sofrem violências desafia a Igreja e a VRC a intervirem e agirem com força carismático-profética de forma articulada com outras pessoas, grupos e organismos que atuam no enfrentamento desta realidade no espírito das bem-aventuranças: Compaixão, Misericórdia, Solidariedade, Justiça.

Na proximidade com as pessoas que sofrem violências, é preciso ser capaz de revelar a elas, mais por gestos do que por palavras, o rosto misericordioso de Deus, que as ama, enxuga as lagrimas e as acolhe e promove e lhes devolve a esperança como bem-aventuradas do Reino de Deus.

Viver a misericórdia e a profecia junto às pessoas vitimadas pela violência neste horizonte das bem-aventuranças que nos lança para uma VRC em saída é mais que uma tarefa, trata-se de um itinerário de fé e entrega da vida em fidelidade a Jesus e ao seu projeto de vida em abundância para todos, onde justiça e paz se abraçarão.

Considerações finais

Como inspiração e método para adentrarmos sempre mais neste universo dos clamores e das possibilidades de superação das violências, e assim poder contribuir de forma mais eficaz com a CF/2018, além de todas as chaves de leituras que nos vêm das ciências humanas e sociais, os aprendizados das

experiências de "boas práticas" acumuladas pela VRC e por tantos outros grupos e organizações que atuam neste campo, o princípio teológico da misericórdia cunhado pelo teólogo salvadorenho Jon Sobrino é sem dúvida um caminho que nos referência, sustenta e qualifica.

Para Sobrino, o principio misericórdia interpela e desafia o cristão para a prática libertadora, revestida de compaixão e solidariedade. Trata-se do compromisso ético-espiritual de "descer da cruz os pobres". Um caminho que abarca dimensões de espiritualidade, ética e compromisso sócio-político, no seguimento de Jesus junto aos crucificados da história.

O princípio da misericórdia desenvolvido por Sobrino busco, aqui, em seis passos, apresentar de forma muito sucinta como uma possibilidade de aprofundamento e vivência.

1. Despertar dos sonos da ortodoxia e do egocentrismo e tomar consciência da cruel desumanidade em que vivem os pobres e percebê-los como vítimas, produto do pecado e da injustiça.

2. Ter novos olhos para ver e analisar com profundidade a realidade desde suas causas. Ver com "honradez com o real", deixando que a realidade seja o que é, sem manipular sua verdade, sem ocultá-la.

3. Escutar a palavra da realidade que é uma exigência nascida do próprio coração de Deus. É também uma interpelação eclesial, quando o Concílio Vaticano II insiste na necessidade de discernir os "sinais dos tempos".

4. Dar voz à realidade como um movimento libertador de Deus. Se a realidade fala, e Deus pode falar nela e através dela, sobretudo em forma de "clamor", intuição fundamental da fé cristã – "a palavra e os clamores da realidade" e pedagogia do próprio Deus.

5. Ter olhos novos para ver a verdade das pessoas, dos pobres e injustiçados na inteireza do seu ser e a verdade de Deus presente neles. Uma articulação orgânica revelação de Deus e as vítimas deste mundo desumano.

6. aminhar com Deus e descer da cruz os povos crucificados. Historicizar e encarnar a misericórdia com quem é ferido no caminho. Trata-se da inteligência e práxis libertadora de Deus, movida pela misericórdia. Um princípio configurador e mobilizador de fé e vida, compaixão e justiça, reflexão e ação, anúncio e denúncia na missão de quem segue Jesus pelos caminhos dos últimos dos últimos.

Neste caminho místico-profético de enfrentamento das violências e a afirmação da inviolabilidade da vida e da dignidade humana, com a importância dos pequenos gestos diários de proximidade, solidariedade e

cuidado, cabe-nos enfatizar que o princípio da misericórdia e o horizonte das bem-aventuranças nos lança para o amor social, que é a chave para o desenvolvimento autêntico, ético e justo. "Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural–, fazendo dele a norma constante e suprema do agir". Agir em redes e parcerias, com estratégias que detenham eficazmente essas múltiplas faces das violências em sua raiz estrutural, e incentivem uma cultura do encontro, do cuidado e da paz.

Questões para refletir

1. Como este tema das violências toca você e sua comunidade? Partilhar experiências e compromissos missionários que vivenciam ou que se sentem interpeladas frente a esta realidade.
2. Retomar a classificação das formas de violências e refletir juntos como se percebe isso na vida pessoal, comunitária e missionária.
3. À luz do carisma de sua congregação e do princípio da misericórdia no horizonte das bem-aventuranças, que luzes este texto traz para a vivência da mística e da profecia?
4. Como você pretende contribuir na realização da CF/2018?

A VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA, 50 ANOS DEPOIS DE MEDELLÍN

Víctor Codina, SJ

A novidade de Medellín

Não se pode compreender a novidade de Medellín sem levar em conta o Concílio Vaticano II e a pouca incidência do episcopado latino-americano naquela Assembleia mundial. Chamados de "a maioria silenciosa" não estavam atualizados das correntes teológicas que haviam surgido na Europa Central e que prepararam o Concílio, nem levaram a situação de pobreza de seus países. Somente um grupo, liderado por Hélder Câmara e Manuel Larraín, lançou a proposta de uma vida simples e pobre dos bispos no chamado Pacto das Catacumbas de Santa Domitila. Neste sentido, o Vaticano II foi um concílio certamente universal, mas muito marcado pela teologia e liderança dos bispos da Europa Central. Possivelmente, por este motivo, Paulo VI quis socializar o Concílio com reuniões dos bispos da América Latina (Medellín, 1968), África (Kampala, 1969) e Ásia (Manila, 1970).

Com toda a segurança, a maior contribuição do Vaticano II foi tomar consciência da ação de Deus na história e da dimensão histórica da fé e da Igreja, das quais deduz a importância dos sinais dos tempos na Igreja, na teologia e na pastoral. Isto aparece claro sobretudo na *Gaudium et Spes*.[1]

Porém, o Vaticano, ao falar dos sinais dos tempos, centrou-se sobretudo na modernidade, no chamado 1º Iluminismo, nos problemas do mundo

1 CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre a educação cristã *Gravissimum Educationis* (GE), n. 4, 11, 44.

desenvolvido, secular e atraído pelo ateísmo. Os problemas do chamado Terceiro Mundo, a pobreza, a injustiça e a miséria de milhões de seres humanos não foram suficientemente levados em conta na sala conciliar, apesar de João XXXIII desejar que o rosto da Igreja do Concílio fosse uma Igreja dos pobres. Nos documentos do Concílio somente há alguma alusão a este tema.[2]

Possivelmente, contribuiu para este silêncio em torno dos pobres e da injustiça o medo de que o tema da pobreza e injustiça pudesse ter para alguns bispos ressonâncias marxistas em um mundo onde a Europa Oriental e a China estavam nas mãos de comunistas, e Cuba dominava a revolução comunista de Fidel Castro.

Seguramente, também Paulo VI percebeu a importância de afrontar, depois do Vaticano II, o tema da pobreza e do desenvolvimento dos povos e publicou em 1967 a Encíclica *Populorum Progressio* (PP), onde afirmava que o problema social havia alcançado uma dimensão mundial e que o novo nome da paz era o progresso. Esta Encíclica e o tema do desenvolvimento influenciaram Medellín.

Neste clima, celebra-se Medellín. Esperava-se, por parte de muitos, que o momento fosse uma simples aplicação do Vaticano II na América Latina, que a eclesiologia da *Lumen Gentium* (LG) se encarnasse na América Latina, por exemplo, na liturgia. Porém, Medellín foi muito mais, foi uma releitura criativa do Vaticano II a partir de um continente injustamente empobrecido e marginalizado. Medellín recebeu do Vaticano II principalmente a doutrina dos sinais dos tempos e descobriu, no clamor do povo por justiça e libertação, a voz do Espírito do Senhor.

Frente à *Lumen Gentium*, que parte da Trindade,[3] Medellín, seguindo a *Gaudium et Spes*, parte da realidade do povo latino-americano e vê, como sinal dos tempos, que a pobreza injusta de milhões de latino-americanos, a marginalização que, em muitíssimos casos, chega à miséria, opõem-se ao projeto de Deus. Na América Latina, há estruturas injustas de pecado, fruto da cristalização de verdadeiros pecados pessoais e sociais. A Igreja não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais que mantêm na pobreza a maioria de nossos povos e em muitos casos em uma desumana miséria: "Um clamor brota de milhões de homens pedindo a seus pastores uma libertação que não chega de nenhuma parte".[4] Através deste clamor,

2 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), n. 8; CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), n. 1.

3 LG, n. 1.

4 Ibidem, n. 14, 6.

o Espírito nos fala hoje. A América Latina se acha em um processo de mudança e de transformação, há ânsia de libertação, como o povo de Israel no Egito:

Assim como outrora Israel, o primeiro povo experimentava a presença salvífica de Deus quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia passar o mar e o conduzia para a terra da promessa, assim também nós, novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir o passo que salva, quando se dá "o verdadeiro desenvolvimento, que é o passo para cada um e para todos, de condições de vida menos humana a condições mais humanas".[5]

Medellín percebe que há na América Latina um grande divórcio entre a fé do povo e a vida, que se necessita de uma nova evangelização que integre a justiça social e o compromisso, que centre toda sua atenção na pessoa humana, que evite o dualismo que separa tarefas temporais da santificação, que é hora da ação, de imaginação criadora, de audácia do Espírito, de tomar decisões, de transformar a realidade e libertá-la de toda servidão. Deus quer salvar todo o ser humano, alma e corpo, é preciso anunciar uma libertação integral, uma visão integral da humanidade, integrar a riqueza humana, cultural e religiosa do povo com o desenvolvimento, a libertação e a justiça, fazendo uma síntese original entre o antigo e o novo. Para a Igreja, é um novo período de sua história, um novo Pentecostes, um tempo de graça, um novo Êxodo.

A Mensagem final aos povos da América Latina conclui-se com esta profissão de fé: "Temos fé em Deus, nos homens, nos valores e no futuro da América Latina".

A novidade de Medellín funda-se em partir da realidade, uma realidade que clama justiça e libertação e que está movida e dinamizada pelo Espírito do Senhor. Medellín passa da modernidade à solidariedade, do 1º Iluminismo ao 2º Iluminismo, que tem a ver com os pobres e a justiça.

Por isso, Medellín, em suas conclusões, não parte da Igreja, mas da promoção humana, da justiça, da paz, da educação, da família e da juventude. Somente depois passará a refletir sobre a evangelização e a renovação das estruturas da Igreja, insistindo na necessidade de fazer uma síntese entre valores humanos e religiosos, o compromisso com o mundo, o compromisso pela promoção humana e o desenvolvimento, mostrar a união profunda entre o projeto de Deus em Cristo e as aspirações humanas, entre a história de salvação e a história humana, entre Igreja e comunidade laical. É contraditório e escandaloso que o continente com maior número de

5 CELAM. Documento de Medellín (DMd), introdução às conclusões, 6.

cristãos seja o mais injusto e desigual. É preciso dar preferência efetiva aos setores pobres e segregados.[6]

Por isso, em todo o Documento, insiste-se que tanto os bispos quanto o clero, os religiosos e os leigos tenham uma formação social, solidarizem-se com os pobres, denunciem a injustiça e, segundo o carisma de cada um(a), trabalhem para que o povo progrida e tenha uma vida mais digna e humana, dando todos os membros da Igreja o testemunho de uma vida simples, modesta e serviçal.

A Vida Religiosa em Medellín e sua recepção na América Latina

Neste marco histórico, teológico e eclesial de Medellín, situa-se o capítulo 12 sobre Religiosos.

Seguramente, o mais importante, teológica e pastoralmente, é a afirmação de que a Vida Religiosa (VR), ao longo da Igreja, e com maior razão agora, teve sempre uma missão profética.[7]

Também aqui há uma novidade a respeito do Vaticano II que afirmava que a VR é um dom divino que a Igreja recebeu do Senhor, uma árvore esplêndida e poderosa no campo do Senhor,[8] e ainda que não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, forma parte indiscutível de sua vida e santidade.[9] Porém, não diz a que classe de dons ou carismas do Espírito pertence a VR.

Medellín dá um passo a mais e afirma que é um carisma profético, que tem uma missão profética. Esta visão do profetismo da VR ilumina muito sua identidade e sua missão. Como todo profetismo, a VR está marcada por uma profunda experiência de Deus, que a leva a viver uma vida de entrega total, à denúncia do pecado, ao anúncio do projeto de Deus e à transformação da realidade.

Medellín une o profetismo da VR ao testemunho escatológico, para ser, pelo Batismo, dentro da Igreja, testemunha da Cidade de Deus.[10]

---

6 Ibidem, 14, 9.

7 Ibidem, 12,2.

8 LG, n. 43.

9 Ibidem, n. 44.

10 DMd, 12, 2.

Porém, esta dimensão escatológica seria mal entendida se fosse limitada a ser sinal e testemunho do "mais além"; por isso, Medellín insiste que a VR precisa se encarnar com audácia nos problemas reais, não ser alheia aos problemas sociais,[11] adaptar-se às condições sociais, culturais e econômicas do povo, ainda que isso suponha reformas,[12] atender sobretudo as classes sociais marginalizadas e indígenas,[13] viver um espírito de pobreza e, como pediu Paulo VI, no discurso inaugural, realizar uma reforma agrária em suas terras.[14]

Fala-se de formar pequenas comunidades que vivem de seu próprio trabalho.[15] Este tema se amplia no capítulo 14 sobre Pobreza da Igreja:

As comunidades religiosas, por especial vocação, devem dar testemunho da pobreza de Cristo. Recebam estímulo as que se sentem chamadas a formar entre seus membros pequenas comunidades, encarnadas realmente nos ambientes pobres. Serão um chamado contínuo para todo o Povo de Deus à pobreza evangélica.[16]

Finalmente, exorta-se a responder ao conflito de gerações,[17] inserir-se na pastoral de conjunto,[18] relacionar-se com os demais membros do Povo de Deus, sob a autoridade de um bispo[19] e se enaltece a coordenação entre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e a Conferência Latino-Americana de Religiosos e Religiosas (CLAR).[20]

Talvez este Documento sobre a VR, lido à margem do conjunto de Documentos de Medellín, não produza a impressão de grande novidade e originalidade, porém situado no contexto do restante de Documentos, toma grande força.

Por isto, a recepção deste Documento por parte da Conferência Latino-Americana de Religiosos e Religiosas e dos 150 mil religiosos de todo o continente foi excepcional, revolucionária.

---

11 Idem.

12 Ibidem, 12, 8.

13 Ibidem, 12, 13.

14 Idem.

15 Ibidem, 12, 19.

16 Ibidem, 14, 16.

17 Ibidem, 19, 9.

18 Ibidem, 12, 14.

19 Ibidem, 12, 26.

20 Ibidem, 12, 29.

A recepção de Medellín por parte da VR se situa dentro de um grande tempo de graça, este *kairós* que sacudiu toda a Igreja da América Latina depois de Medellín, nas décadas de 70 a 90: bispos foram verdadeiros Santos Padres da Igreja dos pobres, comunidades eclesiais de base, leigos comprometidos com a Igreja e a sociedade, sacerdotes próximos do povo, liderança das mulheres na pastoral, reflexão teológica original na linha da libertação, mártires e santos.

Dentro deste marco, a VR da América Latina realizou uma série de mudanças significativas. Segundo Carlos Palmés, ex-presidente da Conferência Latino-Americana de Religiosos e Religiosas e membro de sua equipe teológica durante longos anos, as linhas mais significativas deste processo são as seguintes:

- Opção preferencial pelos pobres como resposta evangélica à pobreza, êxodo de muitas comunidades religiosas para favelas das cidades e para o campo, partilhando a vida com os pobres; é o que se chamou de VR inserida. E sendo os pobres da América Latina empobrecidos, esta opção pelos pobres conduz à opção pela justiça, não somente por caridade, mas também por mudanças de estruturas, e tudo isso não por motivações sociológicas, mas evangélicas, em seguimento de Cristo.
- Experiências de Deus na vida, encontro com Deus nas ruas, em fatos triviais, na história, contemplativos na ação, 24 horas por dia, descobrindo Deus não somente na beleza e bondade, mas na injustiça, na pobreza e na fome, Deus presente como protesto e interpelação que exige transformar o mundo.
- Missão evangelizadora, assumindo o trabalho por justiça, inculturação, sentido de Igreja universal e local, com centros intercongregacionais e comissões mistas de bispos e religiosos.
- Vida comunitária não centrada na observância regular, mas em relações pessoais de amizade no Senhor e na missão comum; a comunidade é para a missão, com portas abertas, em um ambiente de simplicidade e diálogo, relativizando os problemas intracomunitários.
- Formação mais criativa, dinâmica, adaptada à realidade e às pessoas, não em série, com interiorização, formação em critérios e atitudes, com liberdade responsável para se preparar para uma VR em um contexto desprotegido e hostil, com centros intercongregacionais de formação e formação de formadores.

Foram uns anos de grande efervescência e criatividade, uma irrupção do Espírito. Surgiu uma nova imagem de VR, como reconhece o Documento

de Puebla,[21] ainda que estes anos não estivessem isentos de tensões dentro das comunidades religiosas, com a hierarquia local e Roma (proibição do Projeto Palavra e Vida, nomeações pontifícias do Presidente da Conferência Latino-Americana de Religiosos e Religiosas e de um bispo como delegado) e também com governos que perseguiam e martirizavam.

Desafios 50 anos depois de Medellín

Passaram-se 50 anos, caiu o muro de Berlim e caíram as torres gêmeas de Nova Iorque, caíram quase todas as ditaduras na América Latina, ainda que haja governos populistas muito autoritários; o continente progrediu muito econômica e socialmente, apesar de persistirem dolorosas desigualdades e exclusões; a tecnologia avançou notavelmente, porém também aumentou o materialismo e o consumismo, cresceu a violência, o narcotráfico, a corrupção, o feminicídio e se agravou a exploração implacável da natureza.

Também houve mudanças eclesiais: viveram-se longos anos de inverno eclesial, mas com Francisco se abre uma nova primavera; política e teologicamente passou-se do Êxodo ao Exílio, caíram muitas utopias e ilusões; existe um grande pluralismo religioso na América Latina que vai desde a religiosidade popular de muitos ao profundo compromisso cristão, desde o retorno às religiões originais à indiferença e agnosticismo.

A VR também sofreu grandes mudanças: diminuição drástica de vocações, pirâmides demográficas invertidas com uma multidão de pessoas anciãs, abandonos da VR, não somente por questões afetivas, mas por decepção, dificuldade de manter as obras tradicionais (colégios, hospitais, casas, obras sociais e pastorais, paróquias, etc.) por falta de pessoas, dificuldades econômicas, dificuldades jurídicas; há uma sobrecarga de trabalho na VR em plena força, dificuldade de manter as comunidades inseridas, angústias sobre o futuro .

O que pode contribuir Medellín perante esta nova situação tão diversa e de mudança? Que desafios nos lança? Medellín é ainda válido para a VR hoje?

Eu creio que a contribuição de Medellín para a VR da América Latina de hoje continua sendo sua afirmação de que a missão da VR na Igreja é profética. A VR, como disse o Vaticano II, ainda que não participe da estrutura hierárquica da Igreja, faz parte de sua vida e santidade, concretamente de seu profetismo.

---

21 CELAM. Documento de Puebla (DPb), 722-741.

O que mudou é o contexto social, eclesial e, portanto, a forma de exercitar este profetismo. Não é o profetismo do Êxodo, quer dizer da libertação e da terra prometida, mas o profetismo do Exílio; sem terra, sem templo, sem líderes, sem sacerdotes, em terra estrangeira, vivendo com outras religiões e culturas, purificando-se de triunfalismos davídicos, abrindo-se ao Deus criador do céu e da terra. É a espiritualidade dos Anawim, dos pobres de Yahvé, dos que confiam plenamente no Senhor, reforçando os vínculos comunitários.

Daqui surge uma VR diferente em muitos aspectos, mais próxima do evangelho e das fontes carismáticas das congregações.

Vejamos algumas de suas características:

- Discernir os sinais dos tempos e concretamente discernir o que o Senhor nos pede hoje e reinterpretar esta situação de mudança e crise à luz da fé. Isto implica ver que isto que chamamos de crise faz parte dos desígnios de Deus, da história de salvação. Há algo que morre e algo que nasce. Pode nos iluminar o episódio de Paulo em Atos (16,6-10), quando o Espírito proíbe Paulo de pregar na Ásia e em Bitínia. O Espírito fecha portas; porém, naquela noite Paulo sonha que um macedônio lhe pede que vá salvá-los, e Paulo, com Lucas e os demais companheiros, decide ir para o Ocidente, à Grécia e mais tarde a Roma. O Espírito fecha algumas portas, porém abre novas. A VR deve se perguntar que portas se fecham e que portas se abrem.
- A opção pelos pobres continua sedo algo irrenunciável para a VR seguindo Medellín, mas de forma diferente. Já não somos a voz dos sem voz, o povo já não recorre a seus pastores em busca de libertação, o povo se organizou e luta por meio de organizações de base. Trata-se de acompanhá-lo, de estar com ele, de ser solidário. Mais ainda, a VR, que sempre queria ser pobre e não podia, agora se empobrece: menos pessoas, menos obras, menos recursos econômicos, menos poder, etc.
- A experiência espiritual, sempre chave na VR e em Medellín, agora se torna central, já que o que vale não é a quantidade, mas a qualidade: uma vida espiritual realmente mística.
- A missão evangelizadora hoje deve estar muito ligada a Jesus de Nazaré, suas opções não davídicas, mas nazarenas, de servo de Yahvé, servidor humilde e pobre, de *kénosis* e cruz. Consequentemente, a VR se tornará simples, pobre e pequena, com a lógica evangélica da pequena semente e da levedura que fermenta toda a massa. É a minoria assumida não como desgraça, mas como graça evangélica e bem-aventurança. Não foi um pequeno grupo, muito poucos, os que iniciaram a aventura carismática de cada instituto?

- A eclesialidade que Medellín propõe como comunhão eclesial com pastores e leigos, agora alcança uma nova dimensão. É necessidade de inter-relação, cujo modelo último é a comunhão Trinitária, e que nos impulsiona a trabalhar com outros, a sair de nossas individualidades satisfeitas e autorreferenciais. Temos de nos relacionar estreitamente com os leigos e sacerdotes, com gente de boa vontade, ao serviço da única missão da Igreja, sob os pastores. Será que a diminuição de vocações à VR não estará impulsionando novas vocações laicais? Não se trata simplesmente de que os leigos colaborem conosco, mas que estejamos dispostos a colaborar com seus projetos, que supõe relativizar nossas obras e instituições, não sermos nós os protagonistas da evangelização.

Por meio destas características e de outras semelhantes, vai se configurando uma nova imagem da VR na América Latina, partindo de Medellín, porém atualizando o profetismo a partir de uma nova realidade. Não nos ensinou Medellín a partir da realidade?

Epílogo

O profeta Elias envia seu servo ao cume do Carmelo para ver se avista sinais de chuva, enquanto ele fica lá embaixo, de joelhos e inclinado, rezando ao Senhor. O servo sobe sete vezes e, ao final, vê uma nuvenzinha como a palma da mão. Elias manda avisar ao rei que vai começar a chuva (1Rs 18,41-46).

A VR, como Elias, precisa prostrar-se pedindo sinais de vida, enquanto os mais jovens examinam com atenção e minúcia o horizonte lá no alto para perceber os sinais dos tempos. Porque o Espirito de Pentecostes, que animou Medellín há 50 anos, é o mesmo que hoje anima a Igreja e a VR. E como disse o Papa Francisco, o Espírito é sempre fonte de novidade, de surpresa e de alegria.

Questões para refletir

1. Percebemos a importância de Medellín para a Igreja da América Latina?
2. Quais as consequências da dimensão profética da VR para a nossa vida?
3. Refletimos sobre as portas que hoje se fecham e se abrem para a VR na América Latina?

APARECIDA: HÁ 300 ANOS CONDUZINDO A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NO BRASIL

Ir. André Luiz Oliveira – CSSR

Senhora dos Consagrados

Aparecida e Vida Religiosa Consagrada são nomes análogos, são manifestações eclesiais que Deus concedeu à Igreja como luz para os povos. Em relação ao arquétipo marial, Nossa Senhora deve ser para o Religioso (Padre/Irmão) um complemento da dimensão feminina – presente no gênero humano – tão importante na vivência da dimensão humana e afetiva. Neste sentido, Maria ocupa na vida do religioso uma lacuna afetiva, com sua maternidade espiritual. Para as religiosas, Maria ocupa o lugar de espelho – reflexo, imagem ideal, transparência – a mulher consagrada é convidada a cultivar em si os sentimentos de Maria e a nunca perder sua expressão feminina, principalmente materna. A dimensão feminina do gênero humano é algo muito importante, precisamos cultivá-la para não nos enrijecer e nos tornar homens apáticos ou mulheres amargas. Como consagrados a Deus, devemos cotidianamente nos fazer estas duas perguntas: O que, de Maria, eu reflito para o outro? Que lugar, Maria, ocupa em minha vida?

Nas comemorações do jubileu dos 300 anos do encontro da venerável imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, é importante ressaltar a relação amistosa entre a Virgem da Conceição encontrada nas águas do

Rio Paraíba do Sul e os Religiosos que a ela acorrem no passar desses três séculos. Sua imagem, de postura ereta e de mãos postas em oração, é sinônima de que os Consagrados devem se direcionar para Deus e levar uma vida de constante oração e ascese. O contexto histórico de sua aparição – encontro – é um apelativo a nos solidarizarmos com os mais sofridos pelas desigualdades. A Vida Religiosa Consagrada no Brasil foi sempre sinal do anúncio do Reino de Deus e prenúncio da discrepância social e política, força em favor dos desvalidos. Aparecida é um convite a nos inteirarmos das realidades sociais e políticas de nossa nação; pois, é ela, a Rainha (1904) e Padroeira (1930) do Brasil, por solene proclamação – e aclamação popular – do Papa Pio XI. Espelhem-se os religiosos na força que da pequenina imagem emana, força esta que congrega os brasileiros há 300 anos.

São muitos os que acorrem a seu santuário em Aparecida-SP e de lá nunca saem sem uma resposta, sem serem devidamente atendidos em suas necessidades. A Virgem de Aparecida, a Senhora da escuta, nos leva a refletir: são também acolhedores os nossos Consagrados? Ou dispensamos quem a nós vem, sem dar-lhe resposta ou obséquio? Aparecida interpela-nos a escutar o outro, pois é isto que ela tem feito ao longo desses 300 anos, ouvir o povo brasileiro que a seus pés clama. É em sua casa, o Santuário Nacional, que importantes eventos – conferências, congressos, assembleias, etc. – relativos à Igreja e à Vida Religiosa Consagrada acontecem. Aparecida congrega e cede espaço para que seus filhos se reúnam e tomem decisões benéficas que contribuam para o crescimento da Igreja e para a evangelização no país. O Santuário nacional é um centro de peregrinação dos Religiosos que para lá acorrem nos momentos difíceis em busca de consolo e de reposta; pois "Infeliz quem não te conhece, padece só, sem consolo e demais". Outro sinal das relações entre Aparecida e os Consagrados são os mantenedores do Santuário nacional e guardiões da venerável imagem, os Missionários Redentoristas, religiosos consagrados que há mais de cem anos se dedicam na difusão desta devoção, a ponto de receberem a alcunha de Missionários de Nossa Senhora.

Maria modelo da Vida Religiosa Consagrada

Sobre as orientações da Igreja, a respeito da devoção marial que os religiosos devem dispensar a Nossa Senhora, adverte o Decreto Conciliar *Perfectae Caritatis* (PC):[1] "Assim, por invocação da dulcíssima virgem mãe de Deus, Maria, cuja 'vida é norma para todos', cresçam todos os dias e deem abun-

1 CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Conciliar *Perfectae Caritatis* (PC).

dantes frutos de salvação e santidade". Quis o Concílio Vaticano II reforçar a importância da devoção mariana; dar força e sentido a Maria, como a primeira consagrada. Aquela que se reservou de todos os modos a Deus, em doação plena. Quer a Igreja que tomemos Maria como modelo no seguimento de Cristo Jesus, cuja "vida é norma para todos". No Brasil, a devoção mariana encerra-se em Nossa Senhora da Conceição Aparecida; portanto, tomemos a Rainha e Padroeira desta nação de território continental como arquétipo da Vida Religiosa Consagrada e invoquemos Nossa Senhora Aparecida como Senhora dos Consagrados. Pois, "'Maria representa a Igreja perseverante e fiel ao seu Salvador e Senhor'".

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*[2] lança uma luz acerca de Maria como modelo e sinal do povo de Deus: "Glorificada no céu de corpo e alma, a mãe de Jesus é imagem e início da Igreja perfeita, no fim da história. Por agora, na terra, enquanto não chega o Dia do Senhor (2Pd 3,10), brilha como sinal de esperança e auxílio do povo de Deus em peregrinação". O sinal de Maria, na Igreja, porção do povo de Deus, é manifestação escatológica. É antecipação dos tempos futuros, entre as lacunas do já e ainda não de Cristo. Está estritamente ligada à dimensão soteriológica. Em análise a este parágrafo, observemos as expressões que estão repletas de significados pertinentes à Vida Religiosa Consagrada. "Glorificada no céu (...)" a glorificação de Maria é, antes de qualquer coisa, uma advertência e uma antecipação daquilo que é reservado aos Consagrados – aos fiéis de um modo geral; porém aqui com enfoque aos religiosos – um aceno a tomarmos parte na comunhão dos santos. "Eu entendo que os sofrimentos do tempo presente nem merecem ser comparados com a glória que deve ser revelada em nós" (Rm 8,18). É um convite a levarmos uma vida irrepreensível, a fim de que nos preparemos para "a vida do mundo que há de vir". A glorificação de Maria é a glorificação do gênero humano. Continua o artigo: "imagem e início da igreja perfeita", percebe-se aqui o caráter eclesiológico marial, Maria, antecipa em seu ser ou símbolo (imagem, arquétipo, representação) a Igreja triunfante – ou glorificada se assim preferir. Perfeita! Sim, perfeita, pois sendo Maria, imaculada, é a Virgem sem ruga ou mancha; portanto a expressão plena daquilo que um dia a Igreja virá a ser na plenitude dos tempos (parúsia): Perfeita. A Igreja é a sociedade sobrenatural inserida no real-natural. Quer recordar esse trecho que somos membros da Igreja de Cristo, os Consagrados, hora são pés que caminham, mãos que agilizam, cabeça que dirige. A Vida Religiosa Consagrada está estritamente ligada a todos os membros, pois é a Igreja atuante! Que vislumbra Maria e, ao contemplá-la, deseja ser perfeita. Neste século de incertezas, os religiosos são chamados a ser *Lumen Gentium*. A última

2 LG, n. 68, cap. VIII.

advertência do artigo[3] revela-nos o arquétipo de Maria, que "brilha como sinal". Um brilho que irradia "esperança e auxílio" aos peregrinos deste mundo. Muito bem definiu a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN),[4] do Beato Papa Paulo VI: "Maria, estrela da evangelização". No céu, agora glorificada, Maria brilha para toda a Igreja como sinal do caminho a ser percorrido, ela aponta-nos o rumo que leva a Cristo. Quando medito sobre Maria simbolizada pela estrela lembro-me das belas palavras do Doutor Melífluo:

> Na onda das vicissitudes deste mundo, quando, em vez de caminhar por terra, tens a impressão de ser agitado entre as marolas e as tempestades, não tires os olhos do resplendor desta estrela, se não queres que te traguem as ondas (…). Olha a estrela, invoca Maria (…). Se o orgulho, a ambição, o ciúme, te arrastam nas vagas (…). Olha a estrela, invoca Maria (…). Se a raiva ou a avareza, se os sortilégios da carne balançam, abalam a barca de tua alma, olha para Maria.[5]

Pois, seja Maria na vida do Consagrado a estrela que brilha no horizonte indicando o caminho a seguir: Jesus Cristo. Seja o modelo da Vida Religiosa Consagrada, pois,

> com Maria, os cristãos aprendem o modo mais perfeito do discipulado de seu Filho Jesus, o que implica em abertura radical ao mistério de amor do Deus Uno e Trino e em decidido e solidário compromisso na construção de uma sociedade renovada e edificada sobre os alicerces sólidos da filiação e da fraternidade, da comunhão que liberta, que fortalece, que transforma.[6]

O(a) religioso(a) imbuído(a) dos sentimentos de Maria é um homem novo – mulher nova, pois se deixa inebriar pela ação amorosa do Pai, pelo Filho, na ação do Espírito. Pois, aquela que está envolta no mistério da Trindade envolve-nos neste movimento de amor pleno. Como adverte o Cardeal Odilo Scherer: "Em Maria, nós já podemos contemplar a imagem da Igreja que atingiu a perfeição: na glória de Deus, Maria já é o que nós somos chamados a ser".[7] Segundo a teóloga Ir. Daniela Del Gaudio, em sua obra, "Maria é o paradigma antropológico realizado".[8] Revelando, assim, que em Maria cumpriu-se o que em nós ainda virá a ser; no céu ela já experimenta a realidade da ressurreição. A ternura da mãe com o Filho, nos ícones da Igreja, cria a devoção. Contemplar a ternura de Maria com Jesus é expressão de fé.

---

3 Ibidem, n. 68.

4 PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN).

5 SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. Homilia *super Missus est*, II, 17.

6 BUCKER, Bárbara; BOFF, Lina; AVELAR, Maria Carmen. *Maria e a Trindade: implicações pastorais, caminhos pedagógicos, vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 70.

7 CARDEAL ODILO SCHERER. *Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo por ocasião do Ano Mariano Nacional 2016-2017*. São Paulo: Viva a mãe de Deus e nossa! 2016.

8 DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016.

A pequenina imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida canta em sua plenitude as palavras do *magnificat*: *"Quia fecit mihi magna, qui potens est"* (Lc 1,49). É certo que, em Maria e por Maria, Deus interveio na humanidade, fazendo maravilhas e prodígios; pois, por meio da serva do Senhor, o Verbo fez-se carne (Jo 1,14). Maria trouxe ao mundo a presença física de Deus: Jesus, o Verbo encarnado. O homem que outrora fora modelado do barro, a *imago Dei* (Gn 2,7), agora tomando em suas mãos o barro – conhecido seu – modelou a pequenina imagem de Aparecida, não a fazendo a sua semelhança e nem lhe conferindo um sopro de vida. Aquele que moldara a imagem de Aparecida fora antes modelado por ela, ambos eram barro nas mãos do Criador. Em sua manifestação – aparição-encontro, como Nossa Senhora da Conceição Aparecida tornou-se alvo de inspiração para muitos artistas que a representam, por diversas expressões artísticas e culturais, seja na pintura, na escrita, na teledramaturgia e em muitos cânticos e hinos a ela dedicados, dos quais neste ano jubilar podemos destacar um dos mais tradicionais:

Ao trono acorrendo da Virgem Maria, exulta o Brasil de amor e alegria.
Ave, Ave, Ave, Maria! Nossa Senhora Aparecida!
Três séculos faz, à terra Ela vinha, dos nossos afetos ser doce Rainha.
O Rio Paraíba recebe o favor de imenso tesouro: A mãe do Senhor.
Nas curvas de um M, no rio brasileiro, Maria aparece à luz do Cruzeiro.

A iconografia de Aparecida, típica iconografia sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, possivelmente atribuída ao escultor Frei Agostinho da Piedade (+1661) ou ao seu discípulo Frei Agostinho de Jesus (1600-1661), foi confeccionada em terracota. Sua iconografia trata-se de uma síntese teológica dos dogmas marianos, pois em sua imagem contém expressa – objetiva ou subjetivamente – as 4 verdades dogmáticas definidas pela Igreja: Maternidade divina (431), Virgindade perpétua (649), Imaculada Conceição (1854) e Assunção aos céus (1950). Em sucinta análise observemos cada verdade dogmática iconograficamente expressa.

Maternidade divina: a imagem é representada por uma mulher grávida; pois, olhando-a de perfil, percebe-se um sutil relevo em sua barriga, bem como uma fita amarrada em sua cintura, expressão artística que representa a gravidez de Maria. Portanto, a imagem de Nossa Senhora Aparecida é a imagem de Maria grávida, expressando assim o primeiro dogma mariano, Maria é mãe de Deus, mãe de Jesus Cristo, segunda pessoa da Santíssima Trindade.

Virgindade perpétua: ornamentando seus cabelos e sua fronte, veem-se três flores ou diademas. Este é um recurso artístico para expressar que Maria é virgem antes, durante e depois do parto. Muitos artistas sacros utilizam de

três símbolos (flores, estrelas, diademas, etc.) em suas iconografias para implicitamente dizer que Maria permaneceu virgem em dedicação total a Deus.

Imaculada Conceição: simbolizando a mulher descrita no livro do Apocalipse (12), a mulher tendo a lua sob os pés, revestida da graça de Deus e preservada da mancha do Pecado Original, vê-se nos pés da imagem uma representação da lua em sua fase crescente. Maria é o arquétipo patrístico do *mysterium lunae*, é comparada à lua, astro luminoso, que precede Cristo, o Sol de justiça (Ml 3,20). Sendo figurada ela como a lua e Cristo a imagem do sol, tenha-se por certo que nunca ocorrerá um eclipse teológico, pois a mãe jamais encobrirá o magno astro luminoso que é o Filho. A lua (Maria) não se sobreporá ao sol (Jesus), nem a Este fará sombra, apenas o refletirá. Nossa Senhora nunca será – e bem certo que não o que ser – superior a Cristo, pois "na Virgem Maria tudo se relaciona a Cristo e tudo dele depende" e, por isso, é comparada à lua, astro que não possui luz própria, mas reflete a luminosidade do sol. Suas vestimentas, seu longo vestido ornado com adereços na gola, que lhe encobre os pés e o comprido manto que a reveste por inteiro, denota nobreza e o revestir-se da graça de Deus. Por se tratar de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, subentende-se que o escultor a concebeu como uma imaculada.

Assunção ao céu: é visível, na parte inferior da imagem, a figura de um querubim, a angélica representação deste solitário anjo quer denotar a assunção, a elevação de Maria aos céus. A assunção de Nossa Senhora foi representada por inúmeros artistas sacros, que sempre a fizeram utilizando os elementos nuvens e anjos para simbolizar um alçar voo. Aparecida é a mulher elevada à presença de Deus, e que de lá intercede por nós. É o arquétipo da Vida Religiosa Consagrada que busca as coisas do alto. Sobre todo esse simbolismo que há expresso na imagem, seja de natureza explícita ou implícita dos objetivos do escultor, faz alusão de que "tais formas de expressão simbólica afinam o sentimento popular da relação terrenal com a relação celestial". Tal simbolismo de caráter artístico está vinculado a um arquétipo feminino: lua, estrelas, flores, etc.[9]

Podemos ainda extrair um outro elemento, a intercessão materna de Nossa Senhora. Seria algo relativo ao auxílio desempenhado pela Virgem ao gênero humano, com embasamento bíblico na passagem das bodas de Caná (Jo 2,1-12). Essa reflexão toma como princípio a intervenção de Maria, quando ela se dirige a Jesus – "Eles não têm mais vinho" – mostrando-lhe que é chegada a sua hora. Remete-se a Maria, mulher, mãe que se ocupa e preocupa-se do bem-estar do outro, que acode nas necessidades

9 BOFF, op. cit.

materiais e espirituais. O evento das bodas de Caná tem "significado messiânico", tem sentido escatológico, pois, na glória, Jesus se volta para Maria e a indaga: "Mulher, para que me dizes isso?" (Jo 2,4). Certamente, em um futuro próximo, a Igreja, após meticulosa análise e estudos, poderá definir a intercessão materna como uma verdade de fé; fato esse que entre os fiéis já é uma realidade, pois, muitos são os que a tomam como intercessora e que a ela confiam suas necessidades mais urgentes. A iconografia sacra de Aparecida antecipou-se – se assim posso dizer – em sua representação artística. A intercessão materna de Maria está expressa nas mãos postas em oração – como que a dirigir-se a seu Filho e dizer-lhe: "Eles não têm vinho" (Jo 2,3). Em uma postura orante, vê-se Nossa Senhora de mãos unidas em prece, como que a interceder pelos que a ela acorrem. A Virgem de Aparecida é Maria, que no céu, na presença de Deus, roga por todos os que a ela se dirigem e, na sua presença, entoam confiantes: "Dai-nos a bênção, ó mãe querida". Em sua iconografia, Aparecida expressa elementos significativos à Vida Religiosa Consagrada: retidão, oração, acolhida, piedade, serenidade e tantas outras virtudes. Aparecida é o arquétipo do Consagrado, que para Deus se reserva sem reservas.

Ano Mariano

Dentre as diversas comemorações do jubileu dos 300 anos do encontro da imagem, a Igreja no Brasil, na pessoa de sua Conferência (CNBB), convocou um Ano Mariano, para que assim as comemorações se alargassem e se estendessem a todas as dioceses e recantos do Brasil. As comemorações desse Ano se deram de 12 de outubro de 2016 até 11 de outubro de 2017, com a grande celebração jubilar promovida pelo Santuário Nacional. Quis a Igreja, com a convocação deste ano especial, que todos os fiéis se unissem para render graças ao bom Deus que permitiu que sua Mãe fosse encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul e trouxesse uma mensagem de paz e de esperança ao povo brasileiro.

Esse ano jubilar tomou proporções nacionais expressivas, a ponto de o Papa Francisco conceder a indulgência plenária aos que participaram das atividades do ano jubilar e cumpriram as condições habituais para aquisição de indulgência. O documento de proclamação do Decreto, enviado pela Penitenciária Apostólica, declarou que poderiam obter a indulgência os fiéis que "verdadeiramente penitentes e impulsionados pela caridade, e em forma de peregrinação visitar a Basílica de Aparecida ou qualquer igreja paroquial no Brasil, dedicada a Nossa Senhora Aparecida". Prescreveu ainda o mesmo

documento que, o peregrino que, "devotamente participar das celebrações jubilares ou de promoções espirituais ou ao menos, por um conveniente espaço de tempo, elevar humildes preces a Deus por Maria", lucrará a desejada indulgência. A indulgência é um benefício espiritual que Deus nos concede por meio de sua Igreja, ela é uma expressão da misericórdia de Deus.

Os Consagrados têm um testemunho mariano muito belo a revelar à Igreja, no Brasil. São muitas as experiências vivenciadas pelos padres, irmãos e freiras que ao longo de seu itinerário cotidiano invocam Maria com orações e preces. Muitas vocações religiosas surgiram do amor mariano vivenciado nas famílias pela oração do terço. O rosário é uma "escola do Evangelho", como nos advertiu São João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (RVM). Pairam em nossa memória a lembrança de nossas avós, mães e tias, nos ensinando as primeiras palavras da Ave-Maria. Esse testemunho belíssimo não pode ser guardado só para si; é preciso que nas comunidades os Consagrados partilhem suas histórias, em especial com aqueles que acabam de chegar ao instituto. Essa partilha de vida pode se tornar um estímulo para a perseverança daqueles que já há algum tempo trilham o árduo caminho vocacional e ao mesmo tempo ser sinal vocacional para aqueles que estão chegando. "À medida que rezamos, professamos e testemunhamos nossa fé e a transmitimos aos outros".

O jubileu dos 300 anos foi também festa da Vida Religiosa Consagrada, pois comemorar Aparecida é festejar a nossa mãe comum, "Mãe de Deus e nossa". No decorrer do Ano Mariano, coube aos consagrados manifestarem sua fé e devoção a essa tão boa mãe, em âmbito comunitário ou individual. O importante é que a fé e devoção não passaram despercebidas nem vividas com indiferença. Cada comunidade e instituto foram convidados a promover gestos concretos de devoção, partilha, formação e produção textual. Na impossibilidade de realização desses gestos, ao menos pudemos rezar e contribuir com nossas preces e confiantes dizer: Senhora Aparecida, nós vos agradecemos por tanto carinho, tanto cuidado, conduzindo a Vida Religiosa Consagrada no Brasil.

Bibliografia

BUCKER, Bárbara; BOFF, Lina; AVELAR, Maria Carmen. *Maria e a Trindade: implicações pastorais, caminhos pedagógicos, vivência da espiritualidade.* São Paulo: Paulus, 2008.

Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo por ocasião do Ano Mariano Nacional 2016-2017: Viva a mãe de Deus e nossa! São Paulo, 2016.

DEL GAUDIO, Daniela. *Maria de Nazaré: breve tratado de mariologia*. São Paulo: Paulus, 2016.

GUIMARÃES – CSsR, Pe. Valdivino. Org. Iconografia de Aparecida. Teologia da Imagem. São Paulo: Paulus, 2016.

OLIVEIRA, André Luiz; DUTRA, Marcos Cassiano. *Magnificat: 9 dias com Nossa Senhora*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2017.

VATICANO II: *Mensagens, Discursos e Documentos*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRATERNIDADE MISTAGÓGICA, UMA ALTERNATIVA PARA A VITALIDADE DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

José Sotero dos Santos Neto, FMS

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) apresenta no atual momento histórico certa crise sem precedentes, que ela carrega consigo há alguns anos. É uma problemática cuja raiz se estabelece na essência desta forma de vida no seio da Igreja. No intuito de uma possível solução, faz-se necessário um retorno às origens, na nascente evangélica dos primeiros cristãos, para que se redescubra o sentido desta maneira de viver a fé e o que é comum aos(às) religiosos(as) que vieram depois.

Surge como opção de atalho nessa busca por possibilidades de futuro para VRC o resgate da credibilidade evangélica, elemento fundante da VRC, que foi se esvaindo no decorrer da história. Merece uma séria reflexão o sinal contraditório vivido por muitos(as) religiosos(as) em que o parecer prevalece sobre o ser, ou seja, o atraente mundo das aparências se solidifica no interior da VRC. A partir dessa realidade, o fazer foi tomando forma a ponto de fragilizar a dimensão do ser, ao permitir que essa forma de vida perdesse a oportunidade de vivenciar valores alternativos de forma integrada. Em vista deste sistema de sociedade que impera nesse momento, é preciso resgatar com audácia a originalidade primitiva da VRC.

A profundidade da opção de vida defendida pelos(as) religiosos(as) se encontra nas rupturas estabelecidas a cada dia, no desejo de construção de pessoas

diferentes, distintas e interiormente livres em um modelo sociável que preza pela massificação de ideias e comportamentos. Nesse ínterim processual, é preciso estar atentos aos elementos bases que facilitam a harmonia da vida e equilíbrio do indivíduo, como também atentos aos instrumentais destrutivos gerados pelo desgosto, desalento, inveja, ânsias de poder, dentre outros.

"O que não se rompe, se integra". Esta lógica defendida pelos(as) religiosos(as) que nos precederam alerta para o perigo de uma integração "às regras do jogo da ordem presente", o desafio é apresentar uma autêntica e convidativa forma diferente de vida, por meio de um transparente ser. Através de sua vida, o(a) religioso(a) deve provocar a sociedade para o desejo da procura e recuperação de valores como a serenidade, domínio de si e a liberdade.

É na fraternidade que se aprende a acolher os outros como dom de Deus, aceitando as suas características positivas e, ao mesmo tempo, as suas diversidades e limitações. É na fraternidade que se aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos. É na fraternidade que se aprende a dimensão missionária da consagração.

Afinal, resta-nos a dúvida: há futuro para VRC? É uma indagação que envolve uma série de questões a serem analisadas, cujo direcionamento apresenta possibilidades e não simplesmente uma resposta pronta de maneira estática.

Fraternidade ao redor (e para além) da mesa

A fraternidade é uma alternativa de oxigenação para a VRC nos tempos atuais. Dessa forma, nos referimos a uma fraternidade profética, mistagógica, a um estilo de verdadeira comunhão de vida fraterna. Para tanto, faz-se necessário um novo impulso de vivência no seguimento a Jesus para os consagrados e as consagradas, "impensável sem um surto de renovada paixão pelo Evangelho a serviço do Reino".

Na verdade, o despertar para a construção de uma fraternidade mistagógica diz respeito ao resgate do processo iniciático. "A iniciação exige o contato do mestre com o discípulo, uma caminhada lado a lado, na confiança e na esperança".

(...) Para ter acesso aos divinos mistérios, a pessoa precisa, de uma maneira ou de outra, ser iniciada a essas realidades maravilhosas através de experiências que a marcam profundamente. (...) Descobrir o mistério da pessoa de Jesus e os mistérios do Reino, assumir os compromissos de seu caminho, viver a ascese requerida pela moral cristã...são realidades muito exigentes. Enfim, a verdadeira conversão ou metanoia (mudança de mentalidade) supõe uma certa maturidade humana e toca as mais profundas tendências humanas.

O jeito de ser da VRC gerador de uma contagiante fraternidade é inspirado pela espiritualidade bíblica, fonte de vida e missão para todos nós que fazemos caminho juntos e estamos ao redor da mesma mesa. Vejamos como o Mestre nos inspira na construção de uma comunidade mistagógica. "Se eu, o Senhor e Mestre e, vos lavei os pés também vos deveis lavar os pés uns aos outros" (Jo 13,14).

O texto joanino (13,1-17) revela que Jesus realizou o "lava-pés" durante a ceia. Ao executar o seu gesto enquanto a ceia está acontecendo, Jesus sinaliza a existência de uma relação muito estreita entre o comer e o servir, ou seja, entre a Eucaristia e o serviço solidário. O gesto provoca uma mudança na dinâmica cultural. Até Jesus, os convidados na refeição eram servidos e saíam satisfeitos. A partir da ação de Jesus, os convidados para a refeição servem-se uns aos outros e saem do evento comensal para servir outros.

Jesus provoca os apóstolos para um "novo começo" no modo de ver as coisas: não a partir do lugar dos comensais, mas tendo como base o horizonte de quem não está sentado à mesa. É um convite para o deslocamento, a "irmos depressa" ocupar o lugar da pessoa que não participa da mesa. Quais apelos e novidades percebemos a partir desse lugar?

"Estar à mesa" é sempre sinal de fraternidade, de comunhão. Todavia se faz necessário saber levantar-se na hora certa para poder servir com amor. Para a realização do movimento do amor, não é possível colocando-se longe do outro. "Coloca água em uma bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido". Jesus assume a integralidade do serviço e providencia os preparativos, não faz trabalho pela metade. A água derramada traduz extrema delicadeza, com atenção e ternura. Amar é proximidade, ajudar, caminhar juntos, partilhar vida, sonhos... Jesus sacraliza um gesto, sinal do amor "físico", de contato corporal e de serviço, respeito e dignidade.

Na atual situação global de crise financeira, para a qual o Papa Francisco nos chama continuamente a atenção, os consagrados são chamados a ser verdadeiramente fiéis e criativos para não faltarem à profecia da vida comum internamente e da solidariedade para com o exterior, sobretudo em relação aos mais pobres e mais frágeis.

O gesto de Jesus, por si só, expressa o que Ele é. Ele é inteiramente servo. Todo o seu ser está a serviço. Ele se dá totalmente naquilo que faz, e faz o que propõe aos discípulos. Essa é a dinâmica que o Reino de Deus apresenta como novidade: partir do meio para a periferia em forma de círculo a fim de atingir a todos. O serviço solidário é exercitado primeiro entre os que participam da ceia, sendo praticado de maneira crescente, sem limite de tempo ou espaço, atingindo a todos até a plenitude.

No caminho de seguimento a Jesus, a VRC interioriza com sabedoria as provocações do Mestre de Nazaré e as atualiza para os seus religiosos e religiosas. Hoje, com a mesa embelezada, ainda mais pela presença de irmãos, irmãs e tantos outros companheiros apaixonados pelos carismas de nossas congregações, precisamos nos deixar cativar pelo gesto de Jesus, visto que a força que ele traz é para conduzir à vida em abundância.

VRC, que o estar todos ao redor da mesma mesa nos impulsione espontaneamente a partilharmos o dom recebido, colocando-o a serviço de todos, a começar pelos mais carentes. A fraternidade, símbolo de unidade entre nós, precisa se encarnar em nosso cotidiano para além do estar à mesa. Resgatemos a beleza dos gestos sem pressa, eles possuem uma paz e calma essenciais. Cultivemos a "lerdeza" dos gestos, o amor precisa de tempo para ser exercitado e sentido. Avante!

Conclusão

Atualmente, a VRC é chamada a sustentar o itinerário formativo de cada consagrado(a) ressignificando-o em uma progressiva configuração com os sentimentos do Filho (Fl 2,5). Por meio de uma sabedoria mistagógica, a VRC poderá "reconhecer os misteriosos caminhos (Jo 3,8) da graça até renascer para uma nova esperança na fecundidade da Palavra (Jo 4,35)". "Demos espaço à lei das bem-aventuranças, à alegria e à liberdade que a novidade do Evangelho nos traz".

A VRC em busca de futuro precisa se "encharcar" de três elementos significativos: uma mística muito profunda, liberdade radical e uma atitude profética. Através da vivência equilibrada e consciente dessas "forças-motoras", será provável o surgimento de um horizonte promissor para as vindouras gerações com a certeza de que outro mundo é possível.

Sendo assim, esse processo desemboca em uma integração verbo-experiencial entre o dizer – o fazer – o viver, ou seja, aquela famosa e exigente coerência de vida. A proposta é a mesma de outrora, atenção aos "sinais dos tempos", captar os "sinais do Espírito", e um redobrado cultivo de abertura ao novo por meio da diversidade atual. Abramo-nos os olhos, convictos de que o futuro está em nossas mãos, abertas para o abraço com este momento da história que se autorrevela um tempo da graça, amparado pela presença salvífica do Deus da Vida.

Questões para refletir

1. Como o processo de iniciação cristã pode auxiliar na construção de comunidades mistagógicas?
2. Quais apelos e novidades percebemos a partir do lugar de quem não está sentado à mesa? Qual o novo começo que esse deslocamento provoca em mim, na minha comunidade?
3. Quais as consequências proféticas geradas por um "surto de renovada paixão pelo Evangelho a serviço do Reino"?

Bibliografia

CALIMAN, Cleto. *Perfectae Caritatis*: *texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CASTILLO, José Maria. *O futuro da vida religiosa: das origens à crise actual*. Lisboa: Paulus, 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações. Decreto Perfectae Caritatis*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1984, p. 485-504.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal.* Estudos 97. São Paulo: Paulus, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *A vida fraterna em comunidade*. São Paulo: Paulinas, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Para vinho novo, odres novos – A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto.* Brasília: Edições CNBB, 2017.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata do Santo Padre João Paulo II sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PALAORO, Adroaldo. *Lava-pés: passagem de "ser servido" para "ser servidor"*. Disponível em: http://centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/espiritualidade/739-lava-pes-passagem-de-ser-servido-para-ser-servidor. Acesso em 03 de julho de 2017.

A VIDA, COMO VAI?

Pe. Ademir Guedes Azevedo, C.P.

Introdução

Muito já foi dito sobre o contexto no qual vivemos. Em fevereiro de 2017, nos despedimos do grande sociólogo Zygmunt Bauman. Sua análise sobre a nossa época certamente perdurará por um bom tempo. Mundo líquido, pouco interesse por valores absolutos, pensamento e estilo de vida frenéticos, realidade virtual e escassos objetivos a serem alcançados (porque já não funcionam os projetos para o futuro, o que conta é aquilo que vivemos hoje), eis algumas de suas provocações. Ao mesmo tempo, não nos esqueçamos dos relevantes contributos de Gianni Vattimo sobre a importância de começar a escutar e a aprender algo de positivo com as correntes nascidas com o advento da pós-modernidade: relativismo, individualismo, privatização das relações, conquista das autonomias locais, etc. Vattimo pensa que é possível conviver com todas estas correntes, à medida que cada um seja capaz de falar e ouvir, sem aceitar nenhum pensamento absoluto, cada um pode ter suas razões, desde que não exclua o modo de viver do outro. Às vezes, pensamos que somos os donos da verdade e recusamos as outras verdades. Nossa época tem muito a nos ensinar e deveríamos estar atentos aos novos sinais. Neste sentido, Papa Francisco está propondo o exercício do discernimento.

Todas estas questões permanecem importantes para nós, sobretudo diante dos acontecimentos que mantêm ligação direta com nossa vida e o contexto

onde desenvolvemos nossos apostolados. Cito alguns: realidade atual do Brasil, mudanças no cenário político mundial (novos governos emergentes, os quais demonstram uma forte tendência ao isolamento e fechamento para com os imigrantes), o problema da ecologia e da bioética, a contundente influência do paradigma tecnológico e as nossas preocupações e dramas existenciais que temos de aprender a conviver a cada dia (entram aqui aquelas situações que só você sabe e, quando compartilhadas, poucos são capazes de entendê-las). Ser consciente do mundo e seus desafios e aceitar a vida em sua complexidade ajuda a nos questionar para sabermos se nosso modo de viver é capaz de transmitir uma mensagem e construir relações.

Pretendo, brevemente, partilhar algumas inquietações e intuições pessoais, as quais me são muito importantes. Ei-las:

1. Como conviver com a diferença dentro de nossas comunidades religiosas? O confronto das gerações não é uma realidade obsoleta. Quem conseguiu atravessar os anos de uma formação escolástica pode permanecer com uma capacidade de fazer análises profundas de um determinado problema. Consegue ver nas entrelinhas. Mas pode também entrar em atrito com o modo de ser da geração que recebeu uma formação mais voltada para os sentimentos, as chamadas Novas Gerações. Esta geração é menos racional, chora com facilidade quando escuta o sofrimento dos outros e gosta de ter uma vida autônoma. A figura do superior deve ser como um amigo, de alguém que seja capaz de escutar e falar às claras, sem medo de se escandalizar, sobretudo com os assuntos voltados aos sentimentos. Mas também é uma geração que pode se fechar com rapidez, pois o ideal de autonomia pode trazer certezas pessoais radicais, tais como: "eu tenho sempre razão". O desafio é saber conjugar razão e emoção, como dois importantes fatores da nossa constituição humana.

2. Como nos sentimos quando assumimos ofícios específicos? Toda pessoa tenta encontrar um sentido a partir de alguma atividade. Na Vida Religiosa Consagrada (VRC), cada um tem um dom especial. Mas como o desenvolvemos? O ofício de "pároco" é muito relevante para alguns. O sujeito se torna uma figura respeitada, amada, mas também odiada por outros. O excesso de elogios faz crescer o ego, seja em jovens ou idosos. Qualquer outro ofício que assumimos pode provocar uma vida frenética: correr sempre para resolver os problemas. O medo do fracasso é um fantasma real. Uma das análises de nossa época defende que as pessoas perseveram em determinadas vocações enquanto podem fazer uma atividade de reconhecimento, ou seja, enquanto possuem

um cargo. A origem da depressão reside no excesso de cobranças que o sujeito faz a si mesmo para garantir seus pontos fortes. O depressivo sofre um infarto psíquico, porque carrega sempre consigo aquele sentimento de que precisa ser bem-sucedido. Quando não consegue ver exteriormente o resultado de seu trabalho, cai em frustação. Em certo sentido, isso vem acontecendo com a VRC. São tantos os desconfortos que encontramos devido ao envolvimento excessivo com estruturas e cargos. A questão que mais incomoda é a seguinte: se as atividades da VRC, sobretudo aquelas que me dão reconhecimento, me forem retiradas, como me sentirei? Sou capaz de continuar em frente? Serei ainda lembrado por alguém? O desafio é criar novas possibilidades que provoquem uma maior liberdade interior e uma vida mais centrada no essencial, que costumamos chamar de vida de interioridade, ou vida de encontro consigo mesmo, como fizeram os primeiros fundadores da VRC. Será ainda possível isso?

3. O que entendemos por família religiosa? É muito comum ouvirmos os vários adjetivos usados para o substantivo família: família passionista, família franciscana, família humana, etc. Tudo isto seria uma propaganda ou algo real? Algumas congregações se abriram e entenderam que o leigo tem um papel magnífico na propagação de seus carismas. Basta imaginar como seriam nossas comunidades sem a vida laical. Toda a Igreja é o povo de Deus. Cada batizado deveria se sentir parte integrante desse povo e isso nos torna todos iguais e irmãos. Mas o desafio surge quando fazemos confusões nos ministérios específicos. Exemplo: quando comprometemos a vida laical com funções presbiterais e vice-versa. O baixo número de vocações, que traz um certo desespero aos religiosos, fez com que os leigos desenvolvessem atividades antes pertencentes só aos consagrados, como a votação direta em projetos de assembleias e capítulos. Tudo com uma boa intenção. A provocação maior é atualizar o carisma para as novas gerações: por que diminui assustadoramente o número de consagrados(as) na Igreja? Seria o estilo de vida que ainda insiste em manter os discursos do passado, sem relação com o presente (saudosismo)? Ou seria a hora de construir comunidades por afinidade, onde cada um se sinta livre e responsável, apoiado e encorajado pelos companheiros, sem inveja e fofoca, mas com transparência, com momentos de avaliações da vida cotidiana, ajudando a levantar quando se cai e a seguir em frente, ou seja, sentir-se apoiado pela comunidade? O novo documento da vida consagrada, publicado em janeiro de 2017, convida a prepararmos odres novos (novas possibilidades) para acolher o vinho novo do Evangelho.

4. A relação com as novas mídias. Por um determinado tempo, a VRC resistiu ao uso das tecnologias, defendendo que comprometem a vida espiritual. Este pensamento foi superado porque a necessidade de estar em rede tornou-se parte da cultura. O desafio é como permanecer consagrado dentro do virtual, ou seja, fazer desse espaço não apenas uma diversão, mas também uma nova plataforma para viver e anunciar o Evangelho. Mais ainda: no ambiente virtual, o desafio é nos comportamos com ética. Por onde navegamos? Com quem conversamos e com qual identidade nos apresentamos? As novas pesquisas defendem que o ser humano vive um binômio existencial: no mundo real somos aquilo que a sociedade espera, ou seja, tentamos viver a moral devido a existência de leis e paradigmas que ainda exercem punições sobre nós. No mundo virtual, a ideia de uma falsa (ou seria verdadeira?) liberdade aflora, porque dizemos o que queremos, uma vez que não estamos face a face com o outro. As novas tecnologias nos provocam a cultivar a ética em um sentido amplo.

5. A manutenção de estruturas e as nossas preocupações quotidianas. A VRC construiu um "império" de estruturas. No início, isso garantia um status e trazia muita segurança. Depois da época das catacumbas, a Igreja também entrou nesse mundo. Com certeza fizemos muito bem à humanidade e ainda continuamos. A questão é: usamos a maior parte do nosso tempo para resolver os problemas da estrutura ou para questões pastorais concretas? O contexto atual da evangelização insiste muito em ser próximo dos problemas das pessoas, ter o "cheiro das ovelhas", sentir o coração dos que sofrem, usar sem medida o remédio da misericórdia, não colocando limites burocráticos às pessoas. É falsa a posição que defende que não podemos mudar porque tudo está no Direito Canônico ou nas regras ou constituições. Estes foram redigidos em função do sujeito. Papa Francisco deu testemunho, encurtando o processo canônico da nulidade matrimonial. Tudo com uma finalidade menos burocrática e para o bem da pessoa. Até que ponto as estruturas nos permitem avançar? Certamente, todos nós queremos ir além, mas diariamente as leis federais da administração limitam parte de nossa vocação dentro dos gabinetes. Para ajudar a pensar sobre a gravidade do que estamos falando, cito uma passagem iluminadora de um texto recente: "Uma avaliação atenta da caminhada de algumas comunidades religiosas indica que seus superiores estão muito apegados à preocupação de assegurar a continuidade de uma gestão centrada nas obras do instituto religioso, deixando em segundo plano as exigências da animação apostólica das comunidades".

6. A difícil arte de deixar o diálogo vencer. O ser humano é político por excelência, no sentido de que pode discutir questões essenciais para o bom desenvolvimento da vida. A ideia do bem comum é sempre atual. No caso da VRC, cada um é chamado a ser um sinal do Reino de Deus nas comunidades, dando coerente testemunho da vocação. Ocorre que cada instituto religioso se reúne para programar a sua caminhada e traçar suas metas. Nesses momentos, muitas vezes se esquecem das questões essenciais da vida, tais como interioridade, o cuidado com o outro, a capacidade de perdoar, o ouvir e respeitar as opiniões divergentes, valorizar as novas gerações, ser capaz de aprender com a sabedoria dos idosos, etc. O desafio geralmente é quando alguns sempre falam demasiadamente, sufocando a voz da maioria e não deixando o diálogo vencer. Quem viveu demasiadamente a serviço de obras e estruturas sempre apresenta preocupações distantes da vida, longe da sensibilidade e cego às urgências do coração. Deixar o diálogo vencer é permitir que a vida tome o primeiro lugar no debate. Pode parecer genérico tudo isso, mas não seria urgente criar espaços para debater a história de cada um? Em um tempo onde a subjetividade é uma das melhores conquistas do sujeito, não seria melhor levantar questões sobre a qualidade da fraternidade e dos dons de cada um? O novo texto sobre a realidade atual da VRC, quando fala de formação diz o seguinte: "A fraternidade é o lugar de uma eminente formação contínua". O diálogo vence quando cuidamos sempre da vida e quando não passamos por cima de ninguém.

7. O testemunho é mais forte do que a logomarca de nossas obras e projetos. Ainda encontramos muitos irmãos e irmãs que procuram as nossas comunidades religiosas trazendo um grande desejo de fazer a experiência de Deus por meio dos nossos carismas. Entram, fazem todo o processo inicial e depois são convidados a assumir os nossos projetos, que geralmente têm um nobre objetivo: ajudar o ser humano a crescer em todas as suas dimensões. Contudo, por que será que tantos entram em crises profundas e abandonam nossos institutos religiosos? O que aconteceu com aquele primeiro desejo de fazer a experiência de Deus? Por que não conseguimos ser fiéis ao primeiro amor? A questão é que, às vezes, o modo de gerir nossas obras transforma os(as) consagrados(as) em funcionários(as) e, sem se dar conta, a vida de interioridade vai morrendo. Parece que o segredo seria o testemunho de vida, e, não, a preocupação exagerada com a propaganda de nossas obras e projetos. Estes podem desaparecer, mas o carisma permanece respondendo às necessidades de cada época. Cada um de nós certamente foi atraído por um testemunho

de um(a) consagrado(a). Geralmente, os que testemunham, mesmo envolvidos com as obras, não vivem exageradamente em função delas, mas o Evangelho, o ser próximo, a vida de oração, a presença em meio ao povo e a convivência com as suas alegrias e tristezas são as bases determinantes capazes de atrair as vocações. De fato, muitos daqueles que batem à porta de nossas comunidades religiosas já não suportam as exigências do sistema de mercado vigente, porque sofrem injustiças, são perseguidos, não aceitam as burocracias e as pressões de competitividades. Enfim, procuram algo diferente, que traga a paz e, para isso, estão dispostos a doar com sinceridade a própria vida. Como podemos ajudá-los? É justo fazer com que estas pessoas encontrem o mesmo mundo empresarial dentro de nossas comunidades? A VRC é realmente uma comunidade cristã que tem a profecia e o testemunho como opção de vida.

Conclusão

É evidente o momento de crise que estamos vivendo, não apenas na VRC, mas em esfera global. Tal momento é uma oportunidade de crescer junto, refletir e rezar, antes de tomar qualquer decisão. O fato é que não podemos permanecer indiferentes, como se nada estivesse acontecendo.

A análise do nosso mundo parece que nos pede mais leveza nas relações e no modo de governar. São mais plausíveis e acolhidas as reflexões desenvolvidas em grupo porque a subjetividade pós-moderna gosta de sentir-se valorizada.

Estamos presenciando manifestações fundamentalistas com fortes tendências ao conservadorismo também por parte de jovens consagrados. Porém, a experiência mostra que eles, depois de determinado tempo, deixam a VRC, pois se trata de posições sem base e maturidade evangélica.

O Papa Francisco está fazendo uma significativa hermenêutica do magistério proposto pelo Concílio Vaticano II. Esse olhar voltado para a misericórdia e as origens evangélicas cristãs provoca a VRC a pensar mais em questões que tocam diretamente a existência, ou seja, a abordar a vida em si.

Perguntar-se sobre a vida significa estar atento às questões do cotidiano dos consagrados, se estão sendo cuidados e se cuidando, se a pastoral é mais afetiva e menos ativista, se estamos encontrando sentido no que fazemos ou estamos só dando continuidade a estruturas caducas. Significa ainda ser profeta, ou seja, ir além das ideologias do nosso tempo, ser consciente e saber deixar presenças e não ter medo de ir ao encontro do desconhecido, como Abraão.

A pergunta sobre a vida não é teórica, é real e existe à medida que partilhamos as nossas preocupações, sem ter vergonha de expormos nossos limites, sermos livres para sair de nossas seguranças que nos deixam cegos à novidade do Evangelho, ou seja, o discernimento está indicando que a vida está pedindo novos odres que possam suportar os apelos da profecia, que sempre é vinho novo para todas as épocas.

Por isso, não nos cansemos de perguntar: a vida, como vai?

Questões para refletir

1. Quais seriam as situações de nossas comunidades que nos incomodam e que deveriam ser partilhadas abertamente em espírito de fraternidade?
2. Como podemos viver a consagração dentro das nossas estruturas, sem correr o risco de sermos funcionários de nossas obras e projetos?
3. O que poderíamos fazer para pensar e viver a vocação à VRC na linha da profecia? Como essa opção evangélica ilumina o nosso agir?

FRATERNIDADE CONSAGRADA: RUMO A UM NOVO MODO DE ESTAR JUNTOS

Pe. Amedeo Cencini

No evento comunitário, está escondida uma memória antropológica central: o homem não é apenas um ser racional, mas, também, e acima de tudo, um ser relacional; mais ainda: também a verdade é relacional, pois implica naqueles que a procuram uma saída de si mesmos, um diálogo com a objetividade da realidade. Portanto, são também a experiência de Deus e a vida espiritual, já que vêm do Espírito, que é a relação na Santíssima Trindade. Por outro lado, a antropologia bíblica já há algum tempo nos diz que a imagem de Deus, mais do que o indivíduo, é o casal: homem-mulher, ou seja, estar em relação.

Então, se o homem é essencialmente relação, o amor é a forma mais alta que pode assumir a relação; é a relação realizada e perfeitamente bem-sucedida, como aquela que o Criador quis estabelecer com a criatura, pensando-a, desejando-a, enfim, criando-a e, depois, redimindo-a com o sangue do Filho.

Da relação à fraternidade

Esta conexão divina foi relação-mãe para o ser humano, não só porque ele nasceu daquela relação, mas porque Deus, escolhendo-o como seu parceiro e, de fato, vivendo realmente com ele este relacionamento de amor, o fez capaz de viver, por sua vez, vínculos similares com seus semelhantes.

É mais uma vez ainda a lógica da Graça, este dom não motivado e não merecido pelo homem, no qual Deus manifesta a plenitude e a riqueza de sua benevolência. E é por força da Graça que o homem é ser relacional e pode viver relacionamentos que se inspiram no amor de Deus infundido no seu coração, com resultados nem sempre satisfatórios, na verdade, mas que não afetam em nenhum modo a realidade e persistência daquele dom.

É por força da Graça, em especial, que homens e mulheres, como todos os outros, embarcam em uma aventura particular: aquela de viver juntos, não por vínculos de sangue e afinidades naturais, mas unicamente porque um mesmo chamado do alto os reuniu juntos e os fez irmãos e irmãs, desafiando de alguma forma as leis da convivência humana e os seus rigorosos critérios eletivo-seletivos. A vida em comum dos religiosos é a prova pública de que isto é possível, que o desafio pode ser vencido por força da Graça, ou na medida em que aquele amor que fez o homem capaz de se relacionar se coloca verdadeiramente na origem da escolha de consagrar-se, ou o torna capaz de tal decisão. De fato, somente o amor que vem do alto pode ser tão forte que permite viver junto com quem você não escolheu, nem o outro escolheu você, e de viver uma relação e uma fraternidade mais tenazes e resistentes que qualquer diferença de caráter, raça, nacionalidade, experiência, cultura.

Na verdade, é a vida comunitária, voltando mais ao nosso discurso, que vem em nosso auxílio ao esforço de superar as diferenças, citadas anteriormente, que muitas vezes impedem ao nosso agir de mostrar a fonte vital da qual o amor provém. Sim, porque o amor feito visível pelo afeto fraterno que une pessoas diferentes, é, por sua natureza, mais facilmente legível e mais facilmente relacionado ao amor que vem do alto (como é na realidade).

Mas a coisa não está evidente na prática da vida; de fato, não é sempre o que acontece em nossas fraternidades, porque o amor fraterno é, por sua vez, fruto de um caminho que não é simples, pois implica a superação de um egoísmo um tanto quanto enraizado no coração humano, e é dificultado por uma série de medos bobos do outro, ou do outro de mim, e talvez não seja nem mesmo objeto de atenção suficiente no caminho da formação inicial e continuada. Se o homem é relação, de fato, a tentação mais forte e constante será aquela de negar a relação, de fechar-se em si mesmo, de ver no outro um inimigo, de ver a vida como um conflito de relacionamento perpétuo no qual apenas um ganha. Neste sentido, se Deus é relação e fonte da relação, Satanás é a não-relação ou o princípio da atomização relacional humana, da fragmentação desesperada que nos torna sós e isolados, *homo homini lupus*, uma verdadeira e própria cultura de morte.

Então, vamos tentar ver como uma comunidade religiosa hoje pode conseguir tornar-se fraternidade, através de quais passagens, que se tornam depois sinais de

vida, daquela vida que só pode vir do nosso Deus, aquele Deus que se chama Trindade, isto é, relacionamento, troca, partilha, fraternidade, diálogo, amor.

Também porque esta passagem da comunidade à fraternidade é um dos sinais mais esperados da cultura em que vivemos (que hoje, apesar de tudo, é sensível a este tipo de testemunho), e também um dos sinais mais claros de renovação ou de vida nova e pura, que jorra de uma fonte inesgotável.

Sinais de renovação comunitária

É significativa esta convergência: a comunidade e o viver como irmãos é um dos sinais mais fortes do amor do Eterno, mas também é o "lugar"onde se decide ou se torna mais acreditável a renovação da VRC, e, enfim, é também o que o mundo hoje nos pede, espera ver, precisa constatar em nós como um milagre possível.

É realmente uma realidade estratégica e decisiva sobre o plano espiritual e psicológico, teológico e sociológico. Por isso, queremos parar um pouco para considerar estes sinais de novidade de vida fraterna.

Uma comunidade religiosa interpreta e encarna a renovação da fraternidade que nasce do amor na medida em que estão presentes e visíveis os seguintes sinais, quase um decálogo.

Escola de formação permanente

A formação permanente, como deve ser claro para todos, não consiste nos cursos extraordinários ou nos três dias ou nas semanas de atualização cultural, pastoral *una tantum*, e nem mesmo nos encontros espirituais periódicos, mas consiste, antes de tudo, na ação do Pai, que a cada momento procura moldar em nós a imagem do Filho, e na consequente e constante disponibilidade para acolher esta ação do Pai. Portanto, formação permanente já é em si dinâmica relacional, relacionamento com Deus; mas não só com Ele, porque, se a realidade está nas suas mãos, então cada situação de vida, cada circunstância, cada estação existencial, cada evento, positivo ou negativo (do nosso ponto de vista), sobretudo cada contexto humano, cada comunidade, acolhedora ou menos acolhedora, cada pessoa, cada confrade, santo ou pecador que seja, cada relacionamento, em particular, torna-se mediação desta vontade do Pai de formar no discípulo os sentimentos do Filho.

É como dizer, então, que cada relação humana com qualquer pessoa pode se tornar um local de formação, oportunidade preciosa, apesar de

todas as suas contradições e esforços, graça que vem do alto e passa através de pobres instrumentos humanos e inadequados. É a graça da formação permanente. Mistério e graça extraordinários!

Mas tudo isso certamente não acontece espontaneamente. É a graça que chama em causa a liberdade humana, é a graça que forma somente se a pessoa é livre para deixar-se formar, ou que tenha conquistado a *docibilitas*: aprendeu a aprender com a vida para toda a vida, ou seja, de cada semelhante e de cada confrade, do simpático e do menos simpático, do inteligente e do ignorante, de quem lhe quer bem e também de quem é hostil, o distante e muito diferente, "outro" diferente de si mesmo, que talvez o ataca e chega ao ponto de caluniá-lo, porque também a falsa difamação pode tornar-se um momento de grande purificação para aquele que busca somente em Deus a fonte de sua própria identidade e positividade, as próprias raízes e fontes.

Docibilis é a pessoa que descobriu o segredo da formação e o que a torna permanente, que é exatamente o seu ser quotidiano, normal, habitual, de cada dia, governada com os instrumentos e utensílios da vida de cada dia, começando pelas pessoas, que são aquelas mesmas que vivem ao meu lado, que eu não escolhi e que não me escolheram, sem procurar sei lá onde, nem pretender convivências perfeitas, ambientes de trabalho perfeitos, irmãos perfeitos. Isso não seria somente reivindicação infantil ou tentação diabólica, mas também tornaria a vida do consagrado frustração permanente, talvez em busca de um álibi permanente, sem formação permanente.

Então a comunidade se torna escola de formação permanente, de educação à vida de relacionamentos, ao senso de alteridade, à capacidade de aceitação do diferente e do pecador, a superação do egocentrismo infantil e do narcisismo da adolescência, aquilo que me faz pretender que os outros sejam perfeitos.

Do "fazer o bem" ao "querer-se bem"

Nós viemos de uma formação que tem sempre se preocupado, ao menos assim dizia, em mirar o essencial, em ir direto ao ponto, aos fatos, sem deixar-se distrair com sentimentalismos voláteis; por trás deste conceito, é fácil reconhecer aquele tipo de super-homem consagrado, muito íntegro, generosíssimo na doação real de si e preciso na observância, não dando espaço às suas emoções, e cuja integridade a ninguém seria permitido duvidar. É uma pena que neste ir ao essencial não havia sempre a devida consideração justamente para aquilo que é essencial no Cristianismo: o

amor, e não apenas aquele extraordinário ou a assim chamada "filantropia telescópica", típico de alguém que está disposto a amar somente as pessoas distantes (aquelas que você vê através do telescópio) e ignora as que estão ao seu lado, mas, acima de tudo, aquele afeto sincero para com aqueles que a vida colocou perto de mim, assim como são os irmãos da comunidade. Não basta "fazer o bem" na comunidade, é necessário "querer-se bem"; não teria muito sentido, nem seria acreditável, o bem feito para os outros distantes, se não fosse expressão do bem realizado antes de tudo a "aqueles de casa". Porque, na comunidade, ninguém pode duvidar de ser amado pelo amor.

Em uma fraternidade consagrada deve-se passar então da lógica da observância ou do correto comportamento, de qualquer nível, para aquele da comunhão, ou entender que, o que se faz que não passa através do relacionamento fraterno dos seus membros ou que não é sua expressão, não pode ter a consistência, nem a forma, nem a força de testemunho evangélico. Porque não pode haver contradição entre a mensagem e o modo de anunciar. E porque o primeiro testemunho que devemos dar hoje a um mundo dividido, onde a diversidade é motivo de conflito, é precisamente aquela de uma fraternidade não natural, mas real, onde é possível querer bem àqueles cujos vínculos que me ligam não vem da carne, nem do sangue, mas de Deus, para testemunharmos juntos este mesmo amor que vem dele. Assim como Paulo VI disse: "o grande dom e mistério de amor é doar-se um ao outro para doarem-se juntos", em uma fraternidade onde o componente afetivo agápico se une fortemente àquele apostólico.

Partilha da história e da fé

É um fenômeno muito estranho e repetidamente denunciado, mas talvez não com a determinação e insistência necessárias, tanto que o fenômeno continua: estamos falando da pobreza da comunicação nas nossas comunidades, onde se fala e a palavra circula, mas muitas vezes com conteúdos de uma pobreza e superficialidade desconcertantes. Como posso dizer: falamos e falamos sobre tudo, mas raramente do que é essencial e central para a nossa identidade. Como uma contradição contundente: o que é central fica à margem. Falou sobre isso anos atrás, com inusitada coragem e clareza, um documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, denunciando "a falta de qualidade da comunicação fundamental dos bens espirituais", por isso "comunica-se sobre questões e problemas marginais, mas raramente se compartilha aquilo que é vital e central no caminho da consagração". O texto também indica

algumas consequências: «A falta e a pobreza de comunicação normalmente gera o enfraquecimento da fraternidade; o desconhecimento da vida do outro torna estranho o confrade e anônimo o relacionamento, além de criar situações de isolamento e de solidão", junto a uma «mentalidade de auto-gestão unida à insensibilidade para com o outro». E enquanto «a experiência espiritual adquire friamente conotações individualistas", o sujeito vai procurar «relacionamentos significativos fora da comunidade". Concluindo, temos o suficiente para pensar que talvez seja o caso de correr para consertar.

O documento do dicastério vaticano dá indicações precisas sobre o assunto, em termos de mudança de mentalidade, sobretudo, mas também quais os instrumentos que devemos usar para sair desta situação contraditória. E eu acho que são indicações muito atuais, sobre ambos os planos. Precisamos entender, antes de tudo, que deveria ser completamente normal compartilhar a fé, narrar entre nós o que Deus tem feito na nossa história para assim descobrir aquilo que mais nos une do que aquilo que poderia nos dividir; mais se vai em profundidade na compreensão do significado da nossa experiência de Deus, nas suas dificuldades e descobertas, dúvidas e surpresas, partilhando com os outros, mais descobrimos a nós mesmos e mais descobrimos o quanto somos parecidos entre nós! É aquilo que estão experimentando as comunidades que estão entrando nesta lógica. E que, a partir desta mudança de mentalidade, aprendemos sempre mais a adotar aqueles instrumentos que permitem a uma fraternidade integrar o bem e o mal, que fazem parte de sua vida; a *collatio*, para compartilhar a Palavra e colocar à disposição de todos os próprios dons de inspiração; o discernimento comunitário, para aprender a escolher juntos e ser livres de reconhecer no outro uma opinião melhor do que a própria; o projeto comunitário, para organizar juntos a vida de modo evangélico e segundo o carisma recebido como um dom.

Depois, existem instrumentos de integração do mal, como o perdão, em primeiro lugar, e, logo em seguida, a correção fraterna, através do quais um ajuda o outro a carregar o peso do seu mal, ou a revisão de vida, na qual se aprende a reconhecer seu próprio pecado perante a comunidade e, ao mesmo tempo, a assumir aquele do outro. São instrumentos simples, não podem mudar automaticamente uma fraternidade, mas quando são compreendidos na sua natureza, vividos com o espírito justo e colocados em prática regularmente, podem ajudar uma fraternidade a evitar os fenômenos de "isolamento e solidão", juntamente a uma "mentalidade de auto-gestão" unida à insensibilidade pelo outro. "Que seria a negação da comunidade religiosa".

Modelo familiar

Uma comunidade religiosa não é uma família; as duas realidades são muito diferentes com relação à estrutura, papéis, tipo de interação, funções, expectativas. Mas, em qualquer caso, a comunidade religiosa tem muito a aprender com o modelo de família e também a copiar alguns elementos.

Por exemplo, a modalidade de habitação de qualquer comunidade de consagrados deveria ser o mais possível parecida com a de uma família, e não parecida com a de uma megaestrutura com espaços grandes que não favorecem intercâmbios frequentes entre os membros, mas, pelo contrário, cria isolamentos, ocultamento e relações anônimas; assim também o ambiente em que se vive deveria favorecer a organização dos relacionamentos internos para que sejam imediatos e relativamente frequentes, e não muito determinados pelas funções ou competências, como se fossem máscaras que deformam a personalidade e tornam falsas as relações.

O modelo de família refere-se também sobre a relação com o ambiente para que a comunidade não se feche em si mesma, mas permaneça aberta ao lugar em que está localizada, e quem entra em contato com a comunidade se sinta acolhido como em uma casa que pertence a todos, onde todos se sintam convidados a abrir, por sua vez, a sua vida aos outros.

Considero que é importante também para uma comunidade recuperar a dimensão normal da vida cotidiana como se vive em uma família (dos trabalhos domésticos aos cuidados da casa, para que seja bonita e arrumada na sua simplicidade; do uso responsável das coisas com sobriedade e discrição, especialmente aquelas que são de uso de todos; do ritmo "humano" na organização do dia para uma certa flexibilidade na troca das funções e dos escritórios...). Certas habitações de comunidades masculinas são, a partir deste ponto de vista, um perfeito contra-testemunho, parecem um condomínio habitado por inquilinos que se ignoram; outros lugares dão uma ideia de miséria e negligência, que desencorajam qualquer um que se aproxime e nem pensaria em viver lá.

Abertura aos leigos

A comunidade não pode ser um espaço misterioso e secreto, fechado e não comunicativo com o exterior. Pelo contrário, deve constituir no lugar onde está uma realidade que, aos poucos, se torna significativa para todos, aberta e convidativa; de alguma forma, uma casa de vidro, transparente. Não se trata somente de oferecer um espaço ecológico e acolhedor, mas de

testemunhar os valores para que se tornem cada vez mais visíveis e atraentes, a ponto de sugerir, a quem nos vê, o desejo de codividi-los, ou de aderir a um determinado projeto ou de envolver-se ativamente no testemunho daqueles mesmos valores.

É a partir desta abertura que surgiram, nas últimas décadas, diversas formas de agregação de leigos às nossas famílias religiosas, que, sem dúvida, representam um dos sinais mais promissores da vitalidade dos nossos carismas nestes tempos. Desde que sejam entendidos como expressões em sua forma original dos próprios carismas, interpretados e vividos em um modo inédito por leigos que vivem em um ambiente secular e de acordo com um carisma próprio deles. E não se tornem uma espécie de terceira ordem, subordinada e repetitiva, que não acrescenta nada ao carisma e, muitas vezes, nem mesmo para as pessoas que entraram na agregação religiosa de leigos.

Em qualquer caso, seria interessante nos colocarmos esta interrogação: o que é que os leigos sabem, especialmente aqueles que vivem ao nosso lado e que nos veem trabalhar ou que são os destinatários dos nossos serviços apostólicos, o que eles sabem do nosso carisma, da nossa espiritualidade, da nossa experiência de Deus? Às vezes, eles não sabem mesmo nada, e não porque eles não são capazes de compreender, mas porque nossa casa não é de vidro suficiente, nosso ser e nossas ações não são transparentes o suficiente e nós não estamos suficientemente preocupados em transmitir aquilo que é essencial para torná-lo compreensível e atraente, que pode ser vivido por outros, além de nós. Isso para que possamos "restituir" à Igreja e ao mundo o que temos recebido para a Igreja e para o mundo, ou seja, os nossos carismas.

Santidade comunitária

Antes falávamos da ideia da relação, do ser humano concebido por Deus como ser relacional, e que – exatamente porque é assim – está destinado a viver uma história de amor com seu Deus. Eu não sei o quanto este modelo antropológico é de fato compartilhado nos nossos ambientes; no fundo, nós viemos de visões filosóficas que relegam a relação ao puro *accidens* da vida e da história humana. Daí a resistência a essa visão relacional que se manifesta também em uma forma correspondente de conceber a santidade, como caminho absolutamente individual para com o "meu" Deus, como fruto de esforços e ascetismos que é o indivíduo que coloca em ação, às vezes, também como um distintivo exibido com ar de superioridade. E

aqui não consideramos mais somente a filosofia, mas há toda uma espiritualidade que, por um longo tempo, favoreceu esta percepção do santo, construindo uma arquitetura toda individual para alcançar com esplêndida solidão a cúpula da santidade.

Acredito firmemente que hoje a santidade comunitária seja o verdadeiro objetivo para a qual a VRC deva tender, uma santidade vivida juntos, cada um compartilhando a história e a fé, o caminho que Deus fez para chegar a ele e aquele que ele fez para ver o Seu rosto, as aspirações e fraquezas, sobretudo compartilhando a Palavra e aprendendo a aceitar uns aos outros na fraqueza e no pecado, a corrigir-nos reciprocamente, mas também a nos estimarmos e nos encorajarmos, cada um sentindo-se responsável pelo outro, e também necessitado do outro e da sua presença .

Seria realmente um grande dia aquele domingo de sol romano de dois mil e não sei quantos anos (esperamos que não muitos), quando um Pontífice Romano do futuro, que poderá ser um Bento XX ou João Paulo V, proclamará santa na Praça São Pedro uma comunidade de consagrados(as), e não simplesmente um santo ou alguns santos religiosos. De santos "individuais" já temos o suficiente (demonstrando que a VRC é escola de santidade: parabéns!). O que ainda falta é mostrar ao mundo uma comunidade santa ou mostrar como a vida fraterna, realmente fraterna, vivida como consagrados, seja estrada de santidade e de plena realização e santificante da dimensão humana relacional, ou como a VRC leva, pela sua própria natureza, a viver uma fraternidade totalmente humana e santificante, ou seja, escola de fraternidade e de relacionamentos.

E quando eu digo "comunidade santa" não me refiro a uma variedade dos melhores religiosos de uma província ou de uma instituição, mas a uma fraternidade qualquer educada progressivamente segundo esta sensibilidade, onde cada um aprende cada dia a comprometer-se com o outro e apresentá-lo a Deus, e ao mesmo tempo se deixa "conduzir" pelo outro, pelos outros; uma fraternidade na qual todos os dias fazemos dom recíproco de misericórdia e de compreensão, na qual ninguém se sente superior ao outro, na qual o fraco se torna o centro de coesão, aquele através da qual a misericórdia humana aprende, pouco a pouco, a modelar-se naquela divina, criando caminhos de santidade fraterna. Mesmo sem canonização oficial.

A santidade comunitária seria, entre outras coisas, o sinal que hoje o mundo está esperando, de uma força de testemunho único. Se é um, sozinho, que se torna santo no meio de uma multidão de religiosos medíocres, alguns vão sempre bater, porque pode ser visto como uma exceção (e muitas vezes vai ser realmente). Mas, se é uma fraternidade que se torna

santa, então a santidade se torna a norma, associada naturalmente à VRC, enquanto o sinal resplandece com uma luz irresistível para o mundo e para toda a Igreja: o sinal da VRC como escola de santidade e fraternidade. É como se a relação fosse santificada, ou reconhecida como o lugar onde Deus habita.

Projeção missionária

Falamos mais acima do desequilíbrio e desproporção entre a energia (tempo, pessoas, dinheiro, atenção...) que gastamos em operações e economias internas (em função, ou seja, de nós mesmos e dos complexos equilíbrios das relações comunitárias, ou simplesmente do nosso bem-estar, psicológico ou material) e o quanto fazemos para servir concretamente o povo de Deus, para colocar à disposição de todos o dom recebido, como se tivéssemos invertido certa graduação dos objetivos da VRC: em primeiro lugar nós mesmos e só depois as necessidades dos outros.

É a imagem da comunidade fechada em si mesma, onde a força centrípeta prevalece sobre aquela centrífuga, e tudo parece se resolver em um retorno contínuo e obsessivo sobre si mesmo, sobre o grupo, sobre o relacionamento entre os membros, com o poder de transformar uma diferença normal de opiniões em um grande problema e de solução impossível, ou uma antipatia por motivo de depressão ou pedido de transferência. Se é verdade o que diz uma observação psicológica comum (de uma psicologia muito mesquinha e elementar), ou seja, que aquele que não tem grandes ideais e projetos de vida normalmente acaba criando ele mesmo problemas artificiais e perdendo-se em um copo de água, seria para dizer que a pobreza de ideais missionários de certa vida comunitária parece sufocar seus membros e implodir sobre si mesma. E certamente não seria bom viver em uma comunidade assim, que não sabe produzir fraternidade.

Também o excessivo e eterno falar de comunidade, de relações interpessoais, de cursos e repetição de cursos de formação sobre a solução de conflitos interpessoais, ou sobre o cuidado e leis de comunicação...quando é exagerado o tempo que demora e sem soluções concretas, no fundo manifesta precisamente esta pobreza de ideal e as suas consequências, mais notavelmente a desproporção entre as energias gastas pelo Reino e as energias desperdiçadas pela causa menos nobre dos nossos pequenos reinos, em conflito perpétuo entre eles.

A comunidade do amanhã deverá ser sempre menos voltada e concentrada sobre si mesma e sobre suas preocupações pagãs e egoístas, e cada vez

mais fiel à sua identidade missionária, sempre mais para fora, sempre mais atenta a aqueles espaços que poderiam se abrir ao seu testemunho. Em particular, sempre mais inclinada ao anúncio do Evangelho como Boa-Nova de fraternidade para todos, particularmente para aqueles que são mais tentados a se sentirem marginalizados pela fraternidade, de se sentir menos amável e amado, nas muitas formas assumidas hoje por esta marginalização.

Portanto, não a imagem da comunidade fechada em si mesma, mas, sim, o de uma comunidade plataforma-de-lançamento, de onde se toma o voo para ir anunciar ou instruir ou libertar ou curar; ou, então, ainda melhor, o de comunidade de base de campo da qual se parte para subir a montanha e na qual se volta para reabastecer e descansar, e, depois, retomar o caminho, e que se desloca sempre mais para o alto, perto do topo, ou seja, fraternidade sempre mais no meio do mundo e perto da história, sempre mais consagrada ao anúncio e lugar de verdadeira fraternidade.

É belo viver em uma comunidade assim (Sl 133)!

Culto da hospitalidade e da acolhida

No que diz respeito à hospitalidade, parece que é um valor antigo, uma dimensão natural da VRC, uma praxe praticada nas antigas abadias e mosteiros onde sempre existia um espaço (a pousada) para acolher o peregrino e o desconhecido, onde não se sentiam estranhos ou desconhecidos. Hoje, o problema ou o drama, em certos casos, ainda existem, e como! Porque, além da atenção que a administração pública tem para com o fenômeno (dos tantos imigrantes ou "sem-teto"), existem sempre as situações únicas que ficam fora de monitoramento e da assistência pública. Talvez também é bom dizer que hoje a questão apresenta algumas complicações a mais em relação ao passado e, portanto, precisa ser encarada com um realismo inteligente e atenção prudente. Mas, não há dúvida de que frequentemente nos faltam coragem e desejo, sensibilidade e decisão para dar a nossa pequena contribuição construtiva para uma situação problemática que, evidentemente, não seria para nós resolver, mas que não pode nos deixar indiferentes. Especialmente, se pensamos em alguns dos nossos espaços, muitas vezes não utilizados ou usados de um modo não racional e, ainda mais, menos evangélico.

Mas, hospitalidade não é somente física, nem é só aquela praticada ao extracomunitário ou a quem pede um prato de sopa. Hospedar quer dizer acolher no coração, dar o próprio tempo e atenção, sobretudo quer dizer oferecer hospitalidade, a própria disponibilidade, a própria "casa", no

sentido do que eu ou nós temos e podemos doar o mais belo que temos com muita naturalidade e simplicidade para que também ele possa gozar do que é meu ou nosso. E, portanto, sem esperar algo, sem procurar algo, talvez deixar boa impressão diante do hóspede em questão. Não é esta a lógica da hospitalidade religiosa, a qual não faz preferências ou exceções a hóspedes especiais, mas coloca todos aqueles que batem à nossa porta na mesma condição de poder gozar dos bens que a comunidade possui. O que quero dizer? Que, se uma pessoa, por exemplo, chega enquanto a comunidade está em oração, o mais natural será convidá-la, com simplicidade e naturalidade, sem sombra de pressão, mas também mostrando interesse de que ela pode rezar conosco, porque é o que somos, nosso bem e nosso tesouro, o mais lindo que temos e também o que tanto queremos colocar à disposição de todos para que muitos possam experimentar como é lindo louvar o Senhor, como é lindo o templo e o "estar na entrada da casa de meu Deus", como é belo cantar juntos os louvores a nosso Deus ou celebrar a liturgia que evoca o mistério, escutar todos juntos a sua Palavra, nutrir-nos do mesmo alimento, bebermos da mesma fonte que nos dá energia e se torna paixão. Quem disse que eles não podem entender ou se cansariam e, portanto, não teria sentido nosso convite? Não são somente as freiras de clausura, com seus impossíveis salmos cantados a quatro vozes com flauta, harpa e órgão, as únicas capazes de atrair e comover; nem está dito que devemos nos exibir para atrair o buscador de emoções estéticas. Não, trata-se simplesmente de partilhar com o hóspede o dom que recebemos para que também ele seja abençoado.

Como seria belo se nós nunca estivéssemos sozinhos em oração!

Comunidade vocacional

Talvez este título traga um engano. Não estou pensando na comunidade onde o Provincial ou a Madre Geral encarregou alguém de levar em frente a animação vocacional, mas a cada comunidade de consagrados, porque cada comunidade religiosa é chamada a ser comunidade vocacional. E não é por uma razão de conveniência técnico-estratégica ou porque assim se teria uma animação, vocação capilar em todo campo, mas porque é natureza do ser consagrado ser também animador vocacional. É típico do adulto maduro fazer-se responsável pelo caminho vocacional de outros, porque, de fato, para o que é chamado, não existe outro modo de ser fiel à própria vocação e tornar-se ao mesmo tempo um chamador. Poderia acrescentar dizendo que o religioso descobre a própria vocação somente quando chama outro ou quando se coloca como mediador do chamado

divino e assegurar-se ao que dissemos no primeiro ponto sobre a renovação da fraternidade dentro da lógica de formação permanente. Por que, de fato, formação permanente e animação vocacional são duas realidades conceituais que parecem muito diversas, mas que em realidade são conectadas entre elas, sendo uma condição da outra. Na verdade, somente quem leva a sério a própria formação permanente dá-se conta também do dever da animação vocacional como algo que jorra natural da sua definição de vida e descobre, a cada dia, novas motivações para sempre renovar a própria vocação. Torna-se também um próprio e verdadeiro animador vocacional que sabe propor a vocação consagrada cristã, de um modo original e absolutamente pessoal, sem repetir as coisas.

Assim, também, alguém que faz autenticamente a animação vocacional sente-se também provocado em levar em frente a própria formação permanente, porque conclui que nunca poderia propor aos outros aquilo que ele, por primeiro, não procura viver ou não usufrui.

Mas, aqui existe um sujeito novo: a comunidade. Como a formação permanente se realiza na fraternidade e através da relação com os irmãos que não se escolheu e dos quais não foi escolhido, assim a animação vocacional pode ser somente ação comunitária, testemunho oral e, portanto, extremamente envolvente e convincente da beleza de uma vida consagrada a Deus e vivida juntos na abençoada fraternidade. A comunidade como fraternidade é, hoje, o autêntico sujeito vocacional, muito mais e muito melhor de quanto alguém poderia fazer sozinho, porque só a comunidade pode exprimir o carisma na sua plenitude e riqueza (através da contribuição de todos), além de ter aquela força testemunhal típica do grupo enquanto tal.

Uma coisa é certa: uma das causas da fragilidade na animação vocacional é constituída, também, do fato que ainda não é um testemunho vocacional comunitário. Mas, ainda é levada para frente por encarregados individuais, como solitários e improváveis representantes de um produto que se esforçam de propor como atraente e conveniente. Agora, se a comunidade é inativa e não toma parte ou – Deus não queira – dá exatamente um testemunho contrário, está claro que a ação daquele pobre coitado é vã e se torna frustração vocacional. Mas, se é toda a comunidade que "diz" com a própria vida, com o seu modo de fazer e de servir, com a qualidade das relações no seu interior, com o seu testemunho luminoso e contagioso da beleza de Deus e do discipulado de Jesus, que vale a pena consagrar-se a Deus e fazê-lo junto aos outros, então tem sentido ser o animador vocacional.

Concluindo, lá onde existe uma comunidade vocacional pode estar também o animador vocacional e tem sentido todas as eventuais iniciativas

vocacionais, mas se não existe comunidade vocacional ou se a comunidade não vive em concórdia com a proposta vocacional, de nada serve a determinação do pobre cireneu vocacional ou as iniciativas propostas do centro.

Alegria comunitária

O teste da alegria é um dos mais aceitos e um dos mais difíceis que submetemos a quem nos vê ou, em geral, ao mundo de hoje, doente, com depressão crônica mesmo que velada, como vimos na primeira parte. Sejamos claros, não falemos da alegria exterior e de escritório, quase obrigada, para exibir como gansos alegres, mas da alegria verdadeira que nasce do profundo e do alto, alegria humana, de raiz divina.

Nós cremos, de fato, em um Deus que se alegra e o faz exatamente quando um homem se arrepende e retorna a Ele; então, diz Jesus, o Pai fica tão feliz, que organiza uma festa no céu. A alegria do ser humano é possível somente como reflexo desta festa; é a alegria de quem se sente perdoado, acariciado pela misericórdia do Eterno. Se, portanto, o perdão de Deus é fonte da alegria da pessoa individualmente, assim o perdão entre nós, fruto e reflexo do perdão divino, é fonte da alegria comunitária.

A alegria de uma comunidade de crentes e, quanto mais, de consagrados, pensando bem, não tem outra fonte além do perdão contínuo e sempre novo que a pessoa e o grupo receberam e recebem do próprio Senhor, grande no amor e rico de misericórdia. O ser comunidade reconciliada é a condição da alegria estável e tenaz dos membros daquela fraternidade porque, antes de tudo, seria uma alegria que vem de Deus e do seu amor difundido nos corações dos fiéis: alegria profunda e resistente, mais forte de quanto se poderia obscurecê-la, que pode, além de tudo, conviver com os problemas e as provas normais da vida, que não tem nada de forçado, nem é só exterior, e porque vem de Deus e passa através do coração do outro, é divina e humana.

A regra de vida do meu instituto diz muito claramente: "Alegremo-nos e façamos festa, porque somos uma comunidade reconciliada".

Por outro lado, esta alegria não pode limitar-se à experiência espiritual (arriscando ser demasiada e somente espiritual), mas deve abraçar a simplicidade da existência, o tecido banal do cotidiano, as coisas pequenas de cada dia. "Uma fraternidade sem alegria – dizia, faz alguns anos, o profeta que foi Pe. Tillard – é uma fraternidade condenada a morrer. De fato, logo os seus membros vão procurar em outra parte o que não podem encontrar na casa deles. O *sheol* (sepultura) nunca atraiu os homens".

E, ainda, a experiência da misericórdia do Pai, que no sangue do Filho nos reconciliou a si, fazendo dos dois um só povo novo e eliminando cada contraste determinado pela raça, povo, cultura, etc., nos consente viver a experiência da diferença sem que esta desagrade e disturbe a unidade, ou melhor, fazendo-a motivo de alegria. Como ocorre na Trindade Santíssima, onde o Espírito goza de uma "alegria secreta (…), [aquela] de estabelecer a comunhão, e de recompor a semelhança, brincando com as diferenças". É uma passagem do testamento espiritual do prior dos monges trapistas, mártires do fundamentalismo islâmico na Argélia. Escrito na prospectiva da sua morte e dos irmãos pela mão de quem se chama "amigo do último instante": em um contexto, portanto, de extrema e irredutível diversidade. Bem, Pe. De Chergé atribui ao Espírito de Deus esta prerrogativa: a alegria e liberdade de "brincar com as diferenças", ou de fazer convergir lentamente para o centro, respeitando ao mesmo tempo a sua originalidade, em um equilíbrio que pode ser somente "espiritual", autenticamente espiritual.

"Brincar" diz exatamente a liberdade do movimento junto ao sabor gratuito de fazer uma determinada coisa; e é tanto mais livre de mover-se quem tem um ponto sólido de referimento, como é um grande amor. O Espírito de Deus, lugar deste amor, possui tal liberdade ao grau supremo; suprema é, portanto, também a sua alegria. Partícipe desta alegria é aquele crente e consagrado que não faz conflitos com as diferenças, as muitas diferenças que inevitavelmente pontuam sempre mais a dinâmica da vida comum (de qualquer alteridade à internacionalidade de muitas fraternidades) como também a diferença radical que pareceria querer opor ao mundo e à cultura atual, mas aprendeu a conviver, a "brincar", porque mais forte daquilo que pode dividir as criaturas, imensamente mais forte é o amor difundido nos seus corações, dentro e fora da fraternidade religiosa.

Uma comunidade de fiéis e consagrados deveria ser o lugar na qual o Espírito de Deus pode continuar a "brincar com as diferenças", ou na qual pode encontrar alguém que aprenda dele a "brincar com as diferenças". Beneficiar-se-ia enormemente a qualidade da vida e a riqueza do testemunho e nós viveríamos muito mais na alegria.

UMA ESPIRITUALIDADE PARA A REESTRUTURAÇÃO

Jorge Cela, S.J.

Introdução

Costumamos dizer que a Igreja é instituição e carisma. E gostamos de pensar que a nós, Vida Religiosa Consagrada (VRC), coube a melhor parte, a mais inspiradora, a mais próxima da criatividade e liberdade do Espírito, enquanto que, à hierarquia, correspondia a instituição, mais rígida e estruturada. No entanto, a linguagem da reestruturação nos confronta com a realidade de que nós também somos instituição. Não corremos o perigo de que as leis e estruturas devorem o carisma?

Seja como for, essa linguagem nos soa pouco familiar e pouco evangélica. Custa-nos relacioná-la com nossa espiritualidade e missão. Porém, quando falamos de reestruturação, devemos estar falando de renovação espiritual e compromisso com a nossa missão. Porque a reestruturação não deve ser um simples reordenamento funcional para nos adequar às mudanças do contexto e a nossos números decrescentes. Não deve ser uma operação de salvamento em tempos de naufrágio. Deve ser um movimento de renovação espiritual orientado à missão. Sua motivação não deve estar no medo de sucumbir na catástrofe, mas no renovado entusiasmo pelo seguimento de Jesus.

Portanto, a reestruturação deve ser vivida como uma oportunidade de nos renovar espiritualmente e de reavivar o fogo da vocação que seja capaz

de reavivar outros fogos. Deve ser olhada como uma "boa notícia" para nossa VRC. A pergunta que devemos enfocar é: Que estruturas de governo podem ajudar-nos hoje a revitalizar nossas vidas e nossa missão?".

A disponibilidade

Tenho um colega que, quando deseja fazer uma consulta, começa por perguntar: Como fica o seu corpo se...? E é verdade. O corpo é organizado para a tarefa esperada. Ele aperta, relaxa, põe-se em alerta, arrepia-se, treme, sua, tem calafrios, etc.

Também o espírito deve se dispor à tarefa que tem pela frente. Santo Inácio, em seus exercícios espirituais, dá muita importância à preparação da oração, buscando que o corpo e o espírito se prestem a orar. Inclusive, cuida dos primeiros passos da oração e cuida de que nos façamos conscientes "para onde vou e para que vou".

E como se isso fosse pouco, começa os exercícios com o Princípio e Fundamento que vai orientado a criar em nós uma atitude de indiferença, quer dizer, de nos dispor a aceitar a vontade de Deus, sem ter uma vontade e querer próprios que possam interferir ou fazer ruído à voz do Senhor que nos chama.

O que chamamos de reestruturação é uma mudança que toca nosso mundo mais próximo e nossas raízes mais profundas. Que muda o universo do nosso olhar apostólico. Que muda as relações de obediência, as possíveis relações de comunidade incluindo novos sujeitos, nossos hábitos pastorais e comunitários, novas culturas em jogo. Que muda também as possibilidades de destinos abrindo novos países. Toca, portanto, temas muito sensíveis para nós: vida de comunidade, missão, cultura.

Uma mudança dessa envergadura pode ser recebida com resignação, o que supõe pouco ou nenhum esforço por cooperar com o objetivo que se pretende e, provavelmente, resistências internas que nos eximam de assumir a mudança interiormente; e também resistências externas que dificultem abertamente sua execução.

Por isso, é importante que todas as pessoas e comunidades implicadas na reestruturação se sintam envolvidas como sujeitos da mudança. E para isso é preciso que haja disposição.

É bom que haja um processo de reflexão que permita a todos entenderem o que se busca, contribuírem, assimilarem a nova proposta e trabalharem os possíveis consensos. Porém, o caminho da racionalidade nem sempre

nos leva ao acordo. Porque há coisas que nunca estão tão claras para que todos as vejamos da mesma forma; porque nossas visões estão condicionadas pelas nossas histórias e pontos de vista e, sobretudo, porque nossa razão funciona muito ligada a nossos afetos.

É preciso trabalhar o mundo afetivo. E os amores desordenados somente se vencem com um amor maior que os ordena no fim de nossa vida. Somente situando o processo no plano do amor maior seremos capazes de dispor nosso espírito com alegria e até entusiasmo; somente situando o processo na busca da vontade de Deus e dispondo nosso coração a querer a vontade Deus, ainda que nos custe, ainda que não a enxerguemos.

Sendo capazes de separar a vontade de Deus de meus desejos. E para isso começar todo o processo por esta busca apaixonada da vontade de Deus, que tem seus caminhos, que nem sempre são os de nossos desejos ou de nossa racionalidade instrumental.

É importante que o processo parta de nosso esforço por centrar o olhar em Deus e renovar nossa disponibilidade a aceitar que Ele quer, ainda que contradiga meu próprio querer e interesse. E é importante que em todo o processo estejamos atentos a purificar nosso olhar comunitariamente, centrando em Deus a intenção. Que o processo racional de análise e ponderação de dados e razões seja sempre rezado sob o prisma da disponibilidade. É importante ter presente a atitude de Jesus no horto e a atitude de Maria na anunciação. Faça-se em mim tua palavra. Deus está no centro. Por isso toda reestruturação deve começar por uma disposição comunitária à ação de Deus.

As estruturas em função da missão

O segundo elemento para fazer da reestruturação um processo de renovação espiritual é pensar as estruturas em função da missão. Toda reestruturação tem um objetivo distinto da própria reestruturação. Reorganizamo-nos para um fim. Pode ser para ganhar mais dinheiro, ou para melhorar nossa imagem institucional, ou para maior rendimento profissional. No caso da VRC, é para a missão. Uma missão que não é nossa, individual. Nem sequer da Congregação. É a missão de Cristo de construir o Reino.

Porém, não devemos confundir a missão com a tarefa. Nossa tarefa pode ser ensinar matemáticas ou atender pacientes terminais. A missão da instituição na qual trabalhamos pode ser educar crianças ou curar enfermos. Porém, nossa missão como VRC é ser testemunhas e construtores do Reino segundo o carisma próprio da congregação. Toda reestruturação deve

acontecer para que sejamos mais eficazes nesta missão. E dizemos eficazes, não eficientes. Eficiente é quem obtém melhores resultados com menor inversão de tempo e recursos. Eficaz é quem consegue seus objetivos mais plenamente. O que nos interessa é sermos eficazes no testemunho e na construção do Reino de Deus.

Para isso, é imprescindível estarmos atentos aos sinais dos tempos. Eles nos indicam onde está a pergunta pelo Reino, onde estão crescendo os novos brotos do Reino, qual é a linguagem para comunicar o testemunho do Reino aos destinatários da mensagem.

Necessitamos ter o ouvido perto do broto que está surgindo em todo seu verdor, a crisálida que começa a se romper para libertar a borboleta. Precisamos de um olhar de girafa. A girafa, pelo seu longo pescoço, pode elevar seu olhar e abrir-se ao horizonte. Porém, para poder bombear sangue até a cabeça tão alta, necessita de um coração grande. Nosso olhar tem de ser assim: que abarque o horizonte amplo de nosso vasto mundo com um olhar estratégico de longo alcance; porém, ao mesmo tempo, conectado com um coração grande, onde caibam todos e todas, onde haja espaço para a generosidade sem limite.

Um olhar que não se esgote em seu pequeno mundo de medos e necessidades pessoais, nem de minha obra como se ela fosse o Reino todo; nem de meu entorno, minha cultura, meu país, minha congregação. Aberto ao mundo, à Igreja, capaz de sentir como próprias as angústias e esperanças de nosso mundo, especialmente as dos pobres. Desde um coração ansioso para compreender, disposto a acolher e a amar a todos e todas. Que não levanta muros nem fronteiras para impedir a entrada. Um olhar que não examina atentamente para julgar, mas para salvar.

A contemplação de nosso mundo nos fala primeiro de globalização. As distâncias se encurtam e nos aproximam virtualmente com a oportunidade que isto oferece de ampliar nossa informação até a saturação, além do efeito em nossas formas de conhecer, mais por conectividade que por acumulação de conhecimentos. Por isso, nosso mundo funciona por redes, que não somente estruturam nossa maneira de atuar e de nos relacionar, mas também invadem nossa privacidade. Redes onipresentes, porém sumamente frágeis que se armam e se rompem com igual facilidade, fortalecendo uma disposição do provisório, do passageiro, sem amarras nem compromisso. Um mundo que muda na velocidade de um click no mouse. Que nos abre à pluralidade, à interculturalidade, ao diálogo com o outro; porém, ao mesmo tempo, nos convida à superficialidade de quem tudo prova, mas em nada aprofunda, com nada fica. A cultura do supermercado, de ofertas

sem limite, no âmbito dos descartáveis, inclusive no religioso, onde se oferece, ao espírito, multiplicidade de ofertas, atrativas, baratas, para silenciar as ânsias de transcendência, sem muito custo ou compromisso. Onde as sensações fortes substituem a profundidade, e a experiência do outro não passa da epiderme sentida no abraço.

Um mundo plural, que nos ensina abertura aos outros e suas culturas, onde temos de assumir múltiplas identidades e nos relacionar com a diversidade de tal maneira que nossa identidade se fragmenta e obscurece até não saber quem somos. Um mundo que busca sua integração, sua identidade mais profunda e seus afetos estáveis para além das sensações e experiências fortes e passageiras.

Um mundo que, junto ao leque de oportunidades que nos abre, nos fragmenta e nos divide, não somente interiormente, mas também em dinâmicas que levantam muros e barreiras para excluir a participação nesta cultura emergente universal. Barreiras entre países, que excluem os migrantes; barreiras para excluir os pobres, os povos nativos e a tudo o que, por ser diferente, exige-nos sair de nós mesmos, contar com eles, incluí-los em nossos planos.

Este mundo nos lança perguntas novas e nos exige que as respondamos em outra linguagem. Necessitamos de uma espiritualidade sensível a esta nova disposição, que entenda suas inquietudes e fale seu idioma. Necessitamos mudar pessoal, comunitária e institucionalmente para responder a este desafio de uma nova evangelização, de uma nova maneira de viver a experiência do Deus único. A reestruturação deve ser para nos ajudar a isto. Para traduzir o carisma fundacional às novas linguagens culturais.

Neste mundo "nossas estruturas de governo e nossos modos de proceder devem ser concebidos a partir de uma maior universalidade". E em meio desta selva de tecnologias e interesses, que por momentos nos parece uma Babel onde é impossível superar os conflitos nem chegar a nos entender, temos de nos ocupar em discernir o passo de Deus por nossa história e escutar seu chamado. Pessoalmente e em comunidade, temos de nos colocar em atitude de discernimento para descobrir o Deus presente, que convoca a partir da realidade.

Nossa espiritualidade deve ser de busca, de constante discernimento pessoal e comunitário, de escuta da Palavra revelada nos sinais dos tempos. Nossa oração há de ser de olhos abertos para a realidade, aprendendo a ler nela o chamado de Deus. Temos de assumir o risco da mudança, a aventura de começar de novo, de nos adentrar em caminhos desconhecidos de novas estruturas. Necessitamos da coragem para enfrentar este risco.

E isto nos exige uma vida comunitária mais profunda, onde nos conectamos não semente para nos sentir seguros, mas para partilhar nosso mais profundo interior, nossa busca do Deus que nos chama pessoal e coletivamente a fazer deste mundo seu Reino; a mudar nossa estrutura em função de nossa missão e nos manter em discernimento constante.

As estruturas como expressão do carisma

Estamos chamados a viver a missão segundo o carisma de nossa Congregação. A presença dos carismas na Igreja dá testemunho de um espírito de liberdade, que cria a diversidade, reflexo da plenitude de Deus. Ninguém pode ter a pretensão de ter a única verdade, nem a melhor opção. Ao contrário da instituição, que tende a se afirmar com solidez única, absoluta, a VRC vive na humildade da diversidade e está chamada a construir a unidade a partir da pluralidade. A tentação de se tornar absoluto é vencida porque sua identidade consiste na variedade de formas em que o Espírito se manifesta, sem que ninguém possa ter a pretensão de ser única ou melhor. Por isso, na hora de reestruturar-se para a missão, é tão importante buscar na fonte do próprio carisma. É aí onde encontramos a inspiração para responder aos desafios que nos apresenta o contexto. Felicísimo Martínez, OP, fala de importância de revitalizar o carisma e a espiritualidade para revitalizar a missão. Ele nos diz: "O desafio fundamente hoje para a VRC é resgatar sua dimensão carismática e oferecer um testemunho profético na sociedade e na Igreja (testemunho de transcendência, seguimento radical, experiência contemplativa, missão evangelizadora)". Enfim, as estruturas devem dar corpo ao carisma.

Necessitamos voltar às fontes de nossa espiritualidade para resgatar essa intuição fundamental e expressá-la com a linguagem de hoje para encarar os novos desafios que o mundo nos lança. "Trata-se de deixar que surja a vitalidade do carisma para responder aos desafios e necessidades do nosso tempo".

Não podemos entrar na reestruturação como a última braçada antes de se afundar no mar bravio e profundo. A reestruturação não é um movimento agônico de quem está prestes a morrer e não quer se render. Para o cristão, não há agonia final porque a morte não é o horizonte da vida, mas a Páscoa. Sabemos que toda vida tem um valor próprio e irrepetível que vai além da morte. Sabemos que, como dizia António Machado, "tudo passa" e tudo morre, porém "tudo fica", não somente na lembrança, senão na vida que não morre, e que encontra seu valor no vivido, sem necessidade de perpetuar-se eternamente.

Temos de aprender a desfrutar a alegria de haver vivido como sinal que anuncia e cria o Reino, como gérmen de uma vida nova e distinta. Por isso, não temos de nos preocupar se nos cabe uma vida longa ou curta, mas se somos realmente testemunho e começo da nova vida. A reestruturação é sempre para crescer em coerência com o carisma original, que tem nascido do Espírito. Viver temendo a morte é estar sempre começando a morrer. Temos de viver a plenitude da vida recebida. E para isso assumimos o desafio da reestruturação, que não nasce do medo ao fracasso, mas da convicção de que temos encontrado o tesouro escondido. Por isso, a reestruturação tem que nos ajudar a revalorizar o carisma próprio e a vivê-lo com renovada intensidade.

O ser da VRC como sinal do Reino

Isto nos leva a olhar a reestruturação como uma ocasião de reinventar a VRC para nossos tempos e assim recuperar seu caráter profético de denúncia e anúncio. Jesus nos deixou duas parábolas que nos ajudam a compreender o significado deste momento. Disse-nos que devemos ser como o sal da terra. O importante do sal não é que seja muito. O excesso de sal estraga a comida. Somente um pouco basta. O necessário para dar sabor à comida. Porém, não sabor de sal. Mas extrair do interior da comida seu sabor, de forma que, passando despercebido o sal, tudo adquire o gosto que Deus lhe deu na criação. Assim, a VRC extrai da vida e da história o sabor do Reino. Não para que saiba a votos, rosários e salmodias, mas para que tenha o gosto da humanidade nova, onde crescem a justiça e a fraternidade. Para que sejamos sinal e fonte do Reino.

E quando Jesus nos disse que somos luz, nos recorda que nossa função é iluminar a realidade, não sermos nós o Reino. Não há necessidade de que sejamos resplandecentes, mas que ajudemos a ver o caminho, que é Jesus.

Reorganizamo-nos para fazer mais transparente o sentido de nossa vida. Para ser comunidade que reflete o amor que se entrega na dinâmica missionária. Nossa obediência não busca subordinar liberdades humanas ao capricho de um Superior, mas encontrar a vontade de Deus para fazê-la com entusiasmo.

Em um mundo saturado de informação, porém não comunicada; onde nem as novas tecnologias são capazes de diminuir o conflito e a violência; onde tudo se fragmenta: sociedade, família e até a própria identidade, nós queremos buscar ser comunidades verdadeiras. Em um mundo onde a ânsia de consumo cresce com grande rapidez até destruir a natureza e criar a

cultura do descartável, onde excluímos a vida humana mais frágil, a volta real à pobreza evangélica torna-se significada. Por isso, os gestos simples do Papa Francisco de desprendimento (das habitações vaticanas, dos carros e roupas luxuosas, dos sapatos rasgados) fazem tanto impacto. Como o fazem os religiosos que vivem na pobreza entre os pobres.

Reestruturamo-nos para fazer transparente Jesus como centro de nossas vidas e sentido da nossa existência. Em um mundo que busca experiências no supermercado religioso, devemos anunciar, com nossa vida e estilo, com nossa contemplação, a alegria da experiência do ressuscitado. "Reestruturamo-nos não porque somos menos e mais velhos, mas porque queremos ser melhores e servir mais".

Devemos buscar novas maneiras de transparecer nossa alegria, nossa esperança, nosso amor, nossa confiança no Senhor. De superar as opacidades que tem ocultado esta experiência, às vezes até nós mesmos.

O Papa Francisco tem insistido que todos somos pecadores. Isso significa que todos necessitamos nos colocar em estado de conversão. É um processo constante e sem fim. A VRC, como sinal, não tem que aparentar santidade. Tem de transparecer atitude de seguimento de Jesus, humildemente reconhecendo que, às vezes, vai muito à frente, até que parece que nos perdemos. Porém, que não deixemos de buscá-lo. A reestruturação deve ser parte desta busca.

A eclesiologia do Vaticano II

O Vaticano II resgatou a imagem da Igreja como Povo de Deus em marcha pela história, povo de sacerdotes, profetas e reis, como nos diz a oração do crisma batismal. Esta imagem equilibra a ênfase hierárquica que a Igreja havia desenvolvido ante os embates de uma modernidade democrática e anticlerical. O laicato recupera o protagonismo na Igreja. Neste meio século depois do Concílio, esta maneira de entender a Igreja tem avançado com suas dificuldades. Porém, é evidente que a ideia de povo nos situa em uma perspectiva distinta. É uma marcha com outros, mais que uma marcha à frente de outros. Uma hierarquia mais próxima do povo. Um povo mais envolvido na liderança.

Também a VRC é parte deste povo. E o Papa Francisco tem ressaltado seu papel nesta marcha. Sem dúvida, ao constituir 2015 como o Ano da Vida Consagrada, quer devolver à VRC o protagonismo próprio em uma Igreja carisma e instituição.

A imagem de Igreja povo de Deus nos faz sentir plenamente Igreja com outros e outras que caminham conosco no seguimento de Cristo. Sobretudo que caminha com os pobres, como nos recorda o Papa Francisco, com cheiro de ovelha. Essa Igreja sensível às "angústias e esperanças" do povo, que optou pelos pobres, como tem afirmado a Igreja latino-americana em todas suas Conferências, em seguimento de Jesus. Que caminha junto a eles, com a proximidade que Jesus nos ensinou.

Esta Igreja se faz assim sacramento do Reino, espaço de comunhão e participação, como a definiram nossos bispos em Puebla. Uma Igreja que quer camihnar com outros, e por isso sai dos templos ao encontro dos outros nas praças, discípula e missionária, como a definiram os bispos em Aparecida.

Quiçá os números decrescentes interpelam nossa soberba, que chegou a crer que podíamos sozinhos. Leva-nos à humilde aceitação de que é de Deus a obra, e nós não somos mais que colaboradores, com muitos outros. Leva-nos a aprender a trabalhar com eles como companheiros, partilhando tarefas e liderança. Convida-nos a nos reestruturar para o trabalho de um jeito novo, mais horizontais, mais em rede, reconhecendo humildemente que a obra não é nossa, mas de Deus, que guia seu povo através dos caminhos difíceis da história.

As contradições por resolver (ou por viver)

Depois de todas estas considerações, podemos voltar à dura realidade que nos diz: tudo isso é muito bonito, porém temos que nos reestruturar para responder à missão, e isso é um processo organizativo que tem sua técnica.

É certo, o processo de reestruturação deve aproveitar os conhecimentos acumulados sobre o assunto. Porém não pode esquecer que se dá para cumprir uma missão, e que tem que, ele também, expressar uma espiritualidade, uma maneira de viver a fé, que é o mesmo que viver a vida.

Os Agostinianos Recoletos refletiram assim sobre seu processo: "a verdadeira revitalização nos leva a mudar as estruturas, e a reestruturação serve de pouco sem a renovação pessoal e comunitária". O processo de renovação das estruturas é preciso vivê-lo com estas contradições.

"Quiçá tenhamos que reduzir nossas obras e aliviar as instalações físicas ou a infraestrutura que as sustentam". Isso não ajudará a perder peso para viver melhor a pobreza. Isso nos obrigará a optar pelo essencial. Isso nos levará a verificar até onde vai nossa opção pelos pobres na hora de tomar decisões difíceis de fechar obras. Isso nos revelará nossas verdadeiras prioridades, nas quais temos colocado nosso coração.

Isso nos obrigará a buscar formas de aprofundar o carisma com menos pessoas religiosas. E isso nos obrigará a dar mais importância à formação dos colaboradores leigos e leigas. Isso nos exigirá aprimorar o testemunho evangélico de nossas vidas.

"A reestruturação exige também tornar leve o aparato burocrático e atualizar a organização das obras e instituições, dar-nos uma organização menos provinciana e regionalista, mais global, internacional, intercultural, tornar leve a burocracia". Isto requer incorporar novas formas organizativas, baseadas nas novas tecnologias, como as redes e as novas formas de comunicação e participação virtual. E ao adotá-las, necessitaremos repensá-las a partir da missão. Não se trata de simples substituição de velhas formas organizativas e administrativas pelas novas. Trata-se de usar ferramentas e metodologias que nos sirvam e se adaptem à missão que temos, e não o contrário.

A visão mais universal, coerente com um mundo globalizado, não pode ser conseguida às costas dos pequenos, das identidades e culturas locais, da riqueza da diversidade. Sempre o processo de globalização deverá integrar a pluralidade sem pretender a homogeneidade. Esta tensão entre o universal e o particular tem de ser vista não como um problema, mas como lucro.

Outra contradição, que é de sempre, porém vivida agora com mais intensidade, dá-se entre quantidade e qualidade. Afrouxamos nossos níveis de exigência vocacional para aumentar um pouco o número de candidatos e candidatas? Relaxamos nossas exigências da VRC para reter os poucos que nos chegam? E temos que voltar à parábola do sal. Para que serve se perde o sabor? O importante não é encher o pote de sal, mas que apenas um pouquinho seja suficiente para dar sabor à comida.

E o mesmo quanto ao nosso apostolado. O importante será manter muitas obras e números altos, ou que o fogo que comunicamos realmente ilumine e aqueça as vidas das pessoas e comunidades que nos toca?

Os números decrescentes nos obrigarão a aceitar que não somos Deus, nem temos de estar em todas as partes. Que devemos deixar Deus ser Deus e nos situarmos perto dos pobres. Em uma sociedade que expressa idolatria pelo consumismo e sua falta de solidariedade e fraternidade na privatização dos bens. Por uma sociedade que a austeridade é uma palavra ruim e que destrói, privatiza e deprecia todo o público (os parques, os hospitais, as escolas, as calçadas, as praias, os templos, a política, o meio ambiente). Nesta sociedade é um sinal profético assumir a defesa do público, comprometer-se pela qualidade da educação e da saúde, por políticas sociais justas, por espaços públicos seguros, limpos e harmoniosos, pelo cuidado

do meio ambiente. São os espaços dos pobres, de acesso livre. Viver com o povo, trabalhar, partilhar sonhos e lutas com ele pode ser uma forma de nos aproximar e retomar nosso serviço.

O testemunho de que, afirmando-nos como irmãos e irmãs, é a melhor forma de afirmar o sujeito. Que cada pessoa é sempre em relação e que sua identidade não se define pela rejeição do outro, do diferente, mas pela forma com que se relaciona com ele. À criação de uma sociedade acolhedora do imigrante e do pobre, capaz de construir unidade na diversidade é sinal do Reino. Nossas obras, nossos espaços, devem refletir essa hospitalidade própria da fraternidade cristã.

O deixar de olhar o laicado como subordinado e ver-nos como colaboradores, com eles, da missão que cristo nos tem confiado, será também testemunho dessa fraternidade que está tão ligada ao Reino que Jesus nos propõe.

Todas estas tensões implicam que a metodologia que se use no processo é muito importante. Não deve ser algo imposto de cima, em nome da obediência, mas uma busca participativa, o mais amplamente possível.

Deve-se chegar a consensos ou ao menos a maiorias amplas. Não se deve fazer por votação, deixando o amargo sabor de ganhadores e perdedores. O estilo de busca da vontade de Deus, de discernimento, deve chegar a nos sentir ganhadores com o processo. Deve-se prestar especial atenção aos jovens, por sua sensibilidade para os desafios do presente e porque eles serão quem terão de levá-la adiante. Não se deve fazer com precipitação, com pressão para conseguir resultados rápidos, tampouco se pode deixar arrastar. Às vezes, os que se opõem ao sentir da maioria tentam deter o processo, porque veem que irá onde eles não querem. É uma forma de ganhar as minorias.

Conclusão

Estas reflexões nos permitem descobrir alguns critérios para a reestruturação:

1. Não devemos separar reestruturação de revitalização. Não é somente uma reorganização administrativo. Trata-se de um processo pessoal e coletivo de renovação espiritual. Buscamos que "as estruturas de governo se agilizem, modernizem e flexibilizem no possível (...) capazes de animar a vida e a missão".

2. O processo de reestruturação tem um anterior: conseguir uma atitude de disponibilidade, de indiferença no sentido inaciano, em que entramos sem posturas tomadas, mas abertos à ação de Deus.

3. A motivação para a reestruturação deve ser a missão e não nós, nossa comodidade ou sobrevivência. Esta perspectiva nos leva a uma visão mais estratégica, mais universal e intercultural (não centrada em minha província, meu país, minha obra, minha cultura). Leva-nos a assumi-la com sentido solidário, ao lado dos pobres, dos mais frágeis (pessoas ou comunidades). Dá-nos sensibilidade eclesial para nos por a serviço das necessidades da Igreja.

4. A atualização deve, a partir dos valores do Evangelho e do carisma próprio, adequar o governo e os meios da VRC às necessidades do mundo de hoje, buscando maior eficiência e eficácia, utilizando os recursos que nos oferece o mundo atual.

5. A reestruturação deve focar a atualização do carisma como uma contribuição à Igreja e ao mundo.

6. É importante ter em conta que nossa vida, nossa comunidade, é parte da nossa missão. A VRC é testemunho de seu estilo/votos, vida comunitária. Ao nos reestruturar não temos que pensar na ação apostólica como a totalidade da missão.

7. Uma reestruturação com sentido eclesial tem em conta os leigos e leigas que colaboram na missão e se preocupa pela sua formação e participação.

8. É importante ter em conta a metodologia, que deve ser participativa, de discernimento, incorporando especialmente os jovens, incluindo os pobres como um critério teologal. E, sobretudo, temos que nos deixar guiar por Deus, colocando de nossa parte todos os saberes e entusiasmos, toda a esperança e a fraternidade de que somos capazes.

UM DIÁLOGO ENTRE O CRISTIANISMO E AS CULTURAS, A PARTIR DAS VÍTIMAS DO MUNDO

José Ricardo Zonta

Introdução

"Fé e Cultura" estão a dialogar constantemente porque não existe uma fé que não se estruture em uma cultura e nem uma cultura que não nutra alguma crença. Desde o momento em que o Verbo se fez carne em uma cultura, colocar a fé em diálogo com as culturas é para nós uma exigência evangélica, que nos nossos dias é ainda maior.

A visibilidade, as expressões e os costumes da fé são também cultura. Cada cultura é um espaço favorável para a encarnação da mensagem cristã. Podemos dizer que quando Deus criou o homem e a mulher e os responsabilizou por sua obra, empenhando-os como cuidadores criativos do todo criado, Ele fundou, com a sua obra, a cultura (Gn 1,27-28). Dessa forma, a primeira cultura foi dom de Deus. Ele estabeleceu o homem e a mulher em uma relação fraterna, em um Jardim de delícias – Éden, dando-lhes o que de precisavam, nada faltava, tudo estava em ordem. (Gn 2,15). Pelo livre arbítrio, as pessoas mudaram a cultura original, fazendo surgir outras formas de cultura marcadas pelo desejo de rivalidade (a cultura que nasceu da vitória de Caim sobre Abel – Gn 4).

Mas nós fomos formados para observar as culturas sempre com um olhar inocente. Recordo um professor de história que não aceitava a expressão

"cultura de morte" presente em alguns textos do magistério da Igreja. Ele sustentava que não existe cultura de morte, porque cada cultura é um arranjo social para favorecer a vida. Com esse professor, estudamos um texto que apresentava várias culturas da Oceania, África e América, onde os exemplos demonstravam que algumas coisas que parecem absurdas das culturas possuem um senso de defesa e promoção da vida.

Daquele texto, recordo um costume dos povos esquimós: uma pessoa, quando se tornava anciã e não podia mais caminhar, ela mesma se fechava em um iglu e permanecia à espera da morte. Todavia, aquilo não era em uma perspectiva de morte, mas de vida. Se o grupo familiar parasse para cuidar da pessoa anciã, todos estariam em risco de morte. Assim, aquele texto dava a entender que as intenções de uma cultura são verdadeiramente retas, ainda que se apresentem absurdas para alguém que carrega no coração a mensagem do Evangelho. Foi nesse sentido que Dom Davidson elaborou o princípio de caridade: "se tenho a intenção de conhecer uma cultura, devo imergir nela e participar das suas crenças específicas".

Para alguém que foi formado nesse modo de conceber, não é fácil perceber que as culturas são um arranjo social bem mais complexo. Nesse sentido, a teoria de Girard é determinante. O seu modo de apresentar as culturas como um processo que surge de uma rivalidade mimética provocou em mim uma grande impressão. E, segundo a nossa concepção, o termo "vítima" utilizado por ele, em uma perspectiva moderna e atual, serve para promover um verdadeiro diálogo com as culturas e nos ajudar na nossa escalada do amor.

E não importa, segundo o nosso parecer, se são vítimas do "ciclo mimético" ou, se de outra sorte, se fazem de vítimas, porque a vítima será sempre vítima de alguém, de um sistema ou das próprias escolhas erradas.

Se o Evangelho quer dialogar com as culturas, tomar o corpo de uma cultura, penetrar cada cultura, servindo-se daquilo que é autenticamente cristão, e iluminar, pela Revelação, aquilo que deve ser transformado, inspirando-nos no trabalho de Girard, afirmamos que um ponto de convergência para dialogar com as culturas são as vítimas. Se no início de cada cultura, como afirma Girard, está presente o ciclo mimético, o começo do diálogo com cada cultura deve partir dele.

As vítimas são o ponto de aproximação com as culturas, que servem de mediação para a teologia, assim como sugere a Carta Encíclica *Fides et Ratio*: "(...) Enquanto inteligência da Revelação, a teologia nas diferentes épocas históricas foi sempre chamada a receber as instâncias das várias culturas para poder mediar, através destas, o conteúdo da fé". Se "nenhuma outra

sociedade preocupou-se das vítimas como a nossa (...)",[1] o Cristianismo, a teologia, devem se valer dessa sensibilidade moderna para promover com as culturas um novo Pentecostes.

Todavia, em Pentecostes, a mensagem ressoa de um modo impressionante, porque todos compreendem a manifestação de Deus no horizonte cultural de cada um, na própria língua. Sendo assim, devemos aprender que dialogar com as culturas é manter a unidade na diversidade, unidade no princípio da caridade, unidade na ótica evangélica da misericórdia, porque a uniformidade jamais será possível dado que cada um compreende e percebe o mistério na sua própria língua (At 2,11). Quando se fala na língua das culturas é que se muda as culturas, é que nos fazemos entender. Quando se fala na língua das culturas é que o Cristianismo apresenta o seu estupor e deixa as culturas perplexas, suscitando admiração (At 12).

O diálogo entre o Cristianismo e as culturas não pode iniciar com base em um juízo de condenação, como se as culturas simplesmente fossem responsáveis pelo mal, dado que cada cultura se estrutura para ser a cuidadora de um grupo, da vida. O diálogo servirá para mostrar às culturas que alguns dos seus costumes se estruturam com base em desejos de rivalidade, não obstante o que se procura seja a via da felicidade e da reconciliação.

Cultura e Cristianismo podem dialogar com simpatia crítica, pois têm objetivos comuns. Se não surgiram da mesma forma, possuem a mesma intenção – defender a vida.

Se o Evangelho é revelação de Deus por meio de uma cultura é porque as culturas são capazes de acolhê-lo. Tal diálogo ajudará cada cultura a tomar consciência de si mesma; transformará por dentro as culturas, promovendo o Reino de Deus; respeitará a estrutura de cada cultura porque dialogará a partir de dentro das culturas, não de fora. Mas isso ajudará também o Cristianismo a ver o mundo com outros olhos, reconhecendo como São Justino "as sementes do Verbo em cada cultura". Cultura e Cristianismo possuem uma linguagem comum e é isso que devemos destacar.

A relação entre as culturas, o Cristianismo e as vítimas

Girard nos ajuda a compreender que as culturas nascem de um processo mimético. As vítimas, entendidas no sentido de capro expiatório, tornaram-se uma construção das culturas que encontram um modo inconsciente para justificar a realidade desumana na qual nasceram. Nenhum sujeito está fora

1 JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio* (FR).

desse processo mimético no qual todos se voltam contra um, processo que de certa forma é a incorporação de "satanás" no mundo, o instrumento de satanás para expelir ele mesmo, reforçando continuamente a cadeia mimética nas suas três dimensões: "crise inicial", "violência coletiva" sucedida por uma "epifania religiosa" que conclui o processo e promove a "reconciliação da comunidade".

Os processos miméticos se perpetuam nas culturas porque provocam uma imitação: a crise mimética é gerada com a perda das diferenças. Utilizando a linguagem de Girard, os indivíduos são transformados em cópias, em meio à violência da multidão, não se reconhecem fora do desejo da multidão: "(...) como as rochas se transformam em areia, da mesma forma o povo se transforma em uma massa amorfa (...)".

Imersos na cultura que organiza a vida do grupo e favorece o mecanismo coletivo do fenômeno mimético, as pessoas são incapazes de ver a armadilha em que vivem. É próprio esta incapacidade de ver, de libertar-se desse ciclo, que Girard denomina escândalo.

Todavia as culturas não seriam capazes de favorecer tal processo sem legitimá-lo através da religião: "(...) A humanidade – eu acredito – é filha da religião".

As religiões nascem para legitimar, ritualizar o processo mimético. Sem o rito, as religiões viveriam em um constante conflito. Nesta perspectiva, se as culturas se servem da falsa religião para justificar o processo mimético e, se os seres humanos carregam consigo um desejo de absoluto que se exprime na religião, somente uma autêntica religião pode desmascarar aquilo que as culturas carregam de pior: "(...) O encontro da fé com diferentes culturas deu origem a uma realidade nova. As culturas, quando são profundamente radicadas no humano, levam consigo o testemunho da abertura típica do homem ao universal e à transcendência (...)".

As culturas, que não possuem consciência do processo mimético, através do qual nascem, precisam de alguém que as ajude a olhar para si mesmas. Para passar da lógica da rivalidade à lógica da misericórdia, as culturas devem ser iluminadas por uma mensagem libertadora. Assim surge uma pergunta importante e que se constitui nosso novo argumento.

A Palavra de Deus e as Vítimas

Girard faz uma exegese brilhante para demonstrar que as vítimas na Sagrada Escritura são vistas com um modo totalmente diverso daquele dos processos miméticos apresentados nas narrativas mitológicas. Ele mostra de que forma, na Palavra de Deus, as vítimas possuem voz e defesa.

Na Bíblia, os Salmos se distinguem por ser uma oração que, feita pela Igreja através dos séculos, doa eco à voz das vítimas. Nos Salmos as vítimas apresentam o próprio desejo de liberdade, de justiça. É uma oração com dimensão profundamente libertadora se fizermos comparação com os mitos, porque neles, as vítimas jamais têm o direito de se manifestarem.

Todavia, muito mais que dar voz, a Palavra de Deus assume a defesa das vítimas. A máxima defesa das vítimas é apresentada nos textos da Paixão. O relato evangélico, mantendo a estrutura dos mitos, o supera de um modo extraordinário: a multidão está dividida em dois grupos, não é unânime como nos ciclos miméticos; Jesus não é condenado pela maioria, mas por um grupo que se pensava ameaçado pela sua mensagem; Ele é reconhecido como a vítima inocente por um ladrão, um guarda, pelos amigos que lhe oferecem uma sepultura. E a sua ressurreição não tem um vínculo com aqueles que o mataram, não é obra fictícia de quem o matou, mas é ação do Paráclito que, como Pai, ressuscita o Filho após três dias, rompendo, assim, com as narrações míticas que imediatamente após o sacrifício assegurava a ressurreição como uma reconciliação em favor da comunidade que havia cometido um grave delito.

Confrontado com a Palavra de Deus, cada mito que propaga o ciclo mimético perde a sua força, o seu sentido. Cada religião que promove o sacrifício das vítimas humanas, que justifica o sacrifício psicológico, que usa o processo de capro expiatório para manter o ciclo mimético como estrutura de poder, que não faz um discurso profético-libertador, transforma-se em mentirosa, enganadora, um falso processo de transcendência. Porque a Palavra de Deus é a base da especulação teológica, da evangelização, da vida cristã, esta suscita uma nova pergunta: o que há de comum entre o Cristianismo e as vítimas?

O Cristianismo professa a sua fé em uma vítima

Todos sabemos que no centro do credo cristão está a profissão de fé em uma vítima que, por amor, doou a vida em favor da humanidade, até redimi-la e salvá-la do ciclo mimético, apresentando uma outra via. O Cristianismo é amor, compaixão para com as vítimas. Na cruz, onde se apresenta o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem,[2] o Cristianismo reconhece que ser e amor se reclamam. (Teologia de Balthasar) O Cristianismo é a religião que professa a fé em uma vítima e que, ao professá-la, empenha-se por solidariedade com todos os sofredores do mundo.

---

2 GS, n. 22.

Como Jesus aceitou a cruz para retirar o homem crucificado do ciclo mimético, a Igreja anuncia a cruz como sabedoria de Deus, capacidade de enganar "as potestades e principados do mundo" e impedir que Satanás expulse Satanás continuamente. Portadora do tesouro do Evangelho, a Igreja promove, antes de tudo, por meio do seu testemunho de comunhão e fraternidade, uma nova ótica, uma nova ética, porque "se existe uma ética do Cristianismo, é aquela do amor ao próximo, uma ética da qual não é difícil identificar a origem".

Na verdade, toda a nova preocupação para com as vítimas que surge no nosso tempo não nasce por acaso. Se essa nova visão das vítimas surge na era assim denominada cristã, é porque a sua mensagem libertadora a suscitou.

Neste sentido, Girard é enfático ao afirmar que os filósofos modernos, os pensadores dos nossos dias, não admitem a importância do Cristianismo por puro preconceito dado que estamos em uma era ultra cristã, onde o Cristianismo reclama o cuidado para com as vítimas.

O contributo do Cristianismo é fazer com que as pessoas compreendam o processo histórico no qual a humanidade, desde a sua origem, se encontra. O Cristianismo se transforma em um espelho que não reflete mais o rosto do mimetismo, mas um modo de superá-lo, no Cristo que se fez Cordeiro Imolado pelas vítimas do mundo.

As vítimas são, para o Cristianismo, um apelo. A fé cristã torna-se credível somente no amor. É isso que o Papa Francisco vem tentando mostrar com grande empenho e sacrifício. Fora desse âmbito, a religião cristã não possui um sentido. Cada vítima representa o Crucificado e pede a intervenção profética da Igreja; um mundo com tantas vítimas é um sinal que a mensagem cristã tem ainda muito por fazer em favor da humanidade.

Sabedores de que o grande escândalo do processo mimético é a colocar-se ao lado das vítimas, fazendo-se um crucificado com Cristo: "por Ele o mundo está crucificado para mim, como eu estou crucificado para o mundo" (Gl 6,14).

A experiência de Deus e a sensibilidade moderna: ser vítima com as vítimas!

O processo do secularismo não é uma negação do religioso, mas como já afirmamos anteriormente, uma recusa da instituição e de todas as instituições que não são capazes de demonstrar a credibilidade da mensagem que anunciam. A multiplicidade de crenças religiosas na modernidade e pós-modernidade revela

que as pessoas estão ávidas por fazer uma experiência de Deus. Não podemos deixar esse tempo de graça passar em vão. E a graça a qual esse tempo nos convida é a da solidariedade e do amor. O coração das pessoas está mais sensível à dor alheia, então, aproveitemos esse tempo para abraçar e proclamar o essencial da fé: Deus é amor, e o cristão só é cristão no amor.

Todos sabemos que o processo de evangelização e catequese foi superficial para a maioria dos cristãos. Sendo assim, é tempo de promover entre os cristãos uma autêntica experiência de Deus; experiência que iluminada pelo amor de Jesus Crucificado, seja capaz de mostrar às pessoas modernas que todas as preocupações para com as vítimas de hoje é uma preocupação essencialmente cristã.

A sensibilidade moderna em favor das vítimas, demonstrada por meio de inúmeras ONGs, é uma grande oportunidade para promover um diálogo purificador das culturas através do Evangelho, mas é também oportunidade para promover uma autêntica experiência de Deus para os cristãos.

Enfatiza Sobrino que a expressão "Deus Crucificado" significa "(...) a participação real de Deus na Paixão do mundo". E nós afirmamos que a expressão cristão não pode ser outra coisa que, compaixão, codividindo os sofrimentos de todas as vítimas, "que carregam sobre as frontes o nome de Jesus Crucificado".[3] O nome cristão que nasceu em meio a uma obra de caridade, somente neste âmbito possui credibilidade (At 11,19ss).

Assim, a cruz de Jesus 'tornou-se o protótipo eminente da ação salvadora de Deus e o modelo da resposta dos homens". Quem quer fazer uma experiência de Deus deve viver na dinâmica do Crucificado, do caminho do amor como via que une a terra ao céu.

O homem feito palavra pelo Verbo não se torna uma mensagem vazia somente quando transmite consigo a sabedoria da cruz.

É por isso que Leonardo Boff afirma: "(...) a teologia da cruz promove a crucifixão do cristão. (...)".[4] O caminho da compaixão verso as vítimas é a escada que nos conduz ao céu. No caminho da cruz, o amor crucificado nos ensina que o desejo de Deus é um desejo verso o outro – um desejo de fraternidade; que a nossa orientação verso o absoluto é uma orientação direcionada a quem está prostrado – por falta de solidariedade; que o coração da espiritualidade é fazer-se vítima com as vítimas, para ser, com a vítima Jesus, uma força que quebra todas as correntes de morte presentes nas culturas; de fato, uma ruptura com o mal.

3 São Paulo da Cruz.

4 Leonardo boff.

Como afirma Girard, com Jesus crucificado aprendemos a não ter uma vontade própria, mas somente a vontade do Pai. Ser vítima com as vítimas, por e na vítima, é aprender a nutrir um querer verso aos outros, é romper em si o vício de pensar que somos o centro do mundo, procurando satisfazer apenas nossas vontades. O desejo profundo de Deus, de vida, é tão manipulado na modernidade, de sorte a perder o seu potencial positivo e divino. Somente a Cruz pode colocar um freio em nossa vida e remodelá-la. Mas como fazer essa experiência?

"Somos filhos e pais da cultura!"

Essa expressão da *Fides et Ratio*, somos filhos e pais da cultura, nos faz pensar que diante das culturas não somos apenas marionetes, como se uma megaestrutura determinasse totalmente a nossa vida: "(...) Cada homem é inserido em uma cultura, desta é dependente, sobre esta influi. (...)".[5]

Na sua experiência de Deus, Paulo identificou os inimigos da cruz de Cristo com aqueles que tem por Deus o próprio ventre e que colocam a glória nos próprios erros (Fl 3,18-200). Aqueles que deixam os seus desejos falarem mais forte, que não sabem se colocar no lugar das vítimas, esses são apenas filhos das culturas, nunca serão pais, construtores de uma religião que é amor. A experiência de fé amadurecida por Paulo lhe permitiu crucificar o mundo para si e crucificar a si mesmo para o mundo (Gl 6,14).

Jesus, na cruz, aceitou o diálogo com os ladrões, com as vítimas; deu voz a eles para mostrar que devemos fazer o mesmo. O calvário nos mostra que, de um lado e do outro, nos chegam os apelos das vítimas do tempo e da história. A proposta do Cristianismo é a de nos tornarmos vítimas com as vítimas, a fim de vencermos o ciclo da violência, que se perpetua pela nossa falta de consciência e de solidariedade. Somente nessa dinâmica podemos crucificar na nossa carne os processos miméticos, os nossos desejos egoístas e impedir que Satanás manifeste a si mesmo através de nós. O Salvador nos apresenta apenas uma solução: sermos crucificados com as vítimas, enquanto construtores livres de uma nova cultura.

Acreditamos que "(...) a cultura possui em si mesma a possibilidade de acolher a revelação divina (...)", porque ela não é apenas pai-mãe da humanidade, mas é também filha. As culturas mais que em outros tempos estão abertas para acolher a Revelação divina, porque estão sensíveis e abertas aos sofrimentos das vítimas.

---

5 FR.

Se a vitalidade e subsistência das culturas é "a capacidade de permanecerem abertas à acolhida do novo", não existe nada mais novo para as culturas que a mensagem do Evangelho que rompe com a prisão mimética. Se as pessoas são também pais e mães da cultura, acolhamos a preocupação do nosso tempo com as vítimas e promovamos o diálogo que pode mudar a história e que desde o princípio oferece credibilidade a nossa fé. Recolhamos, com as vítimas, a nossa humanidade caída através do processo mimético. Movamo-nos na direção do novo que é a compaixão cristã, que outra coisa não é do que a compaixão de Jesus para com as vítimas.

Uma história bonita de reconciliação e de renovação da cultura está presente em Gênesis (27, 6ss). O desejo de rivalidade, o processo mimético estava latente quando Jacó enganou o pai a pedido da mãe, e recebeu a benção de forma imerecida.

Após enganar o pai e o irmão, sonhando com a escada que da terra chegava ao céu, Jacó fez um altar com a pedra sobre a qual reclinou a sua cabeça (Gn 28,12ss) A religiosidade não serviu de forma inconsciente para acalentar a sua consciência malformada e egoísta. E Deus o convidou a ser mais, a subir.

A verdadeira fé não aceita o sacrifício do outro. Ela prefere sacrificar-se fazendo o bem (1Pd 3,17), a sacrificar o outro, nosso irmão. Por isso, a experiência religiosa de Jacó o conduziu a uma luta com Deus (Gn 32,24ss). Marcado por Ele, Jacó partiu para a reconciliação com o seu irmão (Gn 33).

A mesma luta nós devemos empreender, na ótica do que Cristo nos ensinou: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13). A proposta do Cristianismo tem o poder de vencer o ciclo mimético. O que nos marca na "coxa" e na alma é o sangue de Cristo que não aceita o sacrifício do outro, pois acredita que só o amor crucificado, o amor feito sacrifício, pode gerar uma sociedade não violenta, uma sociedade irmã.

Mais uma vez, fica o apelo dos dias de hoje, recusemos uma religião que serve o ciclo mimético ao apaziguar as consciências, depois do sacrifício das vítimas por meio do processo de capro expiatório. O Cristianismo não aceita um uso tão absurdo, totalmente contrário à sua essência e filosofia.

E acima de tudo, não deixemos passar em vão esse tempo de graça. Como religiosos(as), como o Papa Francisco, promovamos o ecumenismo e o diálogo entre as religiões com base no resgate das vítimas desse mundo. A sensibilidade para com as vítimas nos leva não somente a contemplar os anjos que sobem e descem a escada que conduz ao céu, mas nos torna

mensageiros(as) – anjos de um tempo novo, onde se pede das religiões e Igrejas um amor autêntico, para acordarmos de um pesadelo que pode ter fim: o ciclo mimético. Que a misericórdia não tenha limites em nossos corações, pois, a eterna bondade do nosso Deus quer despertar o mundo!

Questões para refletir

> (...) O poder do mal é chamado de pecado. Falamos do perdão dos pecados unicamente por graça e unicamente através da fé. Isso é também importante, mas é apenas a metade da verdade: o pecador é o fautor do mal, e onde ficam as vítimas de seus pecados? (...)
>
> O sacramento da penitência está unilateralmente orientado para os fautores e a doutrina da justificação reformadora é esquecida das vítimas. Aqui se abre uma fresta da doutrina cristã da graça. A teologia católica da libertação é a primeira teologia que começa com as vítimas, os pobres.[6]

1. O que são as vítimas do mundo para você (todas as vítimas)?
2. Muitas vezes nos colocamos próximos dos malfeitores, pecadores e, em tantos momentos, permanecemos distantes daqueles que foram feridos pela injustiça, a violência, a maldade humana. O que podemos fazer para reparar os sofrimentos das vítimas? Afinal, a reconciliação exige ou não uma reparação? Quantas vítimas você socorreu ao longo do seu caminho espiritual?
3. Você concorda que é possível dialogar com as culturas a partir das vítimas? Mais que isso, transformar as culturas a partir de um olhar sobre as vítimas?
4. A VR está disposta a "despertar o mundo", como "pai e mãe" de uma nova cultura, ao se fazer vítima com as vítimas?

6 Jürgen Moltmann.

CRB